UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FFCLRP - DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA E EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

“Vida familiar: modelo, consenso e consonância cultural
na população de Ribeirão Preto”

Camila Dellatorre Borges

Dissertação apresentada à Faculdade de Filosofia,
Ciências e Letras de Ribeirão Preto da USP, como
parte das exigências para a obtenção do título de
Mestre em Ciências, Área: Psicologia.

RIBEIRÃO PRETO - SP

2004

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FFCLRP - DEPARTAMENTO DE PSICOLOGIA E EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

“Vida familiar: modelo, consenso e consonância cultural
na população de Ribeirão Preto”

Camila Dellatorre Borges

Prof. Dr. Manoel Antônio dos Santos

Dissertação apresentada à Faculdade de Filosofia,
Ciências e Letras de Ribeirão Preto da USP, como
parte das exigências para a obtenção do título de
Mestre em Ciências, Área: Psicologia.

RIBEIRÃO PRETO - SP

2004

FICHA CATALOGRÁFICA

Borges, Camila Dellatorre

Vida familiar: modelo, consenso e consonância cultural
na população de Ribeirão Preto. Ribeirão Preto, 2004.

247 p. : il. ; 30 cm

Dissertação, apresentada à Faculdade de Filosofia,
Ciências e Letras de Ribeirão Preto / USP – Dep. de
Psicologia e Educação.

Orientador: Santos, Manoel Antônio dos

1. Família. 2. Modelo cultural. 3. Consenso cultural. 4.
Consonância cultural

Camila Dellatorre Borges

Vida Familiar: modelo, consenso e
Consonância cultural na população
de Ribeirão Preto

Dissertação apresentada à Faculdade de
Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto
da USP.

Mestre em Ciências, Área: Psicologia.

Aprovado em:

Banca Examinadora

Prof. Dr. _____

Instituição: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____

Instituição: _____ Assinatura: _____

Prof. Dr. _____

Instituição: _____ Assinatura: _____

Dedico minha dissertação à minha família,

em especial a meus pais.

E também a Débora, Mauro e Bill.

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer...

Ao Prof. Dr. William W. Dressler primeiramente por ter me permitido utilizar dados do Projeto CADI para investigar um pequeno pedaço da realidade que nos rodeia. Em segundo pela possibilidade de ter convivido com um modelo de pesquisador, professor e chefe, sério, íntegro e de muito bom coração. E acima de tudo agradecer por sua imensa generosidade, disponibilidade e paciência desprendidas desde o primeiro momento desta pesquisa.

Ao Prof. Dr. Manoel Antônio dos Santos por ter me possibilitado essa importantíssima oportunidade de realizar o mestrado e ter acompanhado com atenção e cuidado as etapas desta jornada.

Ao Prof. Dr. José Ernesto dos Santos pela oportunidade de ter participado do Projeto CADI e assim ter uma rica e inestimável experiência de pesquisa.

A Mauro Campos Balieiro por ser um modelo de coordenador e pessoa, pelo apoio, orientação, incentivo e bom humor nos diversos momentos do Projeto CADI e desta dissertação.

A Débora Florenzano De Bortoli pelo companherismo, amizade e ajuda em momentos cruciais desta dissertação.

À Profa. Dra. Rosane Pessa Pilot Ribeiro, Mislene Camargo Molina, Daniela Vieira Pallos, Emília Chayamiti e Rosana Meirelles pela possibilidade de ter trabalhado e aprendido com essa estimada equipe de pesquisa.

A Ricardo Sasaki por ter me feito sentir confiança que poderia dar conta desse desafio.

À Regiane Sedenho de Moraes por acompanhar e apoiar de pertinho as várias etapas desta dissertação.

À Profa. Dra. Rosana Spadoti Dantas pela leitura atenta e sugestões preciosas.

Ao Prof. Dr. Jair Lício Ferreira Santos pela tão atenciosa ajuda com meu material de pesquisa.

Aos professores do Programa de Pós-graduação em Psicologia, em especial a Profa. Dra. Rosalina Carvalho da Silva e o Prof. Dr. Geraldo Romanelli, pelas reflexões e aprendizados.

À tia Maria Borges De Lázari pela cuidadosa e importantíssima revisão de meu material.

À Isilda Mattiusso Alves pela ajuda com os livros, artigos, dissertações... sempre disposta a ajudar com gentileza e atenção.

Às funcionárias da secretaria do Programa de Pós-graduação, Denise Silveira, Cristina Lima, Maria Inês Joaquim e Sônia Mendes pela eficiência e atenção e a Denise Cremonezzi pelo auxílio desde o início.

Aos funcionários da Biblioteca Central da USP de Ribeirão Preto, em especial a Maria Cristina Manduca Ferreira e Milene Celene pela ajuda com a revisão das referências bibliográficas e ao Bruno e a Amanda pela ajuda com os artigos.

À Ana Paula Brancaleoni e ao Júnior pela ajuda com a descrição de nossa cidade.

Ao Grupo de Estudo coordenado por Paulo Humberto Miike por há anos me auxiliar a pensar o desenvolvimento psicológico e os vínculos familiares dos indivíduos.

Às minhas amigas pelo apoio e incentivo.

À Fernanda Neísa Mariano por me acompanhar há anos nessa e em outras jornadas.

Aos Departamentos de Assistência Social e Saúde da Prefeitura Municipal de São Simão, que tem como responsáveis Marly Amaral e Mara Bonacin, pela flexibilidade em diversos momentos com meus horários de trabalho.

A todas as pessoas que participaram das inúmeras e infindáveis entrevistas (individuais e grupais) nos fornecendo esse rico e precioso material de pesquisa.

Ao Sandro pela ajuda neste final de trabalho.

À minha família pelo ininterrupto apoio e confiança.

RESUMO

BORGES, C. D. **Vida Familiar: modelo, consenso e consonância cultural na população de Ribeirão Preto**. 2004. 247 p. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, 2004.

A influência da cultura na adaptação individual tem sido uma questão de considerável importância na psicologia, antropologia e em outras ciências sociais; no entanto, dificuldades teóricas e metodológicas têm limitado a possibilidade de investigar diretamente esses processos. A investigação de modelos da vida familiar faz-se importante devido ao papel estrutural da família na sociedade brasileira e sua relação com a saúde mental e desenvolvimento dos indivíduos. Na antropologia cognitiva, modelos culturais servem como uma função diretiva para o comportamento, construindo processos de significação para os indivíduos. O conceito de *consenso cultural* refere-se ao modo em que os modelos culturais são compartilhados e valorados pelos indivíduos. Enquanto que o conceito de *consonância cultural* foi proposto para descrever o grau com que o indivíduo, em seu próprio comportamento ou percepção, se aproxima do modelo cultural compartilhado. O presente estudo propôs-se a identificar a presença de modelos culturais na vida familiar, a existência de um *consenso cultural* acerca desses modelos e analisar a *consonância cultural* da população urbana estudada em Ribeirão Preto. Este trabalho integrou o Projeto “Cultura e Adaptação Individual” (CADI) e analisou parte dos dados relacionados à vida familiar. Participaram desta pesquisa 295 habitantes de Ribeirão Preto, com idades entre 18 a 67 anos. No método foram empregados técnicas cognitivas (lista livre, agrupamento livre e entrevista de consenso cultural), grupo focal e a Escala de Consonância Cultural da Vida Familiar desenvolvida pela equipe do projeto CADI. Os dados foram analisados utilizando modelos estatísticos apropriados e a análise temática de conteúdo. Nos resultados verificou-se que há um único modelo de vida familiar sendo compartilhado, há um bom compartilhamento desse modelo e uma valorização de elementos afetivos em detrimento de uma dimensão relacionada à estrutura familiar. O modelo cultural da vida familiar foi composto por elementos positivos e negativos aos vínculos familiares. Os elementos positivos puderam ser relacionados à estrutura familiar e ao funcionamento afetivo e qualidade das relações familiares. Os elementos negativos puderam ser distribuídos em um “*continuum* de poder prejudicial aos vínculos familiares e aos indivíduos”. Sendo que “vício”, “violência” e “irresponsabilidade” foram os elementos relacionados como potencialmente mais destrutivos aos vínculos familiares e às funções protetivas que a família poderia desempenhar. A configuração familiar vem sendo afetada por transformações sociais, relacionadas principalmente à evolução tecnológica, ao desejo por um novo estilo de vida e a entrada da mulher no mercado de trabalho. A consonância cultural da vida familiar não apresentou diferenças significativas entre os quatro bairros estudados o que demonstra que os sujeitos se percebem vivendo a vida familiar independentemente das diferenças sócio-econômicas. O método empregado mostrou-se adequado para a investigação dos objetivos do projeto. Espera-se que este trabalho possa contribuir para um melhor entendimento da família no Brasil e assim auxiliar na adequação e definição de políticas públicas em nossa sociedade.

Palavras-chave: Família. Modelo cultural. Consenso cultural. Consonância cultural.

ABSTRACT

Borges, C. D. **Familiar life: model, consensus and cultural consonance in the population of Ribeirão Preto**. 2004. 247 p. Dissertation (Master Degree) - Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto, 2004

The influence of culture on individual adaptation has been a question of considerable importance in Psychology, in Anthropology and other social sciences; however, theoretical and methodological difficulties have limited the ability of researchers to directly investigate these processes. The investigation of familiar life models is important due to the structural role of a family in the Brazilian society and its relation with mental health and the development of individuals. In cognitive Anthropology, cultural models construct meaning for individuals and serve as a directive function for individual behavior. The term *cultural consensus* has been defined as the way cultural models are shared and rated by individuals. Whereas the concept of *cultural consonance* has been proposed to describe the degree to which an individual, in their own behavior or belief, approximate shared cultural model in some domain. The present work has been proposed to identify the presence of cultural models in familiar life, the existence of a *cultural consensus* related to these models and analyze the *cultural consonance* of the urban population studied in Ribeirão Preto. This work integrated the project "Culture and Individual Adaptation" (CADI- in Portuguese) and analyzed part of the data related to familiar life. Two hundred and ninety-five inhabitants from Ribeirão Preto, between 18 and 67 years old, participated in this research. In the methodology, cognitive techniques were used (free list, pile sort and cultural consensus interview), focal group and the Cultural Consonance Scale of Familiar Life developed by the team of the CADI project. The data was analyzed using appropriate statistical models and the thematic analysis of contents. In the results, it was observed that there is a single model of familiar life being shared, there is a good division of this model and a valorization of affective elements instead of a dimension related to familiar structure. The cultural model of the familiar life was composed by positive and negative elements in terms of family bonds. The positive elements could be related to familiar structure and the affective functioning and the quality of family relations. The negative elements could be divided into a "*continuum* of power which is harmful to family bonds and individuals", while "addiction", "violence" and "irresponsibility" were the elements reported as potentially more harmful to family bonds and the protective functions that a family could perform. The familiar configuration has been affected by social changes, due mainly to technological evolution, the desire of a new life style and the growing role of women in the working market. The cultural consonance of familiar life has not shown significant differences among the four neighborhoods studied, a fact that shows that individuals are aware of familiar life no matter the social and economical differences. The methodology applied has proved to be appropriate for the investigation of the goals of the project. This work is expected to contribute to a better understanding of families in Brazil and then, help to fit and define the public politics in our society.

Key words: Family. Cultural model. Cultural consensus. Cultural consonance.

LISTA DE TABELAS

Tabela 1	- Frequência absoluta e percentual dos sujeitos de acordo com os procedimentos de pesquisa utilizados nos métodos cognitivos, segundo o sexo dos participantes	56
Tabela 2	- Frequência absoluta e percentual dos sujeitos de acordo com os procedimentos de pesquisa utilizados nos métodos cognitivos, segundo o grau de escolaridade	57
Tabela 3	- Listagem das 19 primeiras características positivas elencadas no procedimento de Lista Livre	63
Tabela 4	- Listagem das 25 primeiras características negativas elencadas no procedimento de Lista Livre	64
Tabela 5	- Análise global do consenso cultural no domínio da vida familiar.....	68
Tabela 6	- Estimativa do consenso cultural no domínio da vida familiar.....	70
Tabela 7	- Caracterização dos participantes do Grupo Focal, segundo as variáveis: número de participantes, sexo, idade e estado civil em termos de frequência simples.....	72
Tabela 8	- Caracterização dos participantes do estudo da consonância cultural, segundo as variáveis sócio-demográficas: sítio, sexo, faixa etária e estado civil em termos de frequência absoluta, percentual simples e acumulada	126
Tabela 9	- Distribuição dos sujeitos, em termos de frequência absoluta e percentual, em função do nível de escolaridade dos sujeitos, segundo o bairro de procedência	127
Tabela 10	- Distribuição dos sujeitos, em termos de frequência absoluta e percentual, em função da ocupação dos sujeitos, segundo o bairro de procedência	128
Tabela 11	- Distribuição dos sujeitos, em termos de frequência absoluta e percentual, em função da renda familiar, segundo o bairro de procedência.....	129
Tabela 12	- Medidas descritivas da consonância cultural segundo os sítios estudados.....	135
Tabela 13	- Teste de homogeneidade.....	136
Tabela 14	- Análise de variância das médias da consonância cultural dos bairros estudados.....	136

LISTA DE FIGURAS

Figura 1	- Escalonamento Multidimensional das características da familiar	67
Figura 2	- Distribuição dos valores obtidos pelos sujeitos na Escala da Vida Familiar (n=136)	134
Figura 3	- Média e desvio-padrão da Consonância Cultural nos quatro sítios estudados (n=136)	135
Figura 4	- Média e desvio-padrão da consonância cultural na vida familiar, segundo o sexo dos participantes	137
Figura 5	- Integração do Escalonamento Multidimensional e as categorias de análise do Grupo Focal	141

LISTA DE QUADRO

Quadro 1	- Características positivas e negativas selecionadas a partir das Listas Livres	65
----------	---	----

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	27
2 OBJETIVOS	47
3 MÉTODO	49
3.1 Os antecedentes da pesquisa: o Projeto CADI	49
3.2 O local (<i>setting</i>) da pesquisa	50
3.3 Visão geral da estratégia metodológica	52
3.4 Procedimentos para definir o modelo cultural e Resultados	55
3.4.1 Módulo 1 – Técnicas Cognitivas	55
Participantes	56
Instrumentos e técnicas	58
Procedimento de coleta dos dados	60
Procedimento de tratamento dos dados	61
Resultado	62
3.4.2 Módulo 2 – Grupo Focal	71
Participantes	71
Instrumento e técnica	72
Procedimento de coleta dos dados	74
Procedimento de tratamento dos dados	75
Resultado	76
3.5 Procedimento para definir a consonância cultural e Resultados	124
3.5.1 Módulo 3 – Escala da vida familiar	124
Participantes	124
Instrumento	129
Procedimento de coleta dos dados	131
Procedimento de tratamento dos dados	133
Resultado	134
4 DISCUSSÃO DOS MÓDULOS 1, 2, 3	139
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	173
REFERÊNCIAS	177
GLOSSÁRIO	191
APÊNDICES	193
ANEXOS	215

1 INTRODUÇÃO

A configuração de uma sociedade é dada por suas instituições sociais, e dentre essas a “família” ocupa um papel de relevância. Para Lévi-Strauss (1956) há a convicção de que a vida familiar está presente em praticamente todas as sociedades, ainda que se observe costumes sexuais e educacionais bastantes distintos.

A família como construção social

A instituição familiar pode ser entendida como um princípio de construção da realidade coletiva e como afirma Bourdieu (1996) ser encarada como uma ficção, um artefato social. Pois não existe, histórica e antropológicamente falando, “um” modelo de organização familiar (NEDER, 1998). Para Saraceno (1997, p. 12) a família enquanto construção social pode ser entendida na atualidade como:

Espaço ao mesmo tempo físico, relacional e simbólico aparentemente mais conhecido e comum, a ponto de ser usado como metáfora para todas as situações que têm a ver com espontaneidade, com a naturalidade, com o reconhecimento sem a necessidade de mediação - “somos como uma família”, “uma linguagem familiar”, uma “pessoa da família” - , a família revela-se como um dos lugares privilegiados de construção social da realidade, a partir da construção social dos acontecimentos e das relações aparentemente mais naturais.

A família, enquanto “instituição social – artefato social”, vem sofrendo diversas transformações. É resultante dos vários determinantes de seu lugar e tempo ocupado,

produzindo a partir desse *locus*, as formas de organização concreta dos indivíduos, as relações de poder, bem como o afeto e a subjetividade.

Duhram (1983) faz a ressalva quanto à naturalização da vida familiar. Para a autora seria propício do senso comum conceber as instituições relativamente estáveis da sociedade antes como formas “naturais” de organização da vida coletiva do que como produtos mutáveis da atividade social. A tendência à naturalização da família seria reforçada por ser uma instituição relacionada à regulamentação social de atividades de base nitidamente biológica: o sexo e a reprodução. Ainda segundo a autora, o processo de naturalização da família diz respeito não só à forma da família, mas também à organização interna dela enquanto divisão sexual do trabalho. Para Bruschini (1997) o estudo da família deveria iniciar-se com a dissolução de sua aparente naturalidade, encarando-a como criação humana e mutável.

O nascimento da família moderna no Ocidente

Se a família está presente na quase totalidade das sociedades, ela toma forma, constitui-se e organiza-se de maneiras bastante distintas no decorrer dos tempos. O surgimento da família moderna, burguesa é descrito por Ariès (1979) em seu estudo sobre a iconografia do Antigo Regime Europeu. Segundo esse autor, a família na Idade Média tinha por missão a conservação dos bens, a prática comum de um ofício, a ajuda mútua quotidiana em um mundo em que um homem e uma mulher isolados não poderiam sobreviver. A família não tinha uma função afetiva, não que o amor estivesse sempre ausente, mas ele não era necessário nem à existência, nem ao equilíbrio da família. As trocas afetivas e as comunicações sociais eram realizadas fora do âmbito familiar.

O sentimento de “família” surgiu como valor decorrente das transformações nas relações internas da família, associado principalmente à educação dos filhos. A moral da

época começou a impor que pais proporcionassem a todos os filhos uma preparação para a vida. A família passa, então, a assumir uma função moral e espiritual. Para Ariès, a família moderna corresponde a uma necessidade da intimidade e de identidade, os membros da família se unem pelo sentimento, o costume e o gênero da vida. Assim na família moderna, o afeto está relacionado primeiramente a uma mudança na ligação dos pais com os filhos do que entre os cônjuges, havendo uma valorização do amor materno. Alteram-se assim não apenas as dimensões da família, mas também a qualidade das relações familiares.

Ariès¹ (1991 *apud* BRUSCHINI, 1997, p. 52) ao escrever sobre a história das mentalidades, afirma que a família no século XIX passa a ser lugar de refúgio, de afetividade, local onde se dão relações permeadas por sentimentos entre o casal e os filhos. A família teria novas funções de absorver e defender o indivíduo.

A família no Brasil

Quanto à trajetória da família no Brasil, desde a colonização pelos portugueses, esta ocupa um papel de extrema importância na estruturação e organização da sociedade. Para os portugueses, em seu projeto colonial, era fundamental a existência e perpetuação da família nuclear, branca, de origem ibérica. Nesse período, a “família”, segundo Costa (1999), era sinônimo de organização familiar latifundiária e toda formação social que pudesse fraturar o mito de sua universalidade era sistematicamente aniquilada. A família escrava teria sido destruída pela violência física e a dos homens pobres pela corrupção, pelo favor e o clientelismo.

¹ ARIÈS, F. Por uma história da vida privada. In: ARIÈS, F.; CHARTIER, R. (Org.). **História da vida privada: da renascença ao século das luzes**. Tradução de Hildegard Feist. São Paulo: Companhia das Letras, 1991. v. 3, p. 7-19.

Quanto à organização familiar, podem-se visualizar formas de organização mais genéricas em função do estrato social. Havia a família tradicional, patriarcal, também denominada de extensa, de origem ibérica. Candido (1951) afirma que a família patriarcal dominante estava cercada de formas não patriarcais de organização doméstica e Freyre² (1933 *apud* DAMATTA, 1987, p. 118) que a família patriarcal ou tutelar engendrou formas antipatriarcais, semipatriarcais e parapatriarcais. DaMatta (1987) esclarece a “família patriarcal” como aquela capaz de manter agregados, realizando a ponte entre o mundo público e o universo privado, e agir como grupo coorporado (como uma pessoa jurídica invisível), apesar de todas as suas enormes diferenças internas.

A família colonial gerenciava o latifúndio e dominava a política e a economia. Era estruturada rigidamente em função da autoridade masculina, ao homem cabia ser pai, marido, chefe de empresa e comandante da tropa. Eram exclusividade masculina o mando político e o poderio econômico, enquanto à mulher cabia a organização doméstica. Segundo Bruschini (1997) havia o controle da sexualidade feminina e a regulamentação da procriação, para fins de herança e sucessão, enquanto a sexualidade masculina era exercida livremente. O casamento se dava por conveniência entre membros de grupos econômicos. Como a atração sexual ou outras razões de ordem afetiva estivessem alheias a esse contrato, era legítimo que os homens buscassem satisfação sexual e emocional fora dos limites do casamento, mantendo concubinas, com as quais tinham filhos ilegítimos (BRUSCHINI, 1997).

A educação da mulher branca era voltada para o casamento e para as atividades que estavam relacionadas ao papel de mãe e esposa. Era ela a professora dos filhos, ensinando-lhes as primeiras letras e os preceitos da religião, cumprindo várias obrigações religiosas como terços, novenas e ladainhas. O pai representava o princípio da moral, autoridade e de todos os valores que mantinha a tradição. A estabilidade familiar dependia da indiferenciação

² FREIRE, G. **Casa grande e senzala**. Rio de Janeiro: Maria Schmidt, 1993. 519 p.

de interesses individuais, de modo que o único interesse visado era o do grupo e o da propriedade, representado e expressado pelo pai.

A família patriarcal sofreu particularizações devido à regionalidade. Neder (1998) coloca que, no Nordeste, a mulher da família patriarcal (chamada *sinhazinha*) apresenta o perfil delineado por Gilberto Freyre em obras como *Casa-Grande & Senzala*, quanto a docilidade e passividade, com atividades mais voltadas para o interior da casa-grande. E que no Sul, ao invés de *sinhazinhas*, são encontradas as *bandeirantes*, que devido ao caráter militar e estratégico da colonização desta região, foram convocadas a administrar fazendas e a controlar a escravaria na ausência do homem, o *bandeirante* desbravador, freqüentemente ausente. No entanto, a autora ressalta, ainda que as *bandeirantes* tivessem um perfil mais ativo, não houve a perda do caráter de subordinação e submissão a sua condição de mulher. Verificava-se um caráter altamente repressivo dessas formas de organização familiar, reprodutoras das normas disciplinares e de controle social (e sexual) ditadas pela Igreja.

Em relação à família de origem africana escravizada, Neder (1998) coloca que eram vigentes as concepções racistas mais arcaicas de não reconhecimento de sua condição humana, relacionadas às justificativas da própria escravidão negra no pensamento católico ibérico. A escravidão era justificada pela condição pré-humana dos negros. Neder (1998) aponta que essa concepção foi cravada no imaginário social brasileiro e que continua ainda muito viva, ainda que tenham sido introduzidas certos modernismos.

Quanto aos costumes e rituais, o casamento era de suma importância no projeto colonizador do Estado e da Igreja, embora na prática ele tenha sido uma instituição primordialmente da elite, houve também pessoas pertencentes às camadas mais baixas que tiveram uniões sacramentadas (ALGRANTI, 1997). O casamento sacramentado conferia status e segurança aos colonos, tornando-o desejável para mulheres e homens; a prática de

oferecer dotes a moças órfãs e desprotegidas institucionalizou-se na Colônia mediante doações, reveladoras de que o casamento dignificava as pessoas (ALGRANTI, 1997).

A família “latifundiária” acumulou um poder, que em breve competia com o próprio poder da metrópole, contrastava-se a força da organização familiar e a fraqueza da organização política. A família latifundiária criou então uma representação de direitos, deveres e finalidades que não admitia discordâncias, subjugando o meio aos seus valores. E seria nesse universo que as vilas e cidades nasceriam, a família (latifundiária) consolidaria suas relações também no meio urbano nascente, fazendo da cidade “uma cidade familiar”.

A dependência da cidade para com as famílias latifundiárias dava-se ao observar que o crescimento e a vitalidade das cidades estavam correlacionadas com os ciclos da produção rural. Quanto a essa questão, Costa (1999, p.39) relata que:

A cidade funcionava, por conseguinte, como extensão da propriedade e das famílias rurais. Não apenas em sua ordenação econômica, arquitetônica e demográfica, mas também na regulação jurídica, política e administrativa.

Quanto ao poder político, a elite latifundiária organizou os poderes políticos de forma que estes fossem instrumentos seus de comando. Os dois grandes instrumentos de política dos municípios eram as Câmaras e as Juntas Gerais, que se tornaram monopólio das famílias proprietárias de terra.

Outro importante instrumento que mantinha o poder dos senhores latifundiários eram as relações de parentesco e compadrio. Costa (1999) explicita essa relação ao relatar sobre os dispositivos paralelos de poder apoiados no parentesco, o autor aponta que os indivíduos eram isentados dos direitos e deveres jurídicos de cidadãos para obrigá-los a agir ou reagir segundo os padrões emocionais e personalistas de relações de parentesco. Foi desenvolvida uma noção de responsabilidade coletiva familiar, que justificaria tanto o nepotismo (afilhadismo político) como a vingança. Somado a isso, havia uma ampliação da rede familiar dos membros

consangüíneos, através do parentesco espiritual ou moral, criando uma massa de crias, protegidos e favorecidos. Os afilhados, compadres e agregados tinham a ilusão de que, defendendo o “latifúndio”, defenderiam a própria família (COSTA, 1999). Havia toda uma diversidade de violências perpetradas contra os opositores do patriarca rural.

A família patriarcal, latifundiária, cercada pela parentela ou agregados criou e perpetuou por muito tempo, devido ao seu poderio econômico e político, valores, comportamentos e uma mentalidade que modelaram as relações durante todo o período colonial, encontrando-se vestígios até os dias atuais. Ainda que a família patriarcal estivesse ausente nas camadas subordinadas ou entre os escravos, era ela o modelo dominante e como esclarece DaMatta (1987, p. 126) “há diversidade, mas há também o poder dos modelos dominantes que fornecem paradigmas sociais fundamentais para toda a população, que pode ou não atualizá-los de modo aberto e concreto”. A família latifundiária engendrou formas de sociabilidades, que invadem o plano político e econômico, e percorrem a história do Brasil.

Com a chegada da família real de Portugal no início do século XIX, a sociedade colonial foi confrontada com uma aristocracia e com representantes da burguesia industrial europeia, que alterariam o poderio tão bem estabelecido dos senhores rurais latifundiários. A Corte, com sua mentalidade trazida de Portugal, fazia exigências para a interação com a sociedade colonial. Jurandir Freire Costa (1999) ressalta que além dinheiro, escravos, terras, brancura na pele, a condição para introduzir-se junto à aristocracia era aristocratizar-se. Iniciando uma corrida pelo enobrecimento, a obtenção de títulos tornou-se questão de honra e poderio político econômico. Pois seriam os títulos que os aproximariam dos “príncipes”, favorecendo o usufruto da máquina de privilégios estatais. A família de elite começava, assim, seu processo para uma nova sociabilidade.

No entanto, se no âmbito das elites a vinda da família real trouxe ares de civilidade, nos sertões e nas áreas fronteiriças as relações continuavam com imperativos de violência,

acentuando-se nesse processo civilizador a clivagem entre um mundo mais bem ordenado, com polidez e normas de convívio social e tendo em paralelo largos espaços de barbárie e violência (SOUZA, 1997).

O século XIX traz inúmeras transformações, como o início da industrialização, a urbanização, a abolição da escravidão e a imigração que levam, segundo Cândido (1951), a um modelo de família conjugal em detrimento da família extensa. A sociedade brasileira passa de uma ordem estamental e patriarcal para uma sociedade de classes, a oligarquia agrária dá espaço à burguesia. A família nesse momento perde a sua hegemonia política e econômica dos tempos coloniais, para ter atribuições específicas de procriação e disciplina do impulso sexual. A ampliação e diversificação das oportunidades de trabalho, mais no final do século, a valorização da capacidade intelectual e da instrução libertam os filhos da tutela do patriarca (BRUSCHINI, 1997). Na sociedade é possível uma nova ordem, não mais estamental, mas em que os agentes sociais são identificados não mais com a parentela, mas com os pares de profissão, de nível de instrução e de poder aquisitivo.

No século em questão há uma mudança no que se refere ao sentimento de amor e a sexualidade. O casamento começa a ser regulado por interesses individuais. No entanto, se a família deixa de ser o ponto de referência imediato dos arranjos matrimoniais, de maneira imediata, os valores sociais e culturais do ambiente familiar estão presentes nas escolhas dos parceiros (TRIGO, 1989).

Entre pais e filhos inicia-se uma maior intimidade, há uma maior igualdade entre os sexos. Mas, apesar de transformada, a nova família conjugal preserva um traço típico da família anterior: o predomínio da dupla moral sexual, que reprime a feminina, mantendo o tabu da virgindade e a intolerância com o adultério feminino, e a tolerância para com a infidelidade masculina (BRUSCHINI, 1997).

No início do século XX, ampliam-se as oportunidades educacionais para homens e mulheres, com a crescente industrialização e urbanização há uma pressão pelo consumo de bens que antes eram produzidos nos lares. As mulheres começam a realizar trabalhos assalariados. Bruschini (1997) faz a ressalva de que apesar de ter ocorrido uma valorização da independência da mulher, não havia ocorrido uma alteração profunda nos papéis de gênero e na estrutura tradicional da família: a educação da mulher voltava-se para o casamento, para a vida doméstica e para poder instruir os filhos. O trabalho remunerado só era aceito como forma de ganhar a vida em casos muito necessários, as atividades profissionais reduziam-se ao magistério ou ocupações técnicas como a datilografia.

Transformações recentes na vida familiar brasileira

Nas últimas décadas do século XX, o Brasil passou por profundas alterações econômicas, demográficas e sociais que modificaram a estrutura etária e a composição das famílias. Quanto à estrutura familiar brasileira, Berquó (1998) afirma que a família nuclear, isto é, o casal com ou sem filhos, continua predominante, mas que o tamanho das família diminuiu, e cresceu o número de uniões conjugais sem vínculos legais e arranjos monoparentais – aqueles caracterizados pela presença do pai (ou da mãe) com os filhos, contando ou não com outros parentes habitando junto. Para essa autora, as maiores transformações vêm ocorrer no interior da família, devido a alterações da posição da mulher e por novos padrões de relacionamento entre os membros da família. Há uma transposição da família hierárquica para uma mais igualitária, tendência esta observada primeiramente de modo mais visível nas camadas médias e depois também nas camadas populares.

As famílias monoparentais estão aumentando, sendo que no censo de 1995, 82% desses arranjos eram formados por famílias nucleares, isto é, pai ou mãe vivendo com os

filhos. Esse arranjo familiar é predominantemente chefiado por mulheres, o que pode ser explicado, segundo Berquó (1998), pelo aumento do número de separações e divórcios, com menor chance de recasamento para as mulheres, a sobremortalidade masculina, produzindo mais viúvas que viúvos e os emergentes estilos de vida – novas formas de união sem a coabitação ou prole sem casamento. Por fim, a situação de morar sozinho em um domicílio também apresenta índices ascendentes. Para Berquó (1998), no Brasil até 1980 havia mais homens do que mulheres morando sozinhos, situação que se altera a partir de 1991, com um índice de 52% de mulheres nos domicílios unipessoais, o que pode ser explicado pelo fato de no passado os homens disporem de maior autonomia pessoal e econômica que as mulheres.

A composição familiar foi, então, afetada pela queda da fecundidade, sobretudo nas cidades e regiões mais desenvolvidas do país (BRUSCHINI, 2000), soma-se a isso uma diminuição da taxa de crescimento populacional, sendo observado um envelhecimento da estrutura etária da população brasileira. Houve uma expansão da escolaridade da população em geral e das mulheres em particular. Devido às condições da economia brasileira e à precarização do mercado de trabalho, a sobrevivência do núcleo familiar depende, cada vez mais, de um esforço coletivo dentro da família, o que inclui a renda do trabalho da mulher (LEONE, 2000). Verifica-se a entrada maciça da mulher no mercado de trabalho, intensificada a partir da década de 70, o que vai influenciar enormemente a emancipação social desta, permitindo que ocupe um novo lugar na estrutura doméstica, alterando a divisão sexual do trabalho e as relações com o marido e os filhos.

A difusão do ensino superior no Brasil neste período permitiu uma maior escolaridade a um grande contingente feminino que buscava o ingresso no mercado de trabalho, bem como a independência financeira. Para Alves³ (1985 *apud* ROMANELLI, 1986, p.99) foi o nível de escolaridade e a inserção no mercado de trabalho que possibilitaram homens e mulheres das

³ ALVES, D. **O desencontro marcado**: a velha-mulher-nova e o machão-moderno. Petrópolis: Vozes, 1985. 169 p.

classes médias a redefinirem seus papéis sexuais e padrões de relacionamento garantidos por uma maior autonomia financeira e cultural.

Os meios de comunicação de massa trouxeram idéias pregadas por movimentos de caráter libertários que aconteciam na Europa e nos Estados Unidos, como o movimento *hippie*, os movimentos estudantis e o movimento feminista que contestavam formas de opressão e dominação. As idéias de uma maior liberdade individual e nas relações afetivo-sexuais foram incorporadas de diversas formas.

O movimento feminista legou repercussões fundamentais à sociedade moderna, à identidade feminina e por consequência à masculina, devido à luta pela igualdade de gênero. Romanelli (1986) aponta que a família, em si, não ocupava o lugar central nas preocupações das feministas, mas a questionava indiretamente ao denunciar a violência doméstica e o trabalho doméstico, a dupla moral e a educação desigual entre homens e mulheres. Um dos papéis fundamentais do movimento feminista foi o de fornecer um modelo cultural organizador e legitimador da conduta de mulheres que experienciavam novas formas de condutas sociais, sendo que tal modelo foi resignificado de diversas formas.

O papel da família na atualidade

A família hoje é tida como um relevante espaço/contexto de desenvolvimento para os indivíduos. Ela se constitui no grupo social primário ao qual o indivíduo pertence, influenciando decisivamente na aprendizagem de papéis sociais e no processo de formação da identidade social e individual (GLAT, 1996), desempenhando importante papel na transmissão da cultura, de valores morais e de normas de conduta. São várias as funções e expectativas que cercam a família, e nesse sentido Carvalho (2000, p.13) explicita que:

A maior expectativa é de que ela (família) produza cuidados, proteção, aprendizado dos afetos, construção de identidades e vínculos relacionais de pertencimento, capazes de promover melhor qualidade de vida a seus membros e efetiva inclusão social na comunidade e sociedade em que vivem. No entanto, estas expectativas são possibilidades, e não garantias. A família vive num dado contexto que pode ser fortalecedor ou esfacelador de suas possibilidades.

Dependendo do modo como a família constitui-se e relaciona-se, pode-se promover um maior e melhor desenvolvimento de seus membros, ou mesmo não potencializar as suas capacidades. A família pode ser fonte de suporte emocional e social, auxiliando no desenvolvimento saudável de seus membros, como também fonte de risco, conflitos e estresse. Hill et al. (2003) apontam que o ajustamento emocional e comportamental de crianças e adultos está associada com a qualidade das relações familiares.

Quanto à família ser um fator protetivo a seus membros, Ungar (2004) em um estudo qualitativo verificou que segundo os adolescentes entrevistados, os membros da família foram as pessoas mais importantes para auxiliá-los na construção de uma identidade saudável. Enquanto em estudo sobre fatores de risco e resiliência para o suicídio entre adolescentes afroamericanos e latinos, a união familiar foi um forte fator de resiliência (O'DONNELL et al., 2004).

No entanto, no que se refere à família como fonte negativa ao desenvolvimento de crianças e adultos, estudos têm observado que baixos níveis de suporte familiar e/ou altos níveis de conflito estão relacionados com depressão e outros índices de um funcionamento mal adaptativo entre crianças e adolescentes (YOUNGSTROM; WEIST; ALBUS, 2003). Sendo que em estudo de Beyers et al. (2003) processos familiares afetam o risco para adolescentes apresentarem problemas no comportamento. Pode-se então observar que o peso dos papéis que cabem a família é bastante significativo no desenvolvimento de seus membros.

As pesquisas sobre família no Brasil

Segundo Bruschini (1997) até a década de 70, exceto pelas análises clássicas como de Gilberto Freire e Antônio Cândido, a instituição familiar não fazia parte das preocupações das correntes de reflexão que predominavam na sociologia. Surgem a partir desse período o interesse pelo estudo das estratégias de sobrevivência das camadas populares e a reprodução do trabalhador, a demografia da família (estudo dos determinantes do tamanho e da composição familiar) e pesquisas sobre a condição feminina. Atualmente busca-se apreender o conceito de família através tanto de um recorte simbólico que investiga a dinâmica do relacionamento familiar como com visões abrangentes através de levantamentos censitários.

No campo da psicologia, Dessen e Silva Neto (2000) fazem a ressalva de que para compreender o funcionamento familiar é necessário uma perspectiva sócio-cultural, em que se observem as transformações das funções da família ao longo da história. Para esses autores, o estudo da diversidade cultural favorece o desenvolvimento de teorias mais claras e a construção de conceitos mais válidos de “família”.

Assim, no presente estudo, buscou-se investigar a família no campo da cultura, utilizando-se do aporte da antropologia cognitiva. A seguir, serão apresentadas questões referentes ao conceito de cultura e ao referencial teórico adotado.

Cultura e antropologia cognitiva

A noção de cultura e seus estudos decorrentes permitem a compreensão de que a natureza humana é inteiramente interpretada pela cultura, desmistificando explicações naturalizantes dos comportamentos. A primeira definição etnológica de cultura deve-se a Edward Burnett Tylor (1832-1917), que a considerava em sua dimensão coletiva, a cultura era

adquirida e sua origem e seu caráter seriam, em grande parte, inconscientes. Esse autor rompeu com os estudos que transformavam os “primitivos” em seres à parte. Cuche (2002) afirma que Tylor foi o primeiro etnólogo a abordar efetivamente os fatos culturais sob uma ótica geral e sistemática, estudando todos os tipos de sociedade e sob diversos aspectos, materiais, simbólicos e até corporais.

Tylor foi o inventor do conceito “científico” de cultura e Franz Boas (1858-1942) será o primeiro antropólogo a realizar observações diretas e prolongadas das culturas primitivas, sendo o fundador do método indutivo e intensivo de campo. Para Boas as diferenças entre os povos são de ordem cultural e não racial, ele privilegiou em seus estudos não a “Cultura”, mas as diversas “culturas”. Esse pesquisador preocupava-se que não se impusesse a cultura estudada, categorias próprias do pesquisador, a fim de escapar do etnocentrismo. A obra de Boas irá preceder e influenciar decisivamente toda a antropologia cultural norte-americana.

Em paralelo a Boas na antropologia americana, Durkheim (1858-1917) irá fundar na França uma sociologia com orientação antropológica, buscando compreender o social em todas as suas dimensões e sob todos os aspectos, inclusive na dimensão cultural, através de todas as formas de sociedade (CUCHE, 2002). Para o presente estudo será importante o conceito de representação coletiva desse autor. De acordo com a concepção de Durkheim (1966, p. 96):

A sociedade não é simples soma de indivíduos, e sim sistema formado pela associação, que representa uma realidade específica com seus caracteres próprios. Sem dúvida, nada se pode produzir de coletivo se consciências particulares não existirem; mas esta condição necessária não é suficiente. É preciso ainda que as consciências estejam associadas, combinadas, e combinadas de determinada maneira; é desta combinação que resulta a vida social e, por conseguinte, é esta combinação que a explica.

Para Durkheim a “consciência coletiva” enquanto “individualidade psíquica” seria resultante da combinação das consciências individuais. A organização social só seria possível

devido à consciência coletiva. Para este autor, a sociologia deveria estudar os fatos sociais, estes “consistem em maneiras de agir, de pensar e de sentir exteriores aos indivíduos, dotados de um poder de coerção em virtude do qual se lhe impõem” (Durkheim, 1966, p.3). O fato social tem como característica o poder de coerção externa sobre os indivíduos e o da externalidade em relação às consciências individuais. Vila Nova (1992) esclarece que o poder de coerção dos fatos sociais não é necessariamente percebido como tal pelos indivíduos, a saber, como uma pressão externa sobre o comportamento, já que os fatos sociais, sendo coletivos, só atuam quando assimilados pelos indivíduos como modos de convívio, idéias e sentimentos tidos indiscutivelmente como normais, como se fossem algo que pertença à ordem inevitável das coisas.

Assim pode-se compreender que seria a presença de uma consciência coletiva, compartilhada entre os indivíduos, que permitiria que formassem uma sociedade, dividindo leis, normas e valores.

No presente estudo será dotado o referencial teórico da antropologia cognitiva para fundamentar e orientar a investigação do modelo cultural de vida familiar. Esta linha teórica da antropologia objetiva estudar como as pessoas compreendem e organizam os objetos materiais, os eventos e as suas experiências. Enfatiza-se nessa abordagem a compreensão do sujeito a partir de suas próprias categorias cognitivas. O pesquisador desta área objetiva representar adequadamente os sistemas de pensamento das pessoas entrevistadas.

Neste aporte teórico, cultura é conceituada como uma sobreposição de modelos culturais (HOLLAND; QUINN, 1987; SHORE, 1996; D’ANDRADE, 1995). Um modelo cultural é uma representação altamente esquematizada, esquelética de alguns domínios culturais, incluindo os elementos, a estrutura, as associações e os processos pertencentes a esse domínio. Um modelo cultural é antes de mais nada construtivo no sentido que define os elementos que constituem o domínio. Assim, modelos são representações esquemáticas

cognitivas de fenômenos sociais significativos compartilhados por indivíduos em um grupo social. Esses modelos culturais constroem sentido para os indivíduos e servem como uma função diretiva para o comportamento individual.

Os indivíduos delineiam um grande número de modelos culturais e esses modelos culturais são relacionados tanto por associações como por abstrações. Provavelmente existem diferenças consideráveis de um indivíduo para outro no montante e na elaboração do conhecimento codificado nos modelos culturais. Mas independente da elaboração dos modelos culturais do indivíduo, o que faz esses modelos verdadeiramente culturais em oposição a modelos meramente excêntricos é que, em algum grau, o indivíduo compartilha esses modelos culturais com outras pessoas (D'ANDRADE, 1984). É o compartilhamento dessas construções culturais mais ou menos arbitrárias que dão a eles sua força. E é o compartilhamento de modelos culturais que autorizou gerações de antropólogos a descreverem “a” cultura de um grupo. Aqueles modelos culturais que são amplamente compartilhados podem ser usualmente abstraídos em um nível grupal como herança social de uma comunidade. Modelos culturais certamente estão em parte presentes nas mentes dos indivíduos, mas uma caracterização completa de um modelo cultural requer uma compreensão do que é compartilhado entre as mentes.

Há três fontes de variabilidade nos modelos culturais de uma sociedade. Primeiro, conforme observado anteriormente, os indivíduos não compartilham modelos culturais completamente; portanto, algumas pessoas irão saber mais (ou menos) sobre algum domínio do que outras pessoas. Segundo, pode haver uma variedade sistemática nos modelos culturais de acordo com os contextos sociais. Terceiro, os indivíduos podem estar limitados por uma série de razões em suas habilidades de agir segundo modelos culturais, isto é, eles podem conhecer um modelo, mas serem incapazes de agir de acordo com o mesmo (por exemplo: por restrições econômicas). Essa terceira fonte de variabilidade de comportamento individual

relacionada aos modelos culturais compartilhados é capturada pelo conceito de consonância cultural.

A utilidade dessa orientação teórica tem sido consideravelmente fortalecida por desenvolvimentos correlatos nos métodos de pesquisa, especialmente o modelo de consenso cultural desenvolvido por Romney, Weller e Batchelder (1986). Mais do que uma técnica analítica, o modelo de consenso cultural contribuiu para a elaboração da teoria da cultura graças à ênfase na importância do compartilhamento como uma característica definida do conhecimento cultural. O modelo de consenso permite ao pesquisador determinar sem ambigüidade se há um compartilhamento suficiente de um grupo de informantes em relação a um conjunto de questões estruturadas que o torna suficiente para inferir se todos esses informantes estão delineando um modelo cultural de determinado domínio cultural. Nota-se que as respostas dos informantes – sua produção verbal – não são o modelo cultural; longe disso, ele deve ser inferido daquilo que os informantes estão delineando sobre um modelo compartilhado do domínio cultural ao gerarem suas respostas. (De fato a utilidade do modelo de consenso cultural não requer uma fidelidade a uma teoria específica de modelos culturais). Pelo contrário, qualquer uma dentre as várias teorias de estruturas mentais compartilhadas, que organizam e armazenam estruturas de conteúdos culturais podem funcionar, tais como o conceito de “*habitus*” de Bordieu (1984) ou o conceito de Romney e Moore (1998) de “representação cognitiva compartilhada”.

Se a inferência relativa ao compartilhamento pode ser feita, então o modelo de consenso permite ao analista dar dois outros passos. Um passo é estimar o grau em que o conhecimento do indivíduo é congruente com um modelo mais amplo. Isto é, o que Romney, Weller e Batchelder (1986) referem como “competência cultural”. O outro passo é uma melhor estimativa das respostas culturalmente apropriadas às questões, com uma compreensão “melhor estimada” entendida como as respostas que mais informantes

provavelmente oferecerão. Dressler e seus colaboradores (DRESSLER, 1996; DRESSLER; BALIEIRO; DOS SANTOS, 1997, 1998, 1999; DRESSLER; BINDON, 2000; DRESSLER; BINDON; NEGGERS, 1998; DRESSLER et al., In Press; DRESSLER; DOS SANTOS; BALIEIRO, 1996) desenvolveram um modelo para avaliar o grau com que o indivíduo, em seu próprio comportamento ou crença, se aproxima do modelo cultural compartilhado em um domínio cultural, um conceito denominado de “consonância cultural”. Essa abordagem objetiva examinar os fatores culturais na adaptação do indivíduo. O conceito de consonância cultural pode através da análise de consenso ser utilizado para investigar como os indivíduos realizam em seus próprios comportamentos as construções culturais.

A construção de uma abordagem teórico-metodológica

Foram desenvolvidos em Ribeirão Preto três projetos de pesquisa que auxiliaram na construção de uma abordagem teórico-metodológica. Em 1984, Fernando Viteri e os colaboradores William W. Dressler, José Ernesto dos Santos, Adolfo Chaves e Grell Gerald desenvolveram o Projeto “*Prevention of Cardiovascular Disease in Developing Countries*” denominado por PRECAVAS com o intuito de formular correlações biológicas e psicológicas com a pressão sangüínea nos habitantes de Ribeirão Preto. Nesse projeto investigou-se que efeitos as mudanças socioculturais no Brasil poderiam estar afetando a saúde, a respeito do risco de doenças cardiovasculares. Foram analisados, além dos hábitos de alimentação, dados sobre a saúde (composição corporal, histórico médico e pressão sangüínea), o estilo de vida, o suporte social e a condição econômica dos entrevistados. Esse estudo preliminar realizado em Ribeirão Preto sugeriu que os fatores sociais poderiam ser importantes para a etiologia da hipertensão nessa comunidade. Um estudo subsequente foi efetuado para abordar algumas imperfeições do primeiro projeto.

O projeto “*Social Environment and Physiologic Adaptation*” denominado SEPA, foi desenvolvido no período de 1991 a 1994, tendo o financiamento da *National Science Foundation*. Seu investigador principal foi William W. Dressler e o co-investigador José Ernesto dos Santos. Empregou-se uma amostra maior e mais representativa do que no primeiro projeto. Para aprimorar algumas das imperfeições conceituais e metodológicas do primeiro estudo, utilizaram-se inovações em teoria e método antropológicos, adotando o modelo de consenso cultural e da consonância cultural. Investigaram-se os dados sobre saúde, hábitos alimentares, estilo de vida, suporte social e condições socioeconômicas. Os resultados globais desta pesquisa podem ser resumidos da seguinte maneira: quanto maior a proximidade do comportamento de cada indivíduo com as expectativas compartilhadas dos indivíduos locais dos domínios culturais de estilo de vida e suporte social, melhor será sua adaptação física e psicológica. Esses resultados sugeriram que no mínimo parte da associação da posição social e do resultado adaptativo é mediada pela habilidade relativa dos indivíduos em agir sobre as expectativas compartilhadas de sua cultura a respeito dessas posições.

O projeto “Cultura e Adaptação Individual”, denominado CADI, foi desenvolvido de 2001 a 2004 em Ribeirão Preto. O investigador principal do projeto foi o Prof. Dr. William W. Dressler, do Departamento de Antropologia da *University of Alabama* e o co-investigador principal foi o Prof. Dr. José Ernesto dos Santos, da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo, tendo o suporte da *National Science Foundation (USA)*.

O objetivo deste projeto foi o de examinar a relação entre os vários fatores que poderiam contribuir ao risco de doenças cardiovasculares, especialmente pressão arterial e lipídemia. Os fatores analisados incluíram: fatores sociais e culturais que poderiam aumentar o estresse na vida de uma pessoa e fatores de alimentação que poderiam favorecer o desenvolvimento de obesidade e criar padrões mais suscetíveis ao desenvolvimento de hiperlipidemias. Os objetivos específicos foram: 1. refinar a concepção e a mensuração da

consonância cultural; 2. aprimorar a medida de consonância cultural no estilo de vida e suporte social; 3. ampliar as medidas de consonância cultural estudadas com escalas sobre a vida familiar e identidade do brasileiro; 4. aprimorar as medidas de fatores dietéticos; e 5. examinar as interações específicas entre consonância cultural e fatores psicológicos correlacionados com a adaptação individual. Desse modo, o projeto CADI objetivou estender e ampliar os achados dos dois projetos anteriores.

O delineamento do projeto CADI foi bastante similar ao do projeto SEPA. Há uma descrição completa da metodologia empregada neste projeto a seguir no item Método. Esta pesquisa utilizou inovações na teoria de modelos culturais (SHORE, 1996; STRAUSS; QUINN, 1997) associada a um procedimento metodológico para identificar o consenso cultural (ROMNEY; WELLER; BATCHELDER, 1986) e inovações recentes na teoria e método da inter-relação de consenso cultural e adaptação individual (DRESSLER, 1996; DRESSLER; BALIEIRO; DOS SANTOS 1997, 1998, 1999; DRESSLER; BINDON, 2000; DRESSLER; DOS SANTOS, 2000; DRESSLER; DOS SANTOS; BALIEIRO, 1996).

Uma descrição mais pormenorizada dos projetos PRECAVAS, SEPA e CADI pode ser encontrada no apêndice A.

O presente estudo utilizou dados do Projeto CADI referentes ao domínio cultural da vida familiar. A decisão de investigar a vida familiar foi devida à importância da família para o entendimento da sociedade brasileira, como apontado por DaMatta (1985). O domínio cultural – Família – ou Vida Familiar, demonstrou-se relevante como objeto de estudo, de modo a contribuir para o entendimento de variáveis significativas que permeiam a constituição do indivíduo brasileiro.

2 OBJETIVOS

Geral

O presente estudo propõe-se a identificar a presença de modelos culturais na vida familiar, a existência de um consenso cultural acerca desses modelos e analisar a consonância cultural da população urbana estudada em Ribeirão Preto com o consenso cultural obtido.

Específicos

- Investigar as diferenças na consonância cultural em quatro amostras de diferentes estratos socioeconômicos;
- Contribuir com subsídios para o desenvolvimento metodológico de uma teoria cultural.

3 MÉTODO

3.1 Os antecedentes da pesquisa: o desenvolvimento do Projeto CADI

O Projeto “*Cultura e Adaptação Individual*”, doravante designado por CADI, foi um projeto de pesquisa conjunto da *University of Alabama* (EUA) com a Universidade de São Paulo (Brasil). O investigador principal do projeto foi o Prof. Dr. William W. Dressler, do Departamento de Antropologia da *University of Alabama* e o co-investigador principal foi o Prof. Dr. José Ernesto dos Santos, da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo. Houve dois gerentes do projeto, a Prof^ª Dr^ª Rosane Pilot Pessa Ribeiro da Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto - USP e o Prof. Mauro Campos Balieiro da Universidade Paulista - UNIP. Este projeto teve o suporte da *National Science Foundation* (USA), onde está registrado sob o nº BCS-0091903. A pesquisa iniciou-se em maio de 2001 e a etapa de coleta de dados foi concluída em agosto de 2003.

O projeto CADI foi desenvolvido em três etapas; encontra-se no apêndice B a descrição de cada uma das etapas. O presente estudo faz parte do Projeto CADI e objetivou investigar o domínio cultural da vida familiar.

Quanto aos aspectos éticos, o presente estudo foi avaliado e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa do Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo (ANEXO A).

3.2 O local (*setting*) da pesquisa

O Projeto CADI foi desenvolvido na cidade de Ribeirão Preto, em São Paulo. Este município possui 535.698 habitantes (SÃO PAULO, 2004), sendo considerado um dos maiores centros comerciais do Estado. Seu desenvolvimento econômico baseia-se na produção agrícola, primeiramente através das lavouras de café, hoje substituídas pela indústria sucro-alcooleira. A região cultiva prioritariamente a cana-de-açúcar, refinando-a em açúcar e produzindo o álcool (combustível). Significativos montantes de terra são dedicados ainda ao cultivo do café e de frutas cítricas, como a laranja. A cana-de-açúcar responde por 96% da arrecadação na área agrícola.

Assim, do ponto de vista econômico, o município destaca-se sobretudo nos setores primário e terciário (comércio e bens de serviços, notadamente, nos setores de saúde e educação), sendo atualmente também considerado um novo pólo de fabricantes de equipamentos, principalmente agroindustriais e médico-odontológicos. O setor da construção civil tem um importante papel desde a década de 40.

A cidade representa um pólo de desenvolvimento regional, atraindo a população de diferentes regiões, que aqui vem buscar oportunidades de vida e de ascensão econômica, o que se traduz em ondas migratórias que aceleraram a taxa de crescimento demográfico nas duas últimas décadas. Esse aumento da população, associado à crise econômica que a região vem enfrentando nos últimos anos, agravou os problemas sociais existentes, incrementando os índices de criminalidade e violência.

Por essas razões, Ribeirão Preto representa um sítio apropriado de pesquisa, devido ao seu considerável contingente de variabilidade sociocultural e dietético entre a comunidade. Um dos desafios do Projeto CADI foi amostrar adequadamente a grande gama de variação socioeconômica na cidade.

3.2.1 Os sítios pesquisados

Foram selecionados quatro bairros (sítios) da cidade a serem pesquisados, a saber: Maria Casagrande, Conjunto Habitacional José Sampaio, Vila Tibério e Jardim Recreio. A escolha dos sítios de pesquisa teve o intuito de apreender a variação socioeconômica do município. Será apresentada a seguir uma breve descrição dos bairros estudados.

O bairro Maria Casagrande localiza-se na região norte próximo aos limites finais da cidade. Ele foi construído pelo governo municipal por volta de 1993 a 1994 com o propósito de transferir para lá a população que residia em uma favela, que foi posteriormente demolida. Os moradores possuem uma baixa condição socioeconômica e tendem a ocupar postos de serviços que exigem pouca especialização. O bairro é todo pavimentado, há um mercado, um varejão e alguns bares, bem como serviços de infra-estrutura como: rede de água e esgoto, posto de saúde, escola municipal com nível infantil e fundamental.

O segundo bairro estudado, Conjunto Habitacional José Sampaio teve iniciada sua construção em 1988, numa parceria do governo local com uma construtora. No momento presente observam-se alterações nas moradias, pois foram feitas várias benfeitorias nos imóveis, tais como o acréscimo de cômodos e inclusão de muros e garagens nas residências. Houve uma expansão da rede de serviços, o bairro conta com serviços básicos, tais como: escolas municipais de níveis infantil e fundamental, posto de saúde, bem como pequenas lojas, restaurantes, mercados, vendas e uma farmácia. Os moradores pertencem predominantemente à classe média baixa e possuem empregos estáveis.

A Vila Tibério, terceiro sítio amostrado, é um tradicional bairro de classe média e média-baixa. Foi criado no início do século XX pelo fluxo de imigrantes italianos e espanhóis e atualmente encontra-se englobado pelo crescimento da cidade, localizando-se na região

central do município. Suas ruas foram pavimentadas com paralelepípedos e a maioria das casas foram construídas sem recuo no alinhamento da calçada. Há uma grande variabilidade de comércio instalado pelo bairro, bem como bares e alguns restaurantes. Há uma oferta diversificada de serviços públicos de saúde e educação (nível infantil, fundamental e médio). No que concerne ao perfil ocupacional, esta população tende a estar estabelecida em ramos de pequenos negócios variados ou a trabalhar como gerentes e subgerentes em serviços públicos ou fábricas.

O quarto bairro investigado, Jardim Recreio, é uma área afastada do centro, localizando-se ao lado do campus da Universidade de São Paulo (USP), sendo habitado por pessoas pertencentes à classe média alta. É um bairro relativamente novo, construído primariamente por casas recentes, contudo mais antigo do que o Maria Casagrande e o Conjunto Habitacional José Sampaio. O bairro é bastante arborizado e possui ruas largas. As casas em sua maioria possuem jardins e são construídas em terrenos amplos. Não se permite no bairro a instalação de serviços e estabelecimentos comerciais, à exceção de uma tradicional escola de ensino infantil e fundamental, mantida por uma entidade religiosa, além de um antigo hotel desativado. Há uma atuante associação de moradores, que cuida do bairro. Os residentes são formados prioritariamente por professores universitários, gerentes de cargo elevado, bem como negociantes e profissionais prósperos.

3.3 Visão Geral da Estratégia Metodológica

O delineamento de uma pesquisa está estreitamente ligado aos objetivos do estudo e a escolha dos procedimentos metodológicos a serem empregados delimita o recorte e a aproximação possível com o contexto social. Minayo (1993) pondera que todo conhecimento social (quantitativo ou qualitativo) só é possível por recorte, redução e aproximação. Ressalta

ainda a autora que em toda redução e aproximação a realidade, não se pode perder de vista que o social é qualitativo e que o quantitativo é uma das suas formas de expressão. Abordagens qualitativas e quantitativas são aproximações distintas ao mesmo objeto (o contexto social) e será o paradigma teórico e metodologia empregada que delimitará os alcances do estudo.

O delineamento metodológico do presente estudo utiliza uma abordagem tanto qualitativa como quantitativa na coleta e no manejo de seus dados. A triangulação metodológica, enquanto emprego complementar de técnicas e análises qualitativas e quantitativas, se fez necessária devido aos objetivos do estudo que requerem uma amplitude nas estratégias de pesquisa.

Ao comentar sobre as qualidades das abordagens qualitativas e quantitativas, Silva (1998, p. 171) refere que:

[...] a relação desejada entre o quantitativo e o qualitativo pode ser considerada complementar. Ou seja, enquanto o quantitativo ocupa-se de ordens de grandeza e de suas relações, o qualitativo é um quadro de interpretações para medidas ou a compreensão para o não quantificável.

Autores como Flick⁴ (1998 apud JANESICK, 2000, p. 381) apontam que a pesquisa qualitativa captura as nuances e complexidades da situação social estudada, enquanto Langhout (2003) acrescenta que resultados qualitativos podem ampliar o entendimento de resultados quantitativos.

Sobre dados quantitativos, Pereira (2001) afirma que a adoção de símbolos numéricos e premissas aritméticas para a representação de algum evento habilita o pesquisador a analisar o evento com a versatilidade do número e de suas operações. O autor refuta a oposição de abordagens quali-quantitativas, entendendo-as como alternativas metodológicas de natureza

⁴ FLICK, U. **An introduction to qualitative research: theory, method and applications**. London: Sage.

diferente. Nesse sentido, concordamos com os autores citados, que defendem o ponto de vista de que os enfoques quantitativo e qualitativo não são dicotômicos, mas complementares.

Os procedimentos aqui empregados serão apresentados em 3 módulos. Primeiramente serão apresentados, no **módulo 1**, as técnicas cognitivas, a saber, lista livre, agrupamento livre e a entrevista de consenso cultural, **no módulo 2** o grupo focal e **no módulo 3** a escala da vida familiar. Os resultados obtidos em cada módulo serão expostos em seguida à descrição metodológica.

Os métodos dos **módulos 1 e 2** são utilizados na investigação do modelo cultural da vida familiar, e o instrumento do **módulo 3** investiga a consonância cultural. A decisão por apresentar a metodologia subdividida em três segmentos se justifica devido a particularidades dos procedimentos, cujas descrições adquirem maior clareza quando são explicitadas separadamente, pois apresentam técnicas, amostragem de sujeitos e formas de análise bastante distintas. Assim, essa formatação foi aplicada com o intuito de tornar mais objetiva a apresentação do método e dos resultados.

Considerando-se as três etapas, participaram da presente pesquisa 295 indivíduos de ambos os sexos, oriundos da zona urbana do município de Ribeirão Preto, Estado de São Paulo, com idades entre 18 e 67 anos. Será apresentado posteriormente o número de sujeitos e o tipo de amostragem relativo a cada procedimento metodológico aplicado.

3.4 Procedimentos para definir o Modelo Cultural

A investigação de um modelo cultural requer o emprego de procedimentos específicos para a sua delimitação. Foram empregados técnicas cognitivas e entrevistas grupais para a definição do modelo cultural estudado. As técnicas cognitivas permitem a investigação dos elementos e da estrutura do modelo cultural, bem como de suas dimensões de significância e a mensuração do consenso cultural. Com o grupo focal poder-se-á analisar as percepções e crenças dos sujeitos quanto aos elementos que compõem o modelo. Assim será apresentada, primeiramente, no **módulo 1**, as técnicas cognitivas; posteriormente, **no módulo 2**, serão descritos o método e os resultados obtidos com a aplicação do grupo focal.

3.4.1 Módulo 1 - Técnicas Cognitivas

As técnicas cognitivas foram desenhados para investigar os conceitos, conhecimentos e crenças dos sujeitos, esses procedimentos auxiliam o pesquisador a não imputar, aos dados pesquisados, sentidos externos ou alheios aos fornecidos pelos participantes. Nos estudos de modelos culturais compartilhados, formulações teóricas como as de D'Andrade (1984), forneceram os conceitos que sustentavam o entendimento dos sistemas culturais. Contudo, como aponta Dressler, Dos Santos e Balieiro (1996), essas teorias possibilitavam uma interpretação sobre o papel da cultura em nível abstrato. Não havia ferramentas metodológicas que pudessem fazer frente a essas formulações. Pois nessas formulações teóricas não era especificado como a cultura era compartilhada e distribuída em cada domínio cultural. Todavia, com os estudos de Romney, Weller e Batchelder (1986), podem-se encontrar formas operacionais de investigar os modelos culturais e as formas de compartilhamento de conhecimento pelos indivíduos. Esses autores propuseram um modelo estatístico de análise

que examina o grau com que o grupo de informantes compartilha o conhecimento acerca de um determinado domínio cultural.

Participantes das Técnicas Cognitivas

Seleção e número dos sujeitos

Os sujeitos foram selecionados pelos assistentes de pesquisa utilizando uma amostra por conveniência, tendo como critérios uma distribuição com relativa uniformidade entre os sexos e o grau de escolaridade. A idade dos sujeitos variou de 18 a 67 anos. A distribuição dos participantes por sexo e grau de escolaridade é apresentada a seguir em função dos três procedimentos de pesquisa utilizados. As técnicas de Lista Livre, Agrupamento Livre e Entrevista de Consenso Cultural foram aplicadas consecutivamente e uma descrição desses procedimentos pode ser encontrado no próximo item “Instrumentos utilizados”.

Tabela 1 - Frequência absoluta e percentual dos sujeitos de acordo com os procedimentos de pesquisa utilizados nos métodos cognitivos, segundo o sexo dos participantes

Procedimentos de Pesquisa	Mulheres		Homens		Total	
	<i>f</i>	%	<i>f</i>	%	<i>f</i>	%
Lista Livre	24	55.8	19	44.2	43	100.0
Agrupamento Livre I	11	68.7	05	31.3	16	100.0
Agrupamento Livre II	21	61.8	13	38.2	34	100.0
Entrevista de Consenso Cultural	34	51.6	32	48.4	66	100.0
Total	90	56.6	69	43.4	159	100.0

Nessa etapa da pesquisa totalizou-se em 159 o número total de sujeitos. Como se pode observar na Tabela 1, foram distintos os valores totais de sujeitos que participaram de cada

procedimento. Quanto à decisão pelo número de sujeitos necessários para a técnica de Lista Livre, assim como para a de Agrupamento Livre, autores como Dressler, Balieiro e Dos Santos (1997) ponderam que, se é constatada previamente a existência de um domínio cultural, então um número pequeno de informantes pode ser satisfatório para fornecer os elementos do domínio cultural investigado. Em relação à entrevista de consenso cultural, Romney, Weller e Batchelder (1986) demonstraram que, para detectar um nível de consenso moderado, uma amostra de 66 sujeitos é superior ao necessário.

Quanto à distribuição dos sujeitos por sexo, verifica-se que na entrevista de consenso cultural obteve-se uma melhor distribuição, enquanto que no Agrupamento Livre I observam-se valores desproporcionais (mulheres 68.7%, homens 31.3%), bem como no Agrupamento Livre II (mulheres 61.8%, homens 38.2%).

Tabela 2 - Frequência absoluta e percentual dos sujeitos de acordo com os procedimentos de pesquisa utilizados nos métodos cognitivos, segundo o grau de escolaridade

Procedimentos de Pesquisa	Nível Fundamental		Nível Médio		Nível Superior		Total	
	<i>f</i>	%	<i>f</i>	%	<i>f</i>	%	<i>f</i>	%
Lista Livre	17	39.5	12	27.9	14	32.6	43	100.0
Agrupamento Livre I	03	18.8	06	37.5	07	43.8	16	100.0
Agrupamento Livre II	09	26.5	16	47.1	09	26.5	34	100.0
Entrevista de Consenso Cultural	22	33.33	22	33.33	22	33.33	66	100.0
Total	51	32.1	56	35.2	52	32.7	159	100.0

Na tabela 2 observam-se distribuições distintas dos níveis de escolaridade entre os procedimentos metodológicos. Na Entrevista de Consenso Cultural o número de sujeitos foi controlado de forma a garantir uma uniformidade de valores nos três níveis de escolaridade. A entrevista de consenso cultural apresenta uma melhor distribuição das características demográficas entre as técnicas.

Instrumentos utilizados

Nesta etapa foram utilizados três procedimentos: Lista Livre, Agrupamento Livre e a Entrevista de Consenso Cultural, que serão descritos a seguir.

a) Lista Livre

Esse procedimento tem por objetivo elencar palavras significativas para o domínio cultural estudado. Essas palavras representam elementos-chave para a composição e entendimento do domínio cultural (WELLER; ROMNEY, 1988). Desse modo, através da lista livre almeja-se conhecer o vocabulário que o indivíduo utiliza para descrever um modelo cultural.

Com essa técnica, investigadores podem interpretar a frequência de menção e a ordem de cada item na lista como indicador da saliência dos itens e também estudar a similaridade entre os itens através da proximidade que cada item aparece na listagem feita pelo entrevistado (RYAN; BERNARD, 2000).

Utilizou-se um roteiro de entrevista semi-estruturado elaborado pela equipe de pesquisa do Projeto CADI, constituído de duas questões norteadoras:

Roteiro de entrevista da Lista Livre

1. *“Pense em duas famílias que você conhece e que têm características que você admira. Que características são essas?”*
2. *“Pense em duas famílias que você conhece e que têm características que você não admira. Que características são essas?”*

A utilização desse procedimento teve por objetivo elencar características desejáveis (valoradas positivamente) e características avaliadas negativamente pelo sujeito em uma família.

b) Agrupamento Livre

Esse procedimento de pesquisa possibilita a observação de como as palavras obtidas através do procedimento de Lista Livre se organizam em um espaço de significados, aproximando-se ou se distanciando neste espaço. Desse modo, os Agrupamentos Livres nos permitem apreender a “forma” dos modelos culturais, especialmente como as diferentes palavras se distribuem em um espaço de significação. Ao mesmo tempo, o Agrupamento Livre pode possibilitar a construção de hipóteses sobre as dimensões principais de significado de um modelo cultural. Este procedimento de pesquisa também é descrito por Weller e Romney (1988).

Esse procedimento de pesquisa foi utilizado por duas vezes consecutivas, em entrevistas com diferentes sujeitos, realizadas em dois momentos distintos. Assim, foram entregues 24 cartões que continham características positivas e negativas que são encontradas na vida familiar. Essas características foram elencadas a partir das listas livres. Realizou-se, inicialmente, o primeiro agrupamento livre; devido aos resultados obtidos, considerados pouco conclusivos (maiores informações podem ser encontradas no item **Resultados do Módulo I**), foi necessário realizar uma segunda aplicação, buscando-se obter uma maior clareza acerca dos dados. O roteiro de entrevista estruturado foi desenvolvido pela equipe do projeto CADI e encontra-se conjuntamente com as instruções e as características no apêndice C.

c) Entrevista de Consenso Cultural

Nessa entrevista foi aplicado o procedimento do *Ranking* das Características das Famílias, objetivando estimar o consenso cultural. Esse instrumento consistiu em uma entrevista pautada em um roteiro estruturado, em que se solicitava ao participante que colocasse em ordem de importância as características das famílias, começando com a característica mais importante para se ter na família e terminando com a característica menos importante para se ter na família. Eram entregues aos participantes 13 cartões ordenados aleatoriamente, cada um contendo uma característica. O sujeito então ordenava as características e o entrevistador anotava sua resposta, bem como os comentários espontâneos. As características contidas nos cartões encontram-se no apêndice C.

Procedimento de coleta dos dados

Os dados foram coletados por meio de entrevistas realizadas por dois assistentes de pesquisa, entre os quais se inclui a pesquisadora, e o Prof. Dr. Manoel Antônio dos Santos da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto – Universidade de São Paulo.

Os entrevistadores receberam um treinamento com duração de cinco dias, no mês de junho de 2001, ministrado pelo pesquisador principal do Projeto CADI, o Prof. Dr. William Dressler.

Os dados foram coletados nos meses de junho a agosto de 2001. As entrevistas foram realizadas em domicílios, locais de trabalho ou em locais indicados pelos participantes, de acordo com a preferência dos mesmos, sendo resguardadas condições adequadas de conforto e privacidade.

Os instrumentos aplicados consistiam em roteiros de entrevista que investigavam o domínio cultural vida familiar.

A maioria das entrevistas foram aplicadas em um único encontro, com duração média de vinte e cinco minutos.

Procedimento de tratamento dos dados

a) Na Lista Livre realizou-se uma análise quantitativa dos dados em termos de frequência, porcentagem, posicionamento nos *rankings* de respostas e saliência. Em seguida, a partir de uma análise qualitativa dos dados obtidos, selecionaram-se os dados que foram utilizados no procedimento seguinte, o Agrupamento Livre.

b) Neste segundo procedimento utilizou-se um modelo de análise quantitativa, a Análise de Agrupamento (*Cluster Analyses* ou *Johnson's Hierarchical Clustering*) e o Escalonamento Multidimensional (*Multidimensional Scaling*) descrito por Kruskal e Wish (1978). Ambos procedimentos pertencem à Análise Multivariada. A Análise de Agrupamento (*Cluster Analyses*) é estritamente de proximidade geométrica entre os objetos estudados. Analisa medidas de distância euclidiana e não tem representação gráfica. É utilizada quando se desejam identificar grupos de características semelhantes; categorizam-se as observações levando-se em conta as medidas originais (PEREIRA, 2001). O Escalonamento Multidimensional, como afirma Pereira (2001), consiste em uma análise de proximidade geométrica entre os objetos estudados ou variáveis numa representação gráfica e deriva um plano de projeção por meio de análise de componentes principais. Esse autor aponta que isso deve ser usado para examinar relações entre objetos ou variáveis.

Essas estratégias de análise permitem observar o grau com que as palavras (elementos-chaves para o entendimento de um domínio cultural) são agrupadas pelo seu significado, de modo semelhante ou distinto. Esses procedimentos possibilitam elencar um ou mais critérios importantes para o entendimento do domínio cultural estudado. Ao final, a partir de uma análise qualitativa dos dados obtidos selecionaram-se os dados que foram utilizados no procedimento seguinte: a entrevista de consenso cultural.

c) A entrevista de consenso cultural será examinada utilizando-se a análise de rotina de consenso cultural do ANTROPAC 4.7 (BORGATTI, 1993). Essa forma de análise fornece as seguintes medidas: *eigenvalue ratio*, mediana, desvio-padrão, competência e um valor de *consenso* para cada elemento analisado. O ANTHROPAC 4.7 (BORGATTI, 1993) consiste em um programa computacional desenhado especialmente para o tratamento de dados dessa natureza.

Resultados do Módulo 1

Lista Livre

A Lista Livre foi a primeira técnica a ser utilizada na investigação do domínio cultural. Este procedimento foi realizado duas vezes. Em um primeiro momento, referindo-se a características positivas, foram elencadas 89 características (ANEXO B). Segue-se abaixo a Tabela 3 contendo as primeiras 19 características elencadas. Nesta tabela estão hachuradas com a tonalidade verde as características que foram selecionadas para serem utilizadas no procedimento do Agrupamento Livre. As características marcadas pela tonalidade amarela

não foram escolhidas, no entanto já estão englobadas por alguma das características selecionadas.

Tabela 3. Listagem das 19 primeiras características positivas elencadas no procedimento de Lista Livre

Características	Frequência	Porcentagem ¹	Ranking ²	Saliência ³
01 União	25	60	3.040	0.402
02 Bom relacionamento	17	40	3.647	0.280
03 Amor	11	26	4.364	0.129
04 Família religiosa	10	24	6.700	0.086
05 Se ajudam	10	24	3.500	0.143
06 Família sem brigas	7	17	3.429	0.098
07 Honestidade	6	14	2.833	0.103
08 Sinceridade	6	14	4.000	0.075
09 Família com firmeza	6	14	5.000	0.091
10 Tratam bem aos outros	6	14	2.167	0.118
11 Família alegre	5	12	5.400	0.057
12 Família que conversa	5	12	3.800	0.067
13 Compreensão	5	12	6.800	0.056
14 Família educada	5	12	4.200	0.065
15 Respeito	5	12	3.800	0.063
16 Família sem vícios	4	10	7.000	0.021
17 Família organizada	4	10	5.000	0.035
18 Bom entendimento	4	10	4.250	0.065
19 Família que trabalha	4	10	4.000	0.054

1. Porcentagem por resposta; 2. AVG RANK – posicionamento nos *rankings* de respostas; 3. *Smith's Salience*.

Observa-se na tabela anterior que os cinco primeiros itens elencados possuem uma porcentagem mínima de 24. No entanto, verifica-se que os itens 7 a 10 apresentam uma frequência de valor 6 e uma porcentagem de respostas de 14%.

Em uma segunda aplicação, ao indagar sobre as características negativas, foram obtidas 92 características (para um exame da totalidade das características encontradas, consultar o ANEXO C). As principais características são exibidas na Tabela 4.

Tabela 4 - Listagem das 25 primeiras características negativas elencadas no procedimento de Lista Livre

	Características	Frequência	Porcentagem ¹	Ranking ²	Saliência ³
01	Família que briga	16	39	2.563	0.281
02	Desunião	14	34	4.214	0.171
03	Desrespeito	12	29	3.167	0.204
04	Pessoas que bebem	10	24	3.300	0.141
05	Sem ajuda	9	22	2.444	0.164
06	Sem educação	8	20	4.375	0.116
07	Violência	8	20	5.000	0.084
08	Fazem críticas	8	20	4.875	0.084
09	Egoísmo	7	17	3.571	0.108
10	Usam drogas	7	17	2.714	0.120
11	Sem amor	6	15	4.167	0.083
12	Sem trabalho	6	15	2.333	0.107
13	Irresponsabilidade	5	12	4.400	0.068
14	Exploração	5	12	4.200	0.072
15	Orgulho	4	10	5.000	0.049
16	Separação	4	10	4.500	0.041
17	Família não religiosa	4	10	6.250	0.040
18	Desonestidade	4	10	5.000	0.042
19	Não conversam	3	7	2.333	0.054
20	Vícios	3	7	3.667	0.042
21	Traição	3	7	2.667	0.044
22	Mentiras	3	7	4.333	0.040
23	Desorganização	3	7	6.000	0.020
24	Pessoa que rouba	3	7	5.667	0.034
25	Falsidade	2	5	5.500	0.027

1. Porcentagem por resposta; 2. AVG RANK – posicionamento nos *rankings* de respostas; 3. *Smith's Salience*.

Nessa listagem, 8 itens (“brigas”, “desunião”, “desrespeito”, “bebem”, “sem ajuda”, “sem educação”, “violência” e “críticas”) receberam uma porcentagem de no mínimo 20%.

É interessante observar que a temática da “união”, em termos dos elementos união e desunião, ocupam posições importantes em suas respectivas listagens, o que reforça a importância dessa temática entre os elementos que compõem o modelo de vida familiar. O mesmo destaque ocorre com a temática “relacionamento”, em termos dos itens “bom relacionamento” e “brigas”.

Para a seleção dos elementos que seriam utilizados nos próximos procedimentos metodológicos, alguns itens, tais como: “desunião” e “sem ajuda”, não foram selecionados,

porque seu oposto (“união” e “se ajudam”) haviam sido escolhidos. E itens como “bebem” e “drogas” estavam englobados pelo item “tem vícios”. Pode-se, então, observar que, ainda que apenas 11 itens negativos tenham sido escolhidos, vários outros estão contemplados.

Para as investigações posteriores, selecionaram-se 24 características, tanto positivas quanto negativas, provenientes das duas listas livres. Essas características são apresentadas no quadro abaixo:

Quadro 1- Características positivas e negativas selecionadas a partir das Listas Livres

Características Positivas	Características Negativas
Amor	Fazem críticas
Compreensão	Uma família que briga
Bom relacionamento	Desrespeito
Se ajudam	Egoísmo
Família trabalhadora	Sem educação
Família organizada	Falsidade
Uma família com firmeza	Tem vícios
Família alegre	Irresponsabilidade
Família com diálogo	Infidelidade
Trata bem os outros	Exploração
Honestidade	Violência
Família religiosa	
União	

Agrupamento Livre

No segundo procedimento empregado, o Agrupamento Livre, utilizaram-se 24 características, descritas no Quadro 1. Essa técnica foi aplicada por duas vezes. Na primeira aplicação, devido à instrução dada, a maioria dos sujeitos dividiu as características em dois grandes subgrupos (características positivas e negativas). A análise dos dados obtidos revelou que esse procedimento não permitiu uma discriminação entre as características positivas e negativas *dentro de cada subgrupo*. Optou-se, então, por uma segunda aplicação, na qual se solicitou aos sujeitos que inicialmente dividissem as características em dois grupos: um grupo

de qualidades “boas” (desejáveis) das famílias e um grupo de qualidades “ruins” (indesejáveis) das famílias. Uma vez estabelecida a divisão pelo sujeito, forneceu-se a seguinte instrução: “Agora, dentro de cada grupo, por favor divida as características em subgrupos.”

Os dados foram analisados inicialmente pela Análise de Agrupamento (*Cluster Analysis*). Os resultados de tal avaliação encontram-se no anexo D. Pode-se observar: um agrupamento de dois elementos (“vícios”, “violência”); outro agrupamento de dois elementos “falsidade e infidelidade”; quanto às características positivas observa-se um agrupamento contendo os elementos: “união”, “amor” e “compreensão”; e um agrupamento abrangendo outros elementos, tais como: “família que trabalha” e “família organizada”.

A análise do Escalonamento Multidimensional (MDS) é apresentada na Figura 1, em duas dimensões ($stress = .04$). A partir das informações obtidas na Análise de Agrupamento (*Cluster Analysis*), foram desenhados círculos entre os elementos da Figura 1 que apresentaram similaridade em termos de seu posicionamento na representação gráfica.

Figura 1. Escalonamento Multidimensional das características da família

Observa-se, na Figura 1, um contraste entre características negativas na parte superior e características positivas na parte inferior. Considerando-se as características negativas, pode-se subdividi-las em dois subgrupos, de modo a encontrarmos, em um primeiro grupo, sentimentos e comportamentos negativos (“sem educação”, “brigas”, “egoísmo”, etc.) e, no segundo grupo, condutas mais disruptivas dos laços familiares (“vício”, “violência” e “irresponsabilidade”).

Quanto às características positivas, também encontram-se dois subgrupos, o primeiro relaciona-se a aspectos que poderíamos denominar de *estruturais* da família (“honestidade”, “firmeza”, “família trabalhadora” e “organizada”), ao passo que o segundo diz respeito ao funcionamento afetivo e à qualidade das relações (“amor”, “união”, “compreensão”, “bom relacionamento”, etc.).

Para a investigação do consenso cultural foram selecionadas 13 características dentre as 24 utilizadas neste segundo procedimento, objetivou-se com isso investigar com maior poder discriminativo a posição dos itens em um ‘continuum de elementos da vida familiar’ que variasse de elementos importantes aos menos importantes para se ter em uma boa família.

Devido à extensa concordância de que certos elementos como amor, união ou vício e violência se encontravam em extremos deste continuum, tinha-se a preocupação de que outros itens ficassem pouco discriminados no interior deste continuum. Assim foram eliminados os itens avaliados pelos entrevistados como mais negativos aos vínculos familiares e selecionados mais itens positivos. As 13 características utilizadas no terceiro procedimento foram compostas por 4 características negativas e 9 características positivas (APÊNDICE C).

Entrevista de Consenso Cultural

Com a delimitação dos elementos que compõem o **modelo cultural** (Lista Livre) e a investigação de como esses elementos se organizam e relacionam-se (Agrupamento Livre), a análise de consenso é feita para que se possa investigar se há um modelo cultural compartilhado, qual a extensão deste compartilhamento e qual a valoração que os diferentes elementos recebem dentro desse modelo.

Uma análise global do consenso cultural permite averiguar se há um modelo cultural compartilhado, bem como o seu grau de consistência ou dispersão. Na Tabela 5 podem ser observados os resultados da análise estatística efetuada.

Tabela 5 - Análise global do consenso cultural no domínio da vida familiar

Domínio Cultural	<i>Eigenvalue ratio</i>	Mediana	Desvio-Padrão	Variação da Competência (dos sujeitos)
Vida familiar	7.42	0.82	0.09	0.63 – 0.93

Na análise de consenso cultural observa-se um alto valor do *eigenvalue ratio* (7.42), o escore da mediana demonstra uma boa aproximação dos sujeitos com a dimensão avaliada e o

pequeno valor do desvio-padrão (0.09) permite constatar uma pequena dispersão dos resultados.

Dressler, Dos Santos e Balieiro (1996), em um estudo sobre diversidade e compartilhamento em modelos culturais, colocam que a análise de consenso testa a existência de um único fator subjacente aos informantes e ponderam que, se esse fator é suficientemente maior do que outros fatores, então esse seria um importante argumento que evidenciaria que os informantes estão desenhando um único e subjacente conjunto de significados ao fazer suas estimações individuais.

De acordo com Romney, Weller e Batchelder (1986), um valor maior do que 1.0 de *eigenvalue ratio* é indicativo de que um modelo cultural pode ser delineado. Portanto, o valor do *eigenvalue ratio* obtido permite a constatação de que há um elevado nível de compartilhamento pelos sujeitos, de modo que se pode presumir que estes estão desenhando um único modelo cultural nesse domínio da vida familiar.

Se há um razoável nível de consenso, o grau com que cada indivíduo compartilha esse consenso, definido como “competência cultural” no modelo do consenso, pode ser calculado e a distribuição do nível de compartilhamento do conhecimento (sobre o modelo) pode ser examinada. No modelo cultural aqui estudado, a competência dos sujeitos varia de 0.63 a 0.93. Em tal variação observa-se que o valor da extremidade inferior indica que todos os sujeitos no mínimo “sabem”, “conhecem” pelo menos em 63% esse modelo. E a extremidade superior (0.93) permite inferirmos que há um ou mais sujeitos que possuem uma alta competência no uso do modelo.

Como referido por Romney, Weller e Batchelder (1986), a análise de consenso permite ainda uma terceira investigação, a saber: “a melhor resposta estimada do grupo de sujeitos”, a qual possibilitará a análise da consonância cultural. Essa estimativa refere-se ao conjunto das respostas dos sujeitos, mas é dado um maior peso aos sujeitos que possuem uma

maior competência cultural. Encontra-se logo abaixo essa estimativa no domínio cultural investigado.

Tabela 6 - Estimativa do consenso cultural no domínio da vida familiar

Características	Valor de Consenso
1. Amor	2.30
2. Diálogo	4.13
3. Compreensão	4.73
4. Bom relacionamento	4.87
5. Família alegre	5.26
6. Família trabalhadora	5.55
7. Família organizada	5.98
8. Se ajudam	6.23
9. Família com firmeza	6.59
10. Fazem críticas	9.75
11. Família que briga	11.58
12. Egoísmo	12.04
13. Desrespeito	12.12

Na estimativa do consenso cultural observa-se que as primeiras características (1 a 5) relacionam-se a uma dimensão afetiva, enquanto que as características 6 a 9 podem ser correlacionadas com a estrutura e a organização da família. Os itens finais (10 a 13) relacionam-se a características negativas, o primeiro item “Fazem críticas” é o menos preterido dentre as características negativas, observa-se que “desrespeito”, “egoísmo” e “família que briga” são as características mais preteridas pelos respondentes.

3.4.2 Módulo 2 - Grupo Focal

Neste módulo serão apresentadas a metodologia empregada com a aplicação de grupos focais e a análise dos grupos focais realizados. O objetivo do emprego desta técnica foi investigar quais são as crenças e percepções dos participantes acerca dos elementos que compõem a vida familiar.

Participantes do Grupo Focal

Seleção e número dos sujeitos

Os sujeitos selecionados para o grupo focal foram provenientes da amostra que participou da etapa do *levantamento domiciliar*, que será explicitada em detalhes no **módulo 3**. A partir do conhecimento previamente obtido pelos assistentes de pesquisa com relação aos participantes, durante as entrevistas do levantamento domiciliar, foram convidados para compor os grupos focais sujeitos que julgava-se ter boa capacidade de compreensão das instruções em situação grupal. Levou-se em consideração também o critério, explicitado por Iervolino e Pelicioni (2001), de que os participantes deveriam ser homogêneos no sentido de não se colocar no grupo integrantes que se sentissem ameaçados ou desvalorizados em decorrência de características pessoais. Além disso, almejou-se abranger uma certa variabilidade de sexo e idade.

Foi realizada uma sessão de grupo focal em cada um dos quatro bairros estudados, sendo convidados 10 sujeitos para cada sessão (a saber, cinco mulheres e cinco homens), em consonância com as recomendações preconizadas por autores como Iervolino e Pelicioni (2001), que sugerem que um grupo focal deve comportar de 6 a 10 integrantes. Levando-se

em conta o objetivo do grupo, convidou-se de um a dois participantes de uma mesma família, desse modo, participaram cônjuges e/ou filhos em um mesmo grupo. O convite foi formalizado por meio de telefonema ou visita à casa deles. A seguir, apresenta-se, na Tabela 7, uma caracterização dos sujeitos que participaram dos grupos focais.

Tabela 7 - Caracterização dos participantes do Grupo Focal, segundo as variáveis: número de participantes, sexo, idade e estado civil em termos de frequência simples

Variável	Categorias	Maria Casagrande <i>f</i>	José Sampaio <i>f</i>	Vila Tibério <i>f</i>	Jardim Recreio <i>f</i>	Total <i>f</i>
Número de Participantes		6	8	10	7	31
Sexo	Feminino	3	5	5	4	17
	Masculino	3	3	5	3	14
Idade	Mínima	30	23	26	38	—
	Máxima	58	62	60	64	—
Estado Civil	Solteiro	1	1	1	—	3
	Amasiado	—	—	1	—	1
	Casado	5	7	6	4	22
	Divorciado	—	—	1	2	3
	Viúvo	—	—	1	1	2

Participaram ao todo 31 sujeitos, com uma distribuição aproximada entre os sexos. Quanto à faixa etária, conseguiu-se a variabilidade desejada nos respectivos grupos. E no que se refere ao estado civil, a maioria dos participantes eram casados.

Instrumento e técnica

Nesta etapa foi adotada a técnica do grupo focal, pois almejava-se obter dados relativos às crenças, percepções e valores referentes aos elementos que compõem o domínio cultural da vida familiar.

O grupo focal pertence à categoria das entrevistas grupais. Segundo Minayo (1993), o que torna a entrevista um instrumento privilegiado de coleta de informações para as ciências sociais é a possibilidade da fala ser reveladora de condições estruturais, de sistemas de valores, normas e símbolos e de, ao mesmo tempo, transmitir, através de um porta-voz, as representações de grupos determinados, em condições históricas, sócio-econômicas e culturais específicas.

A entrevista grupal tem ampliada a sua potencialidade em relação à entrevista individual por permitir aos pesquisadores observarem os processos de interação ocorrendo entre os participantes. Para Iervolino e Pelicioni (2001), uma das riquezas desta técnica é o fato de basear-se na tendência humana de formar opiniões e atitudes na interação com outros indivíduos. As autoras explicitam que “as pessoas, em geral, precisam ouvir as opiniões dos outros antes de formar as suas próprias, e constantemente mudam de posição (ou fundamentam melhor sua posição inicial) quando expostas à discussão em grupo” (IERVOLINO; PELICIONI, 2001, p. 116).

Acrescenta-se a essa potencialidade o fato de que a interação entre os participantes do grupo geralmente diminui o montante de interação entre o facilitador e os membros do grupo, podendo diminuir a influência do pesquisador sobre o processo de entrevista. Acredita-se, assim, que a situação “em grupo” pode reduzir a influência do entrevistador nos sujeitos de pesquisa por inclinar o nível de poder para o grupo (MADRIZ, 2000).

O grupo focal diferencia-se dentre as outras técnicas de entrevistas grupais (ou grupos de discussão) por ter um foco a ser investigado, de modo que o roteiro de entrevista serve como um meio de orientação. Contudo, um atributo necessário para um bom condutor de grupo é a flexibilidade, de modo que permita que a discussão se produza de maneira natural e espontânea, assegurando que as novas questões suscitadas pelo participante sejam examinadas de acordo com a sua pertinência aos objetivos da investigação.

Elaboração do roteiro de entrevista

A equipe do Projeto CADI, coordenada pelo Prof. William Dressler, desenvolveu um roteiro de entrevista semi-estruturado (ANEXO E), com 10 questões.

Como preconizado na literatura, o roteiro é composto primeiramente por questões gerais e, em seguida, por questões mais específicas. Essa ordenação permite que os elementos essenciais apareçam de forma mais natural. Quanto à construção do instrumento, Debus (1994) ressalta que um roteiro de entrevista bem concebido e elaborado permitirá uma melhor investigação da questão a ser explorada.

Procedimento de coleta dos dados

Os dados foram coletados por meio de entrevistas grupais (grupos focais) realizadas por dois assistentes de pesquisa, um coordenador (a autora deste trabalho) e um observador silente. A coordenadora possuía experiência prévia com a técnica de grupo focal. Esse arranjo no manejo do grupo é preconizado na literatura como o mais adequado. Westphal, Bógus e Faria (1996) apontam que, enquanto o moderador conduz o grupo, o observador pode captar informações não verbais e, ao final, ajudar o moderador a analisar os possíveis vieses ocasionados por sua forma de coordenar a sessão. Foi aplicado o mesmo roteiro de entrevista (anexo E) em todos os grupos.

Em cada bairro foi realizada uma única sessão, sendo dessa forma coletadas no total quatro sessões. Os grupos foram realizados em junho de 2002 no bairro da Vila Tibério, em abril de 2003 no bairro Maria Casagrande, em maio de 2003 no bairro José Sampaio e junho de 2003 no Jardim Recreio. Os encontros dos sujeitos dos bairros da Vila Tibério e do Jardim Recreio foram efetuados em um consultório na região central do município E os encontros

dos sujeitos do Maria Casagrande e do José Sampaio foram realizados em escolas do próprio bairro, de forma a facilitar o acesso ao local do grupo, pois esses bairros são distantes do centro da cidade. Foram resguardadas condições adequadas de conforto e privacidade nos locais em que foram realizados os grupos, e almejou-se, na escolha dos locais, que esses fossem neutros e acessíveis aos participantes.

As reuniões tiveram a duração média de uma hora e trinta minutos, tendo sido gravadas e posteriormente transcritas integralmente. Para preservar a identidade dos participantes, houve a troca dos nomes a serem apresentados no tópico referente aos Resultados.

Procedimento de tratamento dos dados

Nos dados provenientes dos grupos focais foi realizada uma análise qualitativa, a saber, a Análise Temática de Conteúdo, tal como proposta por Minayo (1993). Esta autora coloca que elaborar uma análise temática consiste em descobrir os núcleos de sentido que compõem uma comunicação, cuja presença ou frequência seja significativa para o objetivo analítico visado. Esta análise operacionalmente se desdobra em três etapas: a pré-análise (no qual deve-se realizar uma leitura flutuante, possibilitando que se constitua um *corpus* e a formulação de hipóteses e objetivos), em seguida realiza-se a exploração do material e, por fim, o tratamento dos resultados obtidos e sua interpretação.

Dessa forma, realizou-se uma leitura exaustiva das entrevistas, na qual se ressaltavam as questões relacionadas à vida familiar. Em seguida, foram observados os conteúdos que se repetiam ou que se mostravam importantes. Posteriormente, foram constituídas categorias temáticas, sendo que alguns relatos foram reagrupados formando subgrupos mais específicos.

Resultados do Módulo 2

Os resultados apresentados referem-se à análise dos quatro grupos focais realizados nos bairros Maria Casagrande, José Sampaio, Vila Tibério e Jardim Recreio.

As categorias de análise propostas foram agrupadas em dois blocos, a saber: Fatores que afeta(ra)m a vida familiar e Valores, funcionamento e organização familiar. As categorias de análise empregadas encontram-se listadas abaixo.

Fatores que afeta(ra)m a vida familiar:

1) Transformações sociais	• Evolução tecnológica • Televisão • Liberdade sexual • Novo estilo de vida • Mudança no papel da mulher • Diminuição de valores religiosos
2) Elementos negativos que fragilizam a vida familiar	• Dificuldades na comunicação • Omissão e falsidade • Ausência de suporte familiar • Brigas e agressão • Desrespeito e rompimento dos laços familiares • Vícios • Problemas financeiros

Valores, funcionamento e organização familiar

3) Valores e organização familiar	• Papéis na família • Elementos e valores da vida familiar
4) Novas configurações na organização familiar	• Novas delimitações dos papéis masculino e feminino • Novos arranjos familiares

5) Formas de enfrentamento utilizadas pela família frente às mudanças sociais e/ou problemas

- Diálogo
- Aprender sobre o problema para lidar melhor
- União
- Aproximação entre pais e filhos, flexibilidade
- Acolhimento
- Imposição de limites
- Suporte e apoio familiar
- Buscar ajuda fora da família
- Ter Deus dentro do coração
- Manutenção de padrões anteriores de comportamento e valores morais
- Contenção física

O primeiro bloco “Fatores que afeta(ra)m a vida familiar” é composto pelas categorias: “Transformações sociais” e “Elementos negativos que fragilizam a vida familiar”, e reúne tanto elementos que, na perspectiva dos participantes, promoveram importantes transformações na vida familiar por alterar papéis e comportamentos, como elementos que são prejudiciais aos vínculos familiares e que são observados não só na atualidade mas em gerações anteriores.

Fatores que afeta(ra)m a vida familiar

Serão apresentados, a seguir, os relatos dos entrevistados quanto às transformações sociais que afetaram a sociedade e que tiveram impacto importante sobre a vida familiar.

1) Transformações sociais

- **Evolução tecnológica (e mudança nos padrões de comportamento)**

Nesta subcategoria temática foram agrupados os segmentos de fala que se reportam às transformações desencadeadas pela evolução científica e tecnológica, gerando alterações nos padrões de comportamento que regulam o convívio social e familiar.

“No caso da medicina, por exemplo, eu não esqueço que o meu avô faleceu, hoje eu sei o que que é que ele tinha, mas antes a gente não sabia porque a gente era do interior. [...] Então por isso nuns pontos melhorou, no caso por exemplo, pra nós família melhorou. [...] Então hoje, com a medicina avançada, quer dizer, eu não estudei não, mas eu entendo o quê que é que aconteceu com ele.” (Adélia, José Sampaio)

“Eu tenho um filho que vai fazer 15 anos, eu paro pra analisar que a nossa evolução chegou muito rápida, a evolução das coisas. E lá no fundo, nós não estávamos preparados pra essa evolução toda. Pra essa tecnologia toda, pra essa evolução toda, esse canal que chama televisão – que entra na casa da gente.” (Eduardo, Vila Tibério)

“Os nossos pais não estavam preparados, ou até mesmo nós que temos filhos hoje, não estavam preparados pra essa evolução. Então eu acho que tudo isso é o resultado grande do que tá acontecendo hoje. Que você falou é.... ‘Ah, uma moça chegou grávida porque já namorava um rapaz.’ Não. Hoje já não se namora mais. Hoje o namorado dorme na casa da namorada. A namorada... quer dizer, e ninguém tava preparado.” (Eduardo, Vila Tibério)

“Como elas viram que é uma coisa natural [a gravidez da Xuxa]. Que elas viram constantemente acontecer dentro de casa. Quer dizer, elas viram dentro de casa. É onde eu te falei, que a evolução que chegou em 20 anos pra cá pegou todo mundo com um assalto na mão.” (Eduardo, Vila Tibério)

“Quase não existia luz, não era todo lugar que existia energia elétrica, então ficava tudo num quarto só com a vela acesa, com a lamparina. Era mais união por isso, agora a televisão abriu um pouco, desprende a família.” (Sérgio, Jardim Recreio)

“A novela e tal que passou a ser, vamos dizer assim, uma forma de divertimento fácil e barata dentro da casa, [...] eu acho que isso aí mudou realmente o comportamento da família de uma certa forma.” (Armando, Jardim Recreio)

Resumindo os achados, os participantes relatam, como benefício proveniente da revolução científica e tecnológica, o avanço do conhecimento médico e a disseminação dessas informações junto a camadas sociais de baixa renda e pouca escolaridade. Por outro lado, verifica-se também um sentimento de “despreparo” frente não só aos desafios colocados pela evolução tecnológica, mas sobretudo às mudanças de comportamento e costumes que acompanham as transformações.

- Televisão

Nesta subcategoria foram agrupadas as verbalizações que se referiam à influência (negativa e positiva) que os meios de comunicação de massa, sobretudo a televisão, exercem sobre a família.

Influência ruim

“A novela põe lá no ar e as crianças vêm desobedecendo o pai, o adolescente aprende tudo que não presta, porque ali mostra tudo. [...] Prostituição, roubo, assalto, morte, tudo é ali. Criança não obedece o pai, manda tomar coca-cola. [...] Pode ver que é lá, é a primeira coisa que eles vê é ali, dali eles tomam o exemplo e sai.” (Adilson, Maria Casagrande)

“Ao invés da mãe sentar lá e assistir uma novela, porque que assim uma hora que tá assistindo ela não vai lá: ‘Ô meu filho, tal, como que vai? Como que passou seu dia hoje?’, depois [assiste] a novela. Porque televisão eu acho que estragou 50% da população em tudo. Porque televisão é só mau exemplo, pra mim eu acho que sim, porque você não vê uma coisa

sadia mais na televisão, você não vê um filme igual antigamente, não vê. Agora novela escandalosa e tudo e a criança já cresce olhando aquilo.” (Adriana, José Sampaio)

“Tudo que passa na televisão é tudo tão natural.” (Rita, José Sampaio)

“Nós não temos televisão educativa. Ao contrário, nós temos uma televisão destrutiva”
(Eduardo, Vila Tibério)

“O sexo é uma coisa de Deus. Foi Deus que criou e isso daí é normal e até muito bom. Agora, eu acho, por exemplo, a televisão é um dos fatores que levou à separação, à desunião das famílias. Por exemplo, esse ‘Big Brother’ aí, isso daí eu acho o fim da picada.” (Ernesto, Vila Tibério)

“E aquele contato com a televisão que tá ali substituindo o pai e a mãe ainda traz os tipos de problemas assim, uma visão do mundo diferente daquela que a gente gostaria de passar pra eles (filhos).” (Marisa, Vila Tibério)

“Antes da televisão a família era muito mais unida, porque não tinha o que fazer, era bater papo depois do jantar, ia conversar, era brincar entre os irmãos.” (Sérgio, Jardim Recreio)

“Você vê que a própria televisão, ela tira a união da família. Porque a mãe gosta de assistir novela, os filhos gosta de assistir outra coisa, então dá aquela divisão, o pai é esportes essas coisas.” (Alice, Jardim Recreio)

“Eu tenho um amigo que tava contando, que me contou há uns dois, três anos atrás, que ele foi na Alemanha na casa de um amigo dele lá e que ele achou estranho que não tinha televisão na casa. Era um dos hábitos do cara e não tinha televisão pra ele poder obrigar o pessoal a sentar e conversar.” (Armando, Jardim Recreio)

Gravidez da Xuxa⁵ como exemplo ruim para as crianças

“Eu acho que por ela [a Xuxa] ter esse poder de mídia, de massa, principalmente num público infanto-juvenil, tem que ter muito cuidado porque, queira ou não, a mídia tem um poder fatal.” (Ari, Vila Tibério)

“Ela foi uma professora pras crianças.” (Ana, Vila Tibério)

“Porque sabendo ela [...] que tinha um público de crianças e adolescentes, que tinham ela como uma ídola, uma rainha, como ela é chamada. Então eu acho que quem coloca-se no lugar de rei ou rainha tem que dar exemplo disso. Então é o que ele falou. Como que um adolescente, uma criança despreparada olha que a rainha, a toda poderosa, que dita a moda, dita sapato, dita maquiagem, dita tudo, vai dar um exemplo desse. É o que ela falou. A criança, ela não consegue [...] o adolescente, eles são facilmente influenciados. E com isso, o que que acontece? A Mídia entra, eles [crianças e adolescentes] só se baseiam-se nisso: ‘Poxa! Ela faz, ela pode.’ E foi com a propagação muito ruim, porque ela [a Xuxa] falou na televisão, ela deu entrevista como se aquilo fosse a coisa mais natural do mundo. Só que se esqueceu ou não se importou, que o público alvo dela é de adolescentes e crianças.” (Ari, Vila Tibério)

“Pode ter certeza de uma coisa. Esse ato dela já destruiu muitas famílias. Já destruiu. Não vai destruir. Já destruiu.” (Eduardo, Vila Tibério)

A televisão afetou os homens e as mulheres

“Não mudou só a cabeça das crianças, não, dos homens, também. Ele [o marido] fica com o controle na mão. É Cidade Alerta, é não sei o quê, é o jornal. Dá 6 horas, eu quero colocar

⁵ Maria da Graça Xuxa Meneghel, conhecida por Xuxa, apresentadora de programas infantis de grande sucesso como “Xou da Xuxa” e “Xuxa Park” da Rede Globo de Televisão, sendo conhecida por “Rainha dos Baixinhos”. Produz filmes, discos, roupas e inúmeros outros produtos sempre focalizando o público infanto-juvenil. Em 1998 nasceu sua primeira filha, Sacha, fruto de um curto relacionamento que a apresentadora afirma ter mantido com o ator e empresário Luciano Szafir.

ali na Rede Vida pra mim assistir o terço, uma oração, assistir à missa se você não pode ir na igreja.” (Ana, Vila Tibério)

“Ela acha que pode fazer o que tá acontecendo lá. [...] A Jade [personagem que encarna a heroína da novela ‘O Clone’] não frita um ovo, não lava uma roupa, não faz nada. Lá em casa foi um tal de falar assim: ‘Eu vou comprar o lenço, o anel da Jade.’ Eu vou ser obrigado a começar a ir no boteco pra comer, porque vai me cortar os meus baratos... Então muda, sim.” (Eduardo, Vila Tibério)

Eu morei com uns tios em São Paulo e eles tinham televisão até na cozinha. Eu achava aquilo assim um... Eles chegavam; eu queria contar minhas coisas, meu dia, tal e a televisão na cozinha, daí na sala era a mesma coisa porque não podia se perder um segundo daquilo. São pessoas ótimas, é só um hábito da casa mesmo.” (Juliana, Jardim Recreio)

“Em Minas, lá a gente vai fazer a visita é duro, tem que conversar assistindo a novela, a televisão, aí... então você tem que tá acompanhando e às vezes você tá conversando e não sabe se tá interrompendo na hora certa, se não tá, entende?” (Armando, Jardim Recreio)

Televisão com aspectos positivos

“Nesse título de televisão eu discordo em parte, porque a televisão mostra as novelas e muita coisa que se mostra na televisão... tá mostrando os prós e os contras. Numa novela, por exemplo, é abrangido todo os temas, quer dizer, o pobre, o rico, a família desorganizada e a organizada, então tá sempre... alguma coisa pra você, pra questionar. As novelas sempre cria os temas pra gente questionar; você assistir e ver e dali tirar aquilo que melhor serve né, pra cada um. Tem coisas boas, tem coisas ruins, assim como igual à vida da gente.” (Solange, Maria Casagrande)

“Eu acho que tem muito pouca coisa boa, mas alguma coisa é boa. Por exemplo, teve uma novela que mostrou sobre drogas que foi sucesso até nos outros países né, novela brasileira. [...] mas tem alguma coisa que também educa a gente.” (Orlando, Maria Casagrande)

“Mas eu acho que a televisão também tem muito informação, viu, gente? É nós que temos que saber o que é certo.” (Clara, Vila Tibério)

Na percepção dos participantes a mídia televisiva exerce influência predominantemente negativa sobre a família, principalmente ao veicular padrões de comportamento negativos e transmitir uma “visão de mundo” indesejada pela família, alterando o relacionamento familiar e naturalizando costumes e valores. A possibilidade de aproveitamento de programas da televisão não é descartada, porém está associada à capacidade de julgamento e avaliação do que é assistido pelo telespectador.

- Liberdade sexual e mudança nos padrões de comportamento

Nessa subcategoria foram inseridos os relatos verbais que fazem referência a um padrão de conduta sexual menos rígido e as implicações do mesmo sobre os relacionamentos familiares.

“Hoje estão confundindo liberdade com libertinagem.” (Rita, José Sampaio)

“Eu acho que tá tudo muito mais facilitado, sabe, muito aberto, muito... pra não dizer depravado.” (Rita, José Sampaio)

“Eu falo assim, não existe mais aquela beleza da menina se resguardar, se cuidar. Não, hoje sai um dia no outro... o tal do ficar, fica hoje, beija aqui, beija ali, beija ali, beija ali, agarra ali (vupt) acabou. ‘Vai embora você pra tua casa, eu pra minha, amanhã eu beijo outro.’ Então eu acho assim, tá muito aberto, muito facilitado, parece que não tem uma noção daquilo que tá sendo feito, da profundidade daquilo que tá sendo feito. [...] Elas tão tratando o corpo delas como se fosse um... objeto, uma casca de banana.” (Rita, José Sampaio)

“Eu acho que teve uma liberdade sexual. E não teve uma educação sexual.” (Rosa, Vila Tibério)

“Teve liberdade antes da educação.” (Eduardo, Vila Tibério)

“Tem liberdade, mas não tem educação, não tem responsabilidade nenhuma.” (Rosa, Vila Tibério)

“Eu tenho um amigo, há dois meses atrás eu falei pra ele: ‘Você, ué?! O rapaz tá dormindo na sua casa?’ Ele falou: ‘É, ele vem. Às vezes fica dois a três dias, depois vai’. Eu falei assim: ‘E você não vai tomar uma atitude?’ [...] Ele tava dormindo na casa. Almoçava, jantava, dormia, fazia a barba, o bigode.” (Eduardo, Vila Tibério)

Observa-se nos relatos que a instauração de um padrão de comportamento sexual menos rígido está associado a condutas tidas como desmoralizantes, ausência de responsabilidade e a banalização do próprio corpo e das vivências afetivo-sexuais, sobretudo por parte das meninas.

- Novo estilo de vida

Nesta subcategoria as verbalizações referem-se à busca das famílias por um novo estilo de vida, associado ao desejo de um maior poder aquisitivo.

“Nós tivemos uma onda de consumismo, quer dizer, tudo custa, você tem que batalhar no dia-a-dia pra ter e aí de repente a família fica de lado. Você vê que hoje as famílias mais humildes têm uma televisão, muitos têm freezer, tem uma geladeira, tem o seu fogão a gás, tem luz, tem água; tudo custa dinheiro, então tem que trabalhar, aí de repente eles deixam a família de lado, o filho fica na rua o dia todo porque a mãe tem que trabalhar, o pai também. E fora os que já vivem a dificuldade do desemprego e os filhos querem as coisas; você vê, é

um tênis caro que um outro coleguinha tem, então de repente ele vai roubar”. (Solange, Maria Casagrande)

“Aí depois eles se casam. O quê que acontece? Aí vem na mente o consumo. Eles querem mais dinheiro pra ter uma casa melhor, pra ter uma casa bem confortável. Pra ter seu carro ele e pra ter seu carro, ela. Aí começa. Começa os dois trabalharem. Vai trabalhar os dois. Não tô generalizando. Uma boa parte é assim. Aí, em seguida, eles começam a trabalhar os dois. Aí, o quê que acontece? Aí eles resolvem ter um filho. Às vezes a pessoa nem programa, resolve. Resolve ter assim. Acaba ocasionando e tem o filho. O quê que acontece? Aí os dois estão trabalhando e eles não querem parar daquela parte financeira. De receber na parte financeira. E de ter aquela vida que eles estavam tendo, financeira. Aí começa: coloca uma babá com o filho ou deixa o filho com a mãe ou com a sogra.” (Ernesto, Vila Tibério)

“ ‘Ah, mas eu preciso ajudar meu marido’, por quê? Porque o consumismo é muito grande. Você quer um carro zero, você quer uma televisão colorida, você quer um microondas, você quer um... Antes a gente conformava com o que tinha.” (Rita, José Sampaio)

“Tinha aquela classe que podia mais, tinha a menos, tinha a pobre, quer dizer, a gente aceitava o que tinha e vivia feliz, hoje a pessoa tá infeliz querendo mais, querendo mais, querendo mais, quer dizer...” (Celina, José Sampaio)

Foi descrito pelos participantes que, na atualidade, as famílias almejam aceder a um novo estilo de vida, permeado por um forte desejo de consumo para obtenção de uma vida mais confortável do ponto de vista material. A busca por esse poder aquisitivo levaria a mulher a ingressar no mercado de trabalho, e o cuidado com a família e a educação dos filhos ficaria em segundo plano. Contudo, além da inserção no mercado de trabalho, há outros novos espaços que a mulher passa a ocupar na sociedade contemporânea, como mostra a subcategoria abaixo.

- Mudança no papel da mulher

“A mulher hoje, a mulher mudou um pouco hoje. Um pouco não, mudou bastante o conceito dela em relação a antigamente. Hoje ela caminha paralelo, praticamente paralelo ao homem. Hoje nós temos aí, até as mulheres são deputadas, elas são senadoras. Tão disputando eleição pra presidente. Quando você via isso antigamente? Não tinha. Hoje tem.” (Ernesto, Vila Tibério)

“Mas aí os valores da sociedade mudaram. As mulheres começaram a sair pra trabalhar fora e as moças não foram preparadas pra saber o que é o casamento.” (Rosa, Vila Tibério)

A circulação (ocupação) da mulher por espaços como o da política e mesmo o do mercado de trabalho externo aos limites do domicílio, proporcionou uma mudança nos conceitos associados ao gênero feminino, interferindo em padrões de costumes e instituições importantes como o casamento.

- Diminuição de valores religiosos

São reportados a seguir relatos referentes às alterações percebidas no plano dos valores religiosos, que afetam a organização familiar.

“Eu acho que um pouco, um pouco é falta de religião também, eu acho que a educação espiritual ajuda muito nisso aí. As crianças de hoje começam uma cultura espiritual na igreja, qualquer igreja e depois abandona, vira adolescente já vão namorar, vão correr atrás de bola e nunca mais voltam.” (Orlando, Maria Casagrande)

“As pessoas hoje em dia fala de Deus como se tivesse falando assim de um objeto qualquer, duma mesa, duma cadeira, só falam em Deus assim. Não buscam a Deus igual ele tá falando; antigamente as pessoas buscavam mais a Deus. Qualquer igreja a pessoa pode buscar, eu acho que falta isso, as pessoas esqueceram de Deus.” (Fátima, Maria Casagrande)

Na educação dos filhos

“Agora, hoje, as mães, não são todas, mas a maior parte não tem religião. Não leva o filho pra que acompanhe, pra ir numa religião, pra aprender coisa boa.” (Ana, Vila Tibério)

Perda da importância do sacramento matrimonial

“O sacramento do matrimônio, hoje em dia, não é importante.” (Clara, Vila Tibério)

Segundo os participantes, há uma diminuição da influência dos valores religiosos sobre a formação moral e espiritual das novas gerações. Essas mudanças permeiam até o significado atribuído ao sacramento matrimonial. As pessoas estariam estabelecendo com Deus uma relação menos sacralizada, banalizando esse vínculo com o mundo sobrenatural e valorizando a satisfação das necessidades materiais imediatas. A educação religiosa das crianças não se efetivaria por que a própria família parece já não cultivar esses valores. Nessa visão, a ausência da religiosidade fragilizaria a família, na medida em que a priva de um sólido referencial moral.

Inicia-se abaixo a categoria referente aos vários elementos relatados pelos participantes como prejudiciais aos vínculos familiares.

2) Elementos negativos que fragilizam a vida familiar

Estão elencados abaixo os relatos dos participantes agrupados em três subcategorias, a saber: dificuldades na comunicação familiar, comportamentos de omissão e falsidade entre familiares e ausência de suporte familiar.

- Dificuldades na comunicação

“Falta dum diálogo, às vezes o pai tem vergonha de dialogar com a filha, a mãe às vezes nem... Também às vezes não tem uma cabeça como... não pensa como outras pessoas pensam, não conversam, depois acontece e aí é pancada, só pancada.” (Orlando, Maria Casagrande)

“A minha mãe não era preparada para responder as perguntas que eu tinha. E hoje em dia também não, porque a criança chega no pai e na mãe e pergunta as coisas. Desconversa, ele não fala.” (Rosa, Vila Tibério)

“O pai fica aí... a mãe, coitada, fica num canto: ‘E agora?’ Olha pro marido: ‘Bem, o quê que eu faço?’ ‘Também não sei.’ ” (Ari, Vila Tibério)

- Omissão e falsidade

“Que eu também não vou dizer que a família do passado era uma família perfeita, porque não era. Havia muita omissão, muita falsidade, muita hipocrisia. Não vou dizer que isso não ocorra hoje.” (Ari, Vila Tibério)

“Todo mundo sofria calado.” (Rosa, Vila Tibério)

- Ausência de suporte familiar

“Tem família que larga pra lá. Não quer nem ver.” (Ana, Vila Tibério)

“Sem apoio familiar a pessoa volta para o vício.” (Luís, Vila Tibério)

“Mas tem que encontrar ajuda é depois que ele saiu do vício. Aí é o pior, porque se ele sair do vício, ele não tiver um apoio. [...] Então não adianta aquele lá que saiu, ele já foi internado um monte de vez, só que pega ele, leva, trata ele. Quando ele vem, ele não tem apoio da família.” (Luís, Vila Tibério)

“Ele não tem apoio. Então ele vai procurar o apoio ali (no bar). Porque aonde ele tá ali, na bebida, que é álcool, é o certo dele. Então ele sente bem é ali. Então a família que deve pegar, naquela hora.” (Luís, Vila Tibério)

“Não deixar ele sair sozinho... Senão ele volta [para o vício], sim. Não tem jeito.” (Luís, Vila Tibério)

“Muitas coisas eu vivi, passei, muitas coisas da pessoa que bebe. Eu frequento boteco, eu sei o quê que é. A pessoa procura e: ‘aqui eu não tenho mais apoio em casa.’ Eu quero falar o que aconteceu comigo, então eu vou lá [bar]. [...] Pra você se soltar.” (Luís, Vila Tibério)

Observa-se que a dificuldade na comunicação entre familiares seria fruto tanto do despreparo dos pais, que não saberiam o que dizer frente a questionamentos dos filhos, como também de sentimentos de “vergonha” de dialogar com os filhos. Pondera-se que a presença desses dois elementos acima apresentados poderia trazer prejuízos à importante tarefa dos pais de orientar e de acolher os filhos. Verifica-se novamente a impossibilidade de comunicação quando Rosa relata um “sofrimento psíquico velado” na família, onde possivelmente valores morais possam influenciar uma postura de falsidade, hipocrisia e omissão entre os familiares.

A ausência de suporte familiar facilitaria a recaída ou a manutenção do uso indevido de drogas. A impossibilidade de contar com o apoio familiar levaria o indivíduo desamparado a procurar apoio em espaços públicos, como no bar. A seguir encontram-se segmentos de fala que compõem categorias nas quais se observa a presença de formas mais agressivas de relacionamentos familiares e a problemática decorrente da utilização indevida de substâncias psicoativas por um membro da família.

- Brigas e agressão

“Eu conheço pais também que quando recebem uma reclamação ou uma convocação pra ir [na escola do filho] ... ‘É porque você aprontou, porque não sei o que.’ E bate. Já agride porque... já tira conclusões. [E porque você acha que o pai ou a mãe age às vezes desse jeito, Solange?] ‘Ignorância, ignorância, machismo, estupidez, falta de... desamor.’ (Solange, Maria Casagrande)

“A maioria são assim justamente porque não tem atenção dos pais. Quase todo aluno problema ele tem problema em casa de desatenção ou de agressão. Então é uma forma dele extravasar; ele agride, ele quebra as coisas. Tem aluno que sai chutando cadeira, derrubando, quebrando; é uma forma dele brigar com o mundo que ele não pode fazer em casa. Então é um negócio muito sério.” (Solange, Maria Casagrande)

“O pior de tudo é brigar, querer brigar.” (André, José Sampaio)

“Tem que convencer porque ficar brigando, gritando não consegue nada.” (Adriana, José Sampaio)

“Tentar mostrar o outro lado, entendeu? Porque se não, se você for obrigar ele a fazer o que você... se você obrigar aí vai ser pior mesmo, ele vai querer te enfrentar porque ele acha que ele tá certo, né. Geralmente quando uma pessoa é viciada em alguma coisa, pra ela aquilo é o certo pra ela, aí se você quiser obrigar o contrário você vai arrumar briga pra você, aí... fica difícil.” (André, José Sampaio)

- Desrespeito e rompimento dos laços familiares

“Porque espancar, fazer coisas não adianta, porque depois tem processo, tem isso e aquilo e se torna pior, a pessoa se torna mais revoltada ainda porque não teve apoio de ninguém e aí vai pro mau caminho porque não vai ter apoio, o que pode acontecer?” (Adilson, Maria Casagrande)

“Ele falou: ‘Ah, o velho (pai) lá não dá. [...] ele não me dá dinheiro. Só pega dinheiro e não me dá dinheiro. Então eu resolvi vir embora.’ Então é uma das coisas que acontece. Tem aqueles que aceitam e tem aqueles que não aceitam e vão embora.” (Ernesto, Vila Tibério)

- **Vício**

Vício e danos psicológicos aos familiares

“Ah, porque desestrutura totalmente a família se você tem um filho que vai pro caminho errado usando droga...” (Regina, José Sampaio)

“O meu tio, ele era alcoólatra de cair na sarjeta e da minha tia ter que sair lá fora, pegar e levar ele pra dentro. Sei dos problemas que aconteceram decorrentes disso, terríveis dentro de casa. Terríveis, terríveis. Minha prima mais velha simplesmente engravidou do namorado. Eu falei ‘Você não tem juízo. Você foi engravidar do namorado, da sua idade, que não tem nem onde cair morto, [...] que não tem nenhuma responsabilidade igual a você.’ Porque ela queria sair de casa. Ela não queria mais ficar ali. Foi uma situação terrível.” (Rosa, Vila Tibério)

“Quem tá com problema é ele. Mas não é mais só ele. Começa nele, mas acaba ocorrendo problemas pra família toda.” (Rosa, Vila Tibério)

“Minha prima mais nova tinha um ano e via o meu tio caído lá na calçada. Imagina como a criança pensava, como a criança vê, ela cresceu vendo aquilo. Isso gera um problema psicológico na criança muito grande, né? Pra ela, a mais velha era sete anos mais velha que ela. Meu tio bêbado e xingava ela de tudo. Ela era uma criança, mas xingava ela de tudo quanto era coisa. Avançava nela, falava que ia bater nela, sabe? Você não sabe nem o que fazer numa situação dessa.” (Rosa, Vila Tibério)

“Mas isso [alcoolismo] aconteceu com o meu pai. Papai era uma pessoa que quando saía de casa, ia ao bar, ele era uma pessoa. Quando ele voltava a personalidade dele era outra. Completamente diferente. Quantas vezes eu também, eu peguei ele no chão pra levar ele pra casa.” (Ari, Vila Tibério)

Vício, preconceito e isolamento social

“Porque quando você tá tendo um problema desses, você não tem consciência que não é [...], que tem trocentas pessoas que têm o mesmo problema. Você acha que é só com você.” (Rosa, Vila Tibério)

“Ela não quer que as colegas, os amigos da escola, que ninguém saiba que o pai dela é alcoólatra.” (Rosa, Vila Tibério)

“Ela não vai contar pra ninguém que o pai, que a mãe, que o irmão é alcoólatra, é drogada, alguma coisa. Ela não vai. A mãe, a esposa, ninguém quer que ninguém fique sabendo. Todo mundo fica com vergonha, fica com medo.” (Rosa, Vila Tibério)

“A minha mãe era alcoólatra... bebia, eu tinha que ir buscar ela. Eu já passei por isso também. Então não pode abandonar. Era muito pequeno. Era um tempo muito antigo, né? Então você não podia falar nada. Tinha que respeitar a mãe.” (Luís, Vila Tibério)

Resumindo os achados, os participantes retratam com sentimentos de intensa desvalorização e condenação moral o “brigar”. Relatam que empregar formas agressivas de ação na resolução de situações-problema geraria comportamentos agressivos nos membros agredidos e agravariam e ampliariam os focos dos problemas. Ainda segundo os relatos, um usuário de drogas causaria problemas a todos os membros da família, afetando o desenvolvimento de crianças e adolescentes, prejudicando o relacionamento familiar, como também expondo os familiares a constrangimentos sociais.

Na subcategoria abaixo, o elemento negativo à vida familiar refere-se aos problemas advindos da dificuldade com o sustento familiar.

- Problemas financeiros

[Mas de maneira geral o que vocês acham que são os problemas mais importantes que as famílias estão enfrentando?] *“Eu acredito que seja o financeiro. É porque os salários não tão acompanhando a inflação, os aumentos. Na televisão fala que a inflação foi só de zero, zero, zero e não sei quanto, mas isso não bate com a realidade, é muito mais do que isso. A gente sente no supermercado, a gente sente nas tarifas, então é isso. Então é essa a maior dificuldade eu acho. E isso traz até uma certa... um desequilíbrio até na família. Porque o pai fica irritado, estressa, estressa todo mundo, todo mundo fica estressado.”* (Celina, José Sampaio)

“Quando você tem o dinheiro é as mil maravilhas, tudo vai bem, tudo corre uma beleza, acabou o dinheiro pronto; aí entra as briga em casa, o desaforo.” (Marcos, José Sampaio)

“Você comprou coisa que não precisava.” (Adriana, José Sampaio)

“Numa família é pai, mãe e três filhos, é um que trabalha, dois tão desempregados. Um trabalha e o outro tá desempregado e... aí é que gera confusão, briga. ‘Você não trabalha. Você é vagabundo’.” (Ernesto, Vila Tibério)

A dificuldade em prover financeiramente a unidade familiar gera estresse e desarmonia entre os familiares, favorecendo os desentendimentos.

Inicia-se a seguir o segundo bloco de categorias de análise das verbalizações dos participantes. No bloco “Valores, funcionamentos e organização familiar” serão retratados desde os valores e a organização familiar, como as novas configurações na organização familiar provenientes de recentes transformações sociais, sendo ao final reportada as formas de enfrentamento utilizadas pelos familiares na resolução de impasses e problemas.

Valores, funcionamento e organização familiar

Nesta categoria estão agrupados os relatos orais que abordam elementos e papéis valorados positivamente e de forma importante na configuração familiar.

3) Valores e organização familiar

- Papéis na família

Nesta subcategoria temática foram agrupados os relatos verbais que aludem aos papéis que cabem aos pais em uma organização familiar.

“A estrutura do filho é o pai e a mãe.” (Adélia, José Sampaio)

“Pai e mãe são o alicerce dos filhos.” (André, José Sampaio)

“Cada um tem um papel. Nenhum na frente, nenhum atrás. Os dois. Pegando um pouco da mãe, as coisas boas da mãe. Porque a mãe ela tem uma parte que pra mim é inato. [...] Então a mãe tem esse dom, que precisa o filho, assim como tem que ter do pai o responsável do trabalho.” (Ari, Vila Tibério)

“E toda criança precisa do poder do pai e do poder da mãe pra formar o caráter.” (Ari, Vila Tibério)

“Aí tá a importância do pai e da mãe. Muito importante a presença do pai na família, porque tem hora que a mãe acha que não tá conseguindo, não tá dando certo, aí ela troca de idéia com o marido, aí entra a presença do marido com o espírito, dando outras idéias... outra visão e aquilo ali anda, gente resolve tanta coisa, que tem hora que você fala: ‘Ainda bem que tem o pai aqui’.” (Beatriz, Jardim Recreio)

Retrata-se o papel estrutural que é atribuído aos pais na formação dos filhos, enfatizando condutas e estereótipos de gênero que criam uma concepção dicotomizada no cuidado com a prole. Cabe à mãe um acompanhamento mais sistemático e próximo e ao pai um apoio nos cuidados e a responsabilidade frente ao sustento familiar.

- Elementos e valores da vida familiar

Nessa subcategoria foram elencadas as verbalizações que dizem respeito aos vários elementos valorados como importantes para os vínculos familiares.

“A gente deve ser assim mesmo como ela, você precisa ligar com os filhos, preocupar, estar sempre no pé e mostrar amor, carinho.” (Orlando, Maria Casagrande)

União familiar

“Eu sou barulhenta, sabe? Eu sou daquelas que às vezes eles [os filhos] respondem, eu: ‘Responde outra vez que eu te mato’. E tal, mas também estou lá dando abraço, agradando e tal. Sempre presente. Eu acho que é o que falta hoje na família; a presença dos pais na vida dos filhos, dos filhos na vida dos pais, quer dizer. [...] Um só corpo né, a família ser um só corpo.” (Solange, Maria Casagrande)

“Que nem, cê tá lá sentado, de repente a filha tá com problema, entendeu? Ela chega e fala... só de tá ali entendeu, a filha já se sente à vontade pra falar: ‘Pai, ô mãe, tô com problema.’ Entendeu? Aí os pais podem tá ouvindo, os irmãos tão ali, entendeu?” (André, José Sampaio)

“O pai, ele não tá o tempo inteiro com o filho, mas o pouco tempo que ele estiver e ter uma boa relação, ser o pai verdadeiro naqueles momentos, é o suficiente.” (Celina, José Sampaio)

“Tem que tá os dois unidos, os dois juntos, ter respeito e amor um pelo outro. Dá certo sim.”
(Regina, José Sampaio)

“Eu acho importante também [...] que quando a família é bem unida, depois que os filhos se casam, eles continuarem ali também, todo mundo unidos. [...] Isso é muito importante também pra eles darem uma seqüência nas famílias deles também.” (Ernesto, Vila Tibério)

“A minha mãe [alcoólatra]... a gente não podia ajudar, mas nunca abandonamos.” (Luís, Vila Tibério)

“Tem que ter muita paciência e união no casal.” (Alice, Jardim Recreio)

“Mas na minha casa [...] a gente sempre conversa depois das refeições, a gente já tem até um combinado assim que a gente nem tira o prato da mesa porque se um começa tirar o prato: Nossa a minha mãe tá né... vou tirar. Não, então fica aquele prato e a gente e a gente fica aquela coisa meio amontoada assim, mas a gente conversa muito.” (Juliana, Jardim Recreio)

Apoio

“Tem que ir [na escola do filho], porque nesse pouco tempo que ele tem, tem que arrumar um tempinho, nem que seja duns vinte minutos e correr lá pra saber o que tá acontecendo. Porque às vezes pode ser coisas muito boas, mas pode ser coisas ruins também [...]. Então o pai tem que estar presente pra dar um apoio.” (Orlando, Maria Casagrande)

“Tem que participar da vida do filho, acompanhar esse filho, ter amizade com esse filho, ver lá o que que tá acontecendo na escola” (Celina, José Sampaio)

Diálogo e respeito

[Quais são as coisas mais importantes que eles podem fazer pra criar uma boa família?]

“Primeiro diálogo. [...] Já aprender desde o início, sentar frente a frente e conversar. Tentar

resolver os problemas em casa e, se não conseguir bem, ir atrás, procurar ajuda é muito importante nessa época de hoje. E o amor né, respeito. Porque se ela respeita, se respeita consegue sobreviver.” (Solange, Maria Casagrande)

Amor / Carinho

“Eu acho que o carinho é a base de tudo, não ter vergonha de falar eu te amo.” (Solange, Maria Casagrande)

“Se eu estou te falando é porque eu te amo, eu não quero ver você rolando também, se essa pessoa que você tá andando não é boa coisa eu não quero que você seja como ele. Entendeu? E porque isso? Porque a gente ama.” (Solange, Maria Casagrande)

“Eu acho que primeiramente pro casal começar a vida os dois tem que se amar muito, um gostar muito do outro. [...] Porque viver junto com quem não gosta, minha fia, é um abacaxi todo dia pra descascar.” (Orlando, Maria Casagrande)

“Tem que ter amor, sem esse amor não vira, como que faz? Larga, bagunça logo. Eu acho que a pessoa também não vai viver com outro sem gostar, sem amar ele, não vai né, tem que procurar outro que ela ame.” (Sandra, Maria Casagrande)

“O que tem que ter primeiramente pra mim é amor, uma pessoa gostar da outra, respeito. [...] Porque uma tem que gostar da outra né, pra poder conviver junto, se não ninguém convive.” (Leandro, José Sampaio)

Na percepção dos participantes a questão do “conviver”, isto é, do “viver junto” no sentido não apenas de coabitar, mas de compartilhar os momentos vida, do “estar presente”, foi muito valorizado seja na relação com os filhos, seja na relação com o cônjuge. A convivência estaria atrelada ao amor, ao gostar um do outro, pois de outra forma o “viver junto” poderia se tornar fonte significativa de estresse. No relacionamento com o filho aponta-

se a importância do estar presente, do acompanhar o desenvolvimento do filho, e poder demonstrar amor e carinho. A união dos familiares favoreceria a manutenção dos elos familiares frente às vicissitudes da vida.

Nos relatos o diálogo é tanto uma ferramenta com que o pai pode orientar o filho frente aos desafios da vida, como é um meio para que se faça um “carinho” ao poder expressar ao familiar que o ama. Essas duas ações favoreceriam o fortalecimento das ligações afetivas familiares.

Nas próximas duas temáticas, estão agrupados verbalizações referentes à importância de elementos-chave como a religião e a estrutura material/financeira para a formação e manutenção da família.

Religião

“E o que é muito importante na família é uma religião, seja ela qual for. Se todas as pessoas tivessem uma religião...” (Ernesto, Vila Tibério)

“A religião é o principal na família.” (Ana, Vila Tibério)

“Porque eu tenho Deus aqui dentro e só penso coisa boa.” (Ana, Vila Tibério)

“A religião, ela não te ensina a você beber, ela não te ensina você fumar... Então se cada um de nós tivesse uma religião, se uma família tivesse uma religião pra passar pros filhos, o mundo seria outro.” (Ernesto, Vila Tibério)

A temática da religião foi abordada pelos participantes como um importante e tradicional elemento que traz coesão aos vínculos familiares, de forma a não disseminar comportamentos e valores negativos e, em contrapartida, fortalecer internamente os indivíduos.

Estrutura

“Estrutura, diálogo. Estrutura, pra começar junto eu acho que você não pode, por exemplo, você vai: ‘Ah, vou casar com fulano.’ Você vai querer casar com ele sem ter uma casa pra morar, sem ter um emprego? Isso aí pra mim já não adianta, não resolve porque você já vai unir brigando. [...] Só de amor ninguém vive.” (Adriana, José Sampaio)

“Ter uma base. [...] Você entra numa vida a dois, depende do que você não tem ou se você não... não entrou em ritmo, você não tem nada em casa também, você vai viver de que jeito?” (Marcos, José Sampaio)

“Porque começando da estrutura familiar você já tem que ter, você já tem que unir pensando na sobrevivência do amanhã. Isso, não vem a ser um ótimo salário, mas se você tem um emprego que você, vamos supor, nem que seja pra pagar um aluguel, você já vai ter onde levar a sua esposa, ou seja, seu esposo, e vice-versa.” (Adélia, José Sampaio)

“A base seria um bom emprego, não é?” (Adélia, José Sampaio)

“É tudo, é um apanhado de tudo, né, dinheiro tem que ter, tem que ter o amor, tem que ter estrutura pra poder fazer um convívio com a família, com tudo, né.” (Leandro, José Sampaio)

“Eu vou conversar e é o que eu faço na minha casa, converso o dia todo com eles e eles sempre estão me entendendo e na medida do possível tá com tudo controlado. E graças a Deus a gente vai comprando aos poucos, pagando, comprando e pagando, vai resolvendo a estrutura familiar assim.” (Adélia, José Sampaio)

Na ótica dos participantes a ausência de condições econômicas para a manutenção do núcleo familiar tende a fragilizar os elos familiares, na medida em que favorece brigas e desentendimentos ou até mesmo chega a inviabilizar a manutenção da unidade familiar. O convívio familiar necessitaria de recursos financeiros que pudessem prover materialmente o núcleo familiar, sendo bastante valorizada a conquista do emprego. A participante Adélia

utiliza-se do recurso do diálogo em sua família para o manejo das limitações do orçamento familiar.

Serão apresentadas, a seguir, as categorias de análise dos grupos focais referentes às configurações atuais da organização familiar, no que tange à delimitação de papéis e arranjos familiares.

4) Novas configurações na organização familiar

Nessa categoria estão contempladas as verbalizações que fazem referência às novas práticas cotidianas que vigoram na organização familiar e às questões que afetam e reestruturam os arranjos familiares.

- Novas delimitações dos papéis masculinos e femininos

A delimitação de papéis masculinos e femininos pôde ser investigada a partir de temáticas que se referem à divisão das atividades domésticas e dos encargos financeiros, do relacionamento familiar e dos conflitos decorrentes da incorporação das novas atribuições designadas a mulheres e homens.

Diminuição do domínio masculino na divisão dos encargos financeiros

“Eu acho também que isso é um pouco pelo fator econômico; antigamente um pai dava conta de sustentar a família inteira. Ele saía, entendeu, trazia o alimento pra dentro de casa, então todo mundo via o pai como a figura principal da família.” (André, José Sampaio)

Ingresso da mulher no mercado de trabalho

“Eu acho que (a família) mudou muito porque a mulher teve que sair fora pra trabalhar, então a educação dos filhos ficou muito a desejar. [...] Então não é o mesmo como quando a mãe tava em casa sempre ali acompanhando o filho. [...] Ela não tem aquele tempo que ela tinha antigamente de parar, conversar com um filho, dar atenção pro filho. Hoje é tudo corrido no caso dela, que ela tem que sair pra fora pra trabalhar mesmo.” (Regina, José Sampaio)

“As mulheres saíam pra trabalhar, os filhos fica com um, fica com outro, fica com a empregada, recebe uma educação diferente e aí foi, tá virando isso daí, né. Então eu creio assim que esse conceito de família mudou muito de uns trinta anos pra cá, né, não há mais respeito, ninguém se respeita, cada um por si e Deus por todos, o filho é, ela falou, já nasce independente...” (Rita, José Sampaio)

“Agora, que há drogas, os pais hoje têm que se desdobrar muito mais porque nós trabalhamos, então a mãe, ela trabalha junto com o pai, então quer dizer, são dois profissionais, os pais têm que se desdobrar muito mais pra conseguir estar presentes na hora necessária, porque a presença dos pais é muito importante.” (Beatriz, Jardim Recreio)

Divisão de tarefas domésticas e dos cuidados com os filhos

“Ele [meu pai] achava que ele tinha que pôr o arroz e o feijão, o resto era a minha mãe que se dane. Inclusive aconteceu na minha casa, a minha irmã ficou grávida, ela era solteira. A primeira coisa que ele falou: ‘A culpa é da sua mãe’. E não era, porque a ausência dele que tava faltando, não era da minha mãe. Então acho que dentro da família tem que ser igual com o pai e com a mãe.” (Adriana, José Sampaio)

“Então teria que ter um diálogo pai, mãe e filho pra saber a amizade, os amigos que ele anda, os lugares que ele frequenta. Se deixar só pra mãe também não pode, porque o filho não é dos dois?” (Marcos, José Sampaio)

“Eu vejo uma coisa muito importante nos casais de hoje. Uma boa parte deles, eles dividem, né, as tarefas, como cuidar da casa, como cuidar dos filhos. Então hoje tem esse sistema. Antigamente, não. Antigamente era a mulher que cuidava da casa e pronto, acabou. Marido só trabalhava, né? Hoje, não. Hoje mudou um pouco.” (Ernesto, Vila Tibério)

“Participa tudo junto.” (Luís, Vila Tibério)

“As pessoas, os casais, hoje, eles dividem um pouco mais o seu trabalho. Eu digo assim, o trabalho dentro de casa. Lavar a louça, lavar uma roupa, passar uma roupa. [...] Tem muito homem que faz isso hoje. Mas é porque os dois trabalham”. (Ernesto, Vila Tibério)

Relacionamento entre pais e filhos

“Porque antigamente o pai era o mestre supremo da casa, todo mundo obedecia a ele. Agora hoje não. [...] Eu não tenho uma casa, eu tenho uma comunidade, cada um dá a sua opinião, cada um dá o seu parecer. Então você acata de um, você acata de outro, você fala o que você pensa, então acabou aquele assim patriarcal, sabe? O pai falou é lei, acabou. Agora hoje não, existe uma abertura maior. É nesse sentido que eu acho tá que mudando.” (Rita, José Sampaio)

“Principalmente porque a gente tem os filho tudo adulto, então cada um tem a sua vontade, cada um tem a sua opinião, tem o seu parecer. Então você fala: ‘Vamos fazer assim?’ ‘Ah não, assim não quero, não quero desse jeito, eu acho mais certo assim.’ Sabe, existe uma maior abertura pra discussão, pra tudo”. (Rita, José Sampaio)

A mudança que foi boa foi a abertura que os filhos têm hoje com os pais, pra mim é muito boa.” (Beatriz, Jardim Recreio)

“É uma relação de respeito, né... Não é de imposição, é de confiança.” (Juliana, Jardim Recreio)

“Houve uma abertura de diálogo maior, né, quer dizer, hoje os pais e filhos conseguem falar abertamente...” (Armando, Jardim Recreio)

“Isso sendo bem explorado pode realmente resgatar essa parte, conforme você mesma falou, que pra ver se o seio da família, ser esse seio amigo. Porque eu acho que sobretudo a pessoa tem que entender que os verdadeiros amigos estão dentro da família dele assim.” (Armando, Jardim Recreio)

Conflitos e atritos

“O homem acha que a obrigação é só da mãe, esse tipo de obrigação. [...] Eu acho que [essa postura] é ruim, porque ele é o pai também, então ele tem que estar participando dos problemas, assim como ele trabalha a mãe também trabalha, então tem que tá dividindo né, uma vez vai o pai, uma vez vai a mãe.” (Regina, José Sampaio)

“Então o conceito [de mulher] mudou muito hoje. Então gera muitos atritos isso daí. O homem também não aceita muito, né? Não tão aceitando muito ainda, né?” (Ernesto, Vila Tibério)

“Porque ele é aquele sistema antigo... O homem sempre ali. Ele dominando, achando que ele é que tinha que tomar as rédeas, que ele que tinha que fazer tudo. Mas hoje mudou um pouco o conceito. Hoje a mulher casa, ela não aceita que ela fazendo sozinha e deixe o marido ir pro bar ou ir jogar bola, ir beber com os amigos. A mulher não aceita muito isso hoje. A maioria não aceita.” (Ernesto, Vila Tibério)

Resumindo os achados, foram apontadas mudanças na divisão das tarefas domésticas e na responsabilidade do cuidado com os filhos. Anteriormente havia uma delimitação rígida desses papéis, segundo o qual ao homem cabia o sustento da casa e à mulher o cuidado com os filhos e com a casa. Contudo, observa-se nos relatos dos participante, que o homem já não sustenta sozinho o núcleo familiar, dividindo com a esposa os encargos financeiros. Essa

condição modificou a configuração dos valores atribuídos aos familiares, levando a uma diminuição do valor atribuído ao pai, antes visto como figura principal da família em decorrência de seu poder econômico no interior de uma determinada configuração de forças. A entrada da mulher no mercado de trabalho é identificada como um ponto de inflexão que representou uma virada histórica na organização familiar. Por outro lado, gerou sobrecarga para a mulher e descuido com a educação dos filhos.

Verificou-se também, nas verbalizações, uma valorização do cuidado conjunto de pais e mães na educação dos filhos e no desempenho compartilhado de atividades de cuidado com a casa. No relacionamento com os filhos, observa-se o declínio do modelo patriarcal, no qual a opinião e o pensamento do pai sobrepujam-se aos dos membros do grupo familiar, em favor de um modelo de maior abertura e diálogo entre os familiares, com ênfase na horizontalidade das relações. Constrói-se entre pais e filhos uma relação de respeito e de confiança, o que permite uma comunicação mais fluida e consistente. Armando (Jardim Recreio) pondera, em sua fala, se essa nova forma de relacionamento entre pais e filhos não seria um meio de reaproximar os familiares, tornando a família um “seio amigo”.

Essas novas delimitações das formas de relacionamento familiar acima descritas também são fontes potenciais de tensões, o que leva à formação de atritos e conflitos nos relacionamentos. Regina, da Vila Tibério, afirma que a mãe quer que o pai participe de forma mais efetiva no cuidado com os filhos, enquanto que o pai acha que esse papel deve continuar restrito à mãe. Nos relatos verbais, observa-se que os homens apresentam dificuldades para aceitar as novas condutas das mulheres, e que estas também estão aceitando menos comportamentos que são usualmente reconhecidos como práticas sociais tipicamente masculinas em nossa sociedade.

Quanto aos novos arranjos na organização familiar, serão apresentados na próxima subcategoria os segmentos de fala que se reportam a essa temática.

- Novos arranjos familiares

O poder de escolha

“Hoje em dia é muita opção, você tem escolha.” (Adriana, José Sampaio)

“Tem mais liberdade de opção, tem escolha. ‘Eu quero morar com ele ou não quero morar com ele. Eu gosto dele ou não gosto dele.’ Não tem esse negócio da mãe chegar e falar: ‘Não, você tem que casar com ele porque ele que é bom pra você.’ Que nem antigamente que era dessa maneira.” (Rita, José Sampaio)

O “morar junto”

“Mas a maioria hoje não está realmente casado. Eles tão morando junto e formando uma família.” (Clara, Vila Tibério)

“Hoje, mudou muito o conceito das pessoas. Mudou muito. Os jovens, como a Clara falou, eles querem fazer a experiência de morar junto. Muitos jovens, nem todos, você entendeu? Têm esse sistema. Uma boa parte dos jovens, eles querem morar junto com a moça, com o namorado, ter relação, tudo, pra ver se vai dar certo, tudo. Uma boa parte dos jovens acontece isso. Então a família é, é diferente hoje.” (Ernesto, Vila Tibério)

“Sem responsabilidade... sem pensar em responsabilidade nenhuma”. (Rosa, Vila Tibério)

“E aí já não tem aqueles valores que você tem na família, que é passado por pai e mãe, uma família estruturada, que valoriza assim o casamento na família. [...] Então se você forma uma família sem o casamento, sem a responsabilidade. Às vezes dá certo morar junto sem casar. Às vezes dá certo. Às vezes não dá. Então parece que não passa pros filhos aqueles valores morais que tem que ter numa família.” (Clara, Vila Tibério)

Diminuição do valor do casamento, laços matrimoniais mais frágeis

“O casamento não tem importância mais hoje em dia.” (Clara, Vila Tibério)

“Antigamente o valor do casamento era maior. A sociedade dava mais valor pro casamento, então o pessoal, mesmo que não tivesse dando certo tentava segurar... Pra manter a família.”
(Rosa, Vila Tibério)

“Manter a tradição.” (Luís, Vila Tibério)

“Manter a aparência.” (Ana, Vila Tibério)

“Acho que hoje em dia desquita, divorcia mais do que casamento.” (Marisa, Vila Tibério)

“Já casam pensando: se não der certo, separa.” (Rosa, Vila Tibério)

Novas uniões

“A família também tá desmantelando, virou assim quase um caos; porque tem aquela coisa, a separação. Os casamentos assim, que vão assim desfazendo e vai se formando vários pares, quer dizer, é o marido com outra mulher, a mulher com outro marido e entra padrasto e entra madrasta e aí começam as agressões.” (Solange, Maria Casagrande)

“Então ele fica comigo durante a semana e fim de semana vai com a mãe. E a mãe arrumou um outro namorado e foi morar com esse namorado, esse namorado é o padrasto. Então ele divide certinho, fala: ‘Esse é meu pai, esse aqui é meu padrasto’.” (Leila, Jardim Recreio)

“[A neta] chama o rapaz de Rodolfo e o Paulo de pai, ele vem visitar. Inclusive outro dia, no aniversário dela, por consequência do tempo que era pra ser num clube, foi obrigado a ser na casa desse rapaz. Conclusão: juntou a família toda; o pai... o pai legítimo, ele, a sogra (risos), a minha filha...” (Sérgio, Jardim Recreio)

Na atualidade, relatam os participantes, verifica-se uma maior liberdade individual de escolha dos parceiros(as), sobrepujando imposições familiares na escolha do companheiro(a). Soma-se a isso uma forma crescente de arranjo familiar em que a formalização da união

restringe-se ao casal coabitar o mesmo domicílio, sem a efetivação dos laços conjugais através do registro civil ou do sacramento matrimonial. O “morar junto” estaria associado, segundo Ernesto, ao desejo dos jovens de experienciar uma relação conjugal, tanto quanto, segundo Rosa e Clara, à falta de responsabilidades e de validação de valores morais essenciais para a formação de uma família estruturada.

Os arranjos familiares, segundo os participantes, estão sofrendo o efeito da diminuição do valor do casamento, o que torna os laços matrimoniais mais frágeis e eleva as ocorrências de divórcios e separações. A formação de novos núcleos familiares é observada, do ponto de vista dos fragmentos de fala produzidos no grupo focal, nas próprias famílias de alguns dos participantes do estudo, e associada por Solange (Maria Casagrande) ao início de agressões entre os familiares. Estão presentes na “cena familiar”, não só o pai e a mãe, que outrora eram os protagonistas da “família tradicional”, mas também o padrasto, a madrasta, o namorado da mãe, a namorada do pai e assim por diante. A inclusão desses novos atores sociais é vista com ambivalência, isto é, ora aparece como fator de enriquecimento do espaço doméstico, ora emerge como responsável por desavenças e conflitos inevitáveis.

Encontra-se a seguir a categoria que engloba as formas de enfrentamento de problemas e impasses que são utilizadas pelos indivíduos no que concerne ao universo familiar.

5) Formas de enfrentamento utilizadas pela família frente às mudanças sociais e/ou problemas

- Diálogo

Nessa subcategoria temática foram agrupados os relatos verbais referentes à utilização do diálogo/conversa como estratégia de resolução de problemas. Observa-se desde a

valorização desse princípio como prática de convivência e aconselhamento, bem como as várias formas em que se dá o diálogo.

Diálogo, um modelo de comunicação valorizado

“Então eu acho que conversar, dialogar e procurar saber o que tá acontecendo é fundamental.” (Adilson, Maria Casagrande)

“Chega [do trabalho], tira aquela hora pra conversar, vai ouvir as bobearas deles, às vezes eu ouvia cada batatada, que eu falava assim: ‘Oh, meu Deus do céu!’ mas eu ouvia. Esse aqui [referindo-se ao marido] é de pouca conversa também, mas sempre foi nesse sentido, ele sempre foi paizão, sempre foi de ouvir, já chorou com o filho porque é muito emotivo.” (Solange, Maria Casagrande)

“Mas eu acho que há muita desinformação ainda sobre gravidez. Principalmente entre treze e catorze anos. Que isso não é muito falado em família, gente. Que isso não é muito falado assim, pai, mãe, filha. E é uma coisa que agora, nesse momento, tinha que ser falado abertamente numa família. Pai, mãe, conversar, falar mesmo.” (Clara, Vila Tibério)

“Ah, eu... no meu modo de pensar, eu chegaria perto dela, ia conversar com ela, né?” (Ana, Vila Tibério)

“A primeira coisa que eu ia perguntar, se está tudo bem, se ela quer esse bebê.” (Juliana, Jardim Recreio)

“Mas na minha casa meus pais sempre... a gente sempre conversa depois das refeições, a gente já tem até um combinado assim que a gente nem tira o prato da mesa porque se um começa tirar o prato: ‘Nossa a minha mãe tá... vou tirar’. Não, então fica aquele prato e a gente fica aquela coisa meio amontoadá assim, mas a gente conversa muito.” (Juliana, Jardim Recreio)

Diálogo e aconselhamento

“Na escola a pessoa aprende coisas boas e aprende coisas ruins também, só se o pai e a mãe sempre tá aconselhando, estão com o filho ali mostrando a realidade da vida, porque a gente tem mais experiência, já temos mais vivência então, quer dizer, não custa nada aconselhar, falar.” (Adilson, Maria Casagrande)

“E conversando, a gente dialoga mais com as pessoas mais experientes também, né, que já passou por isso.” (Orlando, Maria Casagrande)

“Se o pai for levar pro lado da ignorância não vai resolver nada, então eu acho que tem que sentar e conversar numa boa, explicar a verdade, explicar o que vai levar essa situação dele.” (Adélia, José Sampaio)

“A mãe conversa com a filha. Porque eu participo muito de família, então eu vejo mãe jogando abertamente com a filha. Se a filha chega em casa de cara feia ou chorando, qualquer coisa, a mãe vai lá, pergunta, conversa. A mãe explica. Se sai, tem namorado, carrega uma camisinha, toma comprimido. A mãe orienta pra não engravidar porque... Depois, por causa daquela gravidez, daquela falta de orientação da mãe, vem uma criança sofrer. Maioria parte da mãe ensina, sim.” (Ana, Vila Tibério)

“Eu acho assim que se não fizer, não vai ter filho. Mas o negócio não é você proibir eles de fazer pra não ter filho. Não adianta você proibir. [...] Então eu acho que tem que se orientar pra que ela faça do jeito certo e não proibir de fazer. Porque não vai adiantar.” (Rosa, Vila Tibério)

As várias formas de dialogar/conversar

“Eu não podia nem olhar pra menina, parece que eu queria pegar ela, sabe? Aí eu fui tendo paciência, digo: ‘Olha, Paula, você fez uma coisa muito errada.’ Aí falei direitinho com ela.” (Sandra, Maria Casagrande)

“Eu converso assim. [...] Eu vou especulando, eu não gosto de ir diretamente assim com elas também não. Começo rodeando: ‘Eu acho assim, assim, esses beijinhos, não vai muito longe com os beijos, já sai fora. Porque os beijinhos que... começa com os beijinhos, depois esse beijinho vai longe.’ Vou explicando por fora, ela sabe. Eu explico também: ‘Olha menina, cuidado! Se passar o pé diante da mão... você vai ver só. Vai ficar igual a Paula, vai ter filho. Aí já vai ser mãe, você não gosta de estudar e de trabalhar?’ ‘Ih mãe, não vou fazer isso não, vou só estudar.’ Eu mais ela nós conversa muito, só eu mais ela.” (Sandra, Maria Casagrande)

“Eu achei interessante aquele negócio ali que ela falou que encontrou uma certa dificuldade de se aproximar, de falar com a filha dela assim abertamente; eu também, eu sou muito prosa e até me considero assim com um certo conhecimento porque eu leio bastante e tal, mas eu também tenho essa dificuldade de falar assim abertamente. Então eu costumo falar, tipo assim pro meu moleque, que não resolveu também né, mas eu dizia assim: ‘Olha filho, segura o tcham, se não dá pra segurar, usa a camisinha.’ [...] E às meninas já eu dizia assim: ‘Olha, sexo não é pecado, não é vergonha, mas se puder evitar tudo bem, agora se não puder, usa... quem sai na chuva tem que usar guarda-chuva.’ Quer dizer... Eu não consigo sentar frente a frente e falar assim: ‘Você é virgem? Você transou? Você transa? Você toma...? Sabe? Eu fico assim contornando.’ (Solange, Maria Casagrande)

“Eu acho que tá faltando ainda muito diálogo porque eu sou mãe de quatro filhos, três casados e tenho uma de dezoito anos. [...] O meu procedimento com essa filha é muito diferente das outras; hoje a gente conversa, tem uma conversa aberta, ela tem dezoito anos né, tá namorando e o meu relacionamento com ela é completamente diferente de quinze anos atrás, né, porque... eu não sei o porquê que pai e filho não tem essa liberdade de falar sobre sexo, sobre comportamento, sobre... ainda tem muito tabu.” (Celina, José Sampaio)

“Se você não chegar um pouquinho e falar: ‘Oi, como é que tá, como que foi o seu dia?’ É o bastante pra ele te dar uma abertura, pra pessoa falar: aconteceu isso ou não aconteceu aquilo ou tô com esse problema ou deixei de tá. Sabe, basta cinco minutos que você chega perto da pessoa e fala: ‘E aí, como que foi o seu dia?’ ” (Rita, José Sampaio)

“Na hora certa, aquela hora é a hora de conversar, sem ninguém por perto, só eles e o filho, eu acho que o diálogo faz muito bem.” (Adélia, José Sampaio)

“ ‘Você tem que usar camisinha’. Você tem que falar.” (Ana, Vila Tibério)

“Sempre que tem oportunidade eu converso sobre isso, ter o diálogo após a refeição à mesa e a importância do diálogo é nunca criticar e nem falar dos problemas à mesa, é conversar, rir, isso que é gostoso. Porque hora de você chamar atenção de um filho tem que ser em outro horário. Porque se você continuar a criticar o outro na mesa, logo dispersa e sai todo mundo da mesa. E se você começar a conversar coisas gostosas assim, sabe? Coisas light mesmo, assim, a mesa fica gostosa, você faz assim uma sesta boa ali naquele horário. Eu acho super-válido isso aí.” (Beatriz, Jardim Recreio)

O diálogo é relatado como uma forma bastante valorizada de resolução de problemas intra-familiares. O diálogo é empregado de várias maneiras, desde na abordagem de situações-problema, como forma de poder colher informações sobre o que está acontecendo com o familiar e também como meio de orientação e aconselhamento. O recurso do diálogo também é descrito como um meio dos próprios pais obterem orientação com pessoas mais experientes.

Alguns participantes referem ter dificuldades para conversar ou abordar certas questões com os filhos por terem vergonha ou mesmo não saberem o que dizer. As formas de “conversar” variam, desde os pais irem se aproximando devagar do filho – “ir rodeando”, até chegar e conversar abertamente, ou até mesmo escolhendo a melhor hora para conversar. O ato de conseguir dialogar ou conversar com os filhos envolve um desenvolvimento e aprimoramento pessoal desse comportamento, tanto que uma participante relata que só com sua filha caçula conseguiu conversar de forma franca e aberta.

Verifica-se uma valorização do diálogo e da conversa como práticas cotidianas, quando passam a ocorrer diariamente. E, nesse sentido, a prática do diálogo tornar-se-ia uma forma de compartilhar as vivências e experiências do dia-a-dia.

- Aprender sobre o problema para lidar melhor

“Os pais têm que procurar atualizar porque hoje é diferente.” (Celina, José Sampaio)

“Eu sempre respondi tudo pra ela [filha]. Eu acho que se você não sabe responder alguma coisa, não é desconversar, igual eu já vi muito pai fazer. É falar assim: ‘Ah, depois a gente conversa’. Ora, ‘Isso eu não sei. Vamos ver’. Vai procurar informação com... O negócio é conversar.” (Rosa, Vila Tibério)

“A família hoje tinha que ser como alunos de escola. Nós temos que aprender cada vez mais para estar podendo lidar com drogas, podendo lidar com filho-problema, podendo lidar com alcoolismo, fumo, enfim, procurando orientar os nossos filhos. E nos orientarmos também. Que eu acho que o pai e a mãe, às vezes, também perdem muito por não saber o que falar.” (Ari, Vila Tibério)

É enfatizada nas verbalizações a necessidade dos pais procurarem se informar sobre assuntos pertinentes à educação e criação dos filhos, para que possam se posicionar frente aos problemas ou orientar e aconselhar de forma mais efetiva.

- União

“É que família tem que dividir. Se família é um grupo de pessoas e tem que dividir tudo, eu acho, e quando tem um problema também. Vamos sentar todo mundo, vamos conversar e vamos resolver.” (Clara, Vila Tibério)

“Todo mundo junto, inclusive os filhos, eu acho que têm que participar. Quando eles já são maiores. Agora, quando eles são um pouco menores, você fala alguma coisa, mas nem tudo. Quando está numa idade que pode participar, eu acho que deve participar assim, nas decisões.” (Clara, Vila Tibério)

União (força da família)

“Ela e o senhor na escola junto com o filho, o quê que o filho sentiu? Uma coluna firme, uma pessoa que apóia: ‘Eu tenho alguém que tomou uma providência por mim’. Então foi aonde a união faz a força. Então naquele ato de saírem eles dois de lado, os dois juntos pra reunião: ‘Ó, meu pai e minha mãe. Ó tá atento com tudo’. Então evita um deslizamento.” (Adilson, Maria Casagrande)

A união familiar, segundo os participantes, mobilizaria o grupo familiar para a resolução conjunta de problemas, como também levaria os pais a cuidarem de seus filhos, favorecendo que os mesmos não apresentem comportamentos negativos.

Na próxima subcategoria encontram-se relatos que fazem referência a necessidade dos pais se aproximarem dos filhos.

- Aproximação entre pais e filhos, flexibilidade

“Hoje não é a gente querer que os filhos venham pra gente, é a gente que tem que correr atrás deles, porque eles estão vivendo uma época muito acelerada.” (Solange, Maria Casagrande)

“Eu procuro mostrar que eu não sou um bicho-papão, né, que eu vou matar quem fizer alguma coisa. Eu procuro ser amiga, eu faço o possível pra eles confiarem em mim. Mas eu encontro essa dificuldade de falar abertamente.” (Solange, Maria Casagrande)

“A gente tem que ir acompanhando a evolução, senão a gente fica para trás.” (Clara, Vila Tibério)

Observa-se o relato de mães sobre a necessidade de uma maior aproximação dos pais com os filhos, no sentido dos pais/mães buscarem esse vínculo mais estreito e de tomarem contato com as mudanças decorrentes das transformações sociais.

- Acolhimento

“Às vezes é preferível a gente acolher do que também obrigar a casar com uma pessoa que não vale a pena, porque aí vai destruir mais ainda, vai complicar mais ainda.” (Adilson, Maria Casagrande)

“Você tem que acolher a filha, você tem que amparar. Adianta você jogar na rua? Não vai adiantar nada. Ah, porque se fosse uns tempos atrás o pai jogava pra fora de casa, porque era uma prostituta, uma vagabunda; hoje você sente com uma naturalidade fora de série.” (Marcos, José Sampaio)

“Eu tenho certeza que a gente aceita, não é numa boa, mas a gente não vai jogar a filha pra rua. Então não vai adiantar, a ignorância antigamente falava mais alto.” (Adélia, José Sampaio)

Acolhimento, aceitação e paciência

“Então lógico que os pais vai ficar chateado, mas é a hora que a gente tem que pensar muito. Porque eu acho, já aconteceu? Então eu acho que é hora da gente ter mais paciência e aceitar o filho daquele jeito que ela tá, porque não adianta jogar na rua, abandonar. [...] Eu acho que hoje eu entendo, talvez meus pais não entendia antes, mas hoje eu entendo.” (Orlando, Maria Casagrande)

“Minha irmã mais velha falava: ‘Não, você tem que ter paciência, é assim mesmo.’ ” (Leila, Jardim Recreio)

O acolhimento a um membro da família é valorizado em detrimento da expulsão de casa ou do abandono à própria sorte. Alguns participantes relataram que essa conduta tolerante que se observa na atualidade era mais difícil de ocorrer no passado devido à influência de certos valores morais rígidos. Segundo Antônio, a aceitação e a paciência são os elementos necessários para que possa ocorrer o acolhimento.

Na próxima subcategoria estão aglutinados fragmentos de fala que aludem ao estabelecimento de regras e limites na educação dos filhos.

- Imposição de limites

“Mas às vezes eu acho que perde muito quando os pais não põem os limites certas vezes. Se a gente abre o diálogo e é difícil você manter o limite, porque o filho tem que ter o limite certo pra ele, então...” (Fausto, Jardim Recreio)

“Mas até os quinze anos, dezesseis anos dos seus filhos, você mantém a rédea. [...] Daí pra lá ele não vai entrar nas drogas, se até aí ele soube o limite dele, que foi aonde você estipulou.” (Fausto, Jardim Recreio)

“Mas se houvesse um limite nas crianças, mesmo que os pais não estão tão presentes, por exemplo, as minhas filhas... A minha filha pula de cavalo em cima de mim, mas a hora que eu olho feio elas, eu não preciso falar nada.” (Fausto, Jardim Recreio)

Observa-se, no relato dos participantes, o receio de que o diálogo impeça o reconhecimento da autoridade parental e, por conseguinte, o estabelecimento e a manutenção

de regras e limites na educação do filho. Nota-se, também, a crença de que a colocação clara de limites livraria o filho do envolvimento com as drogas.

- Suporte e apoio familiar

Nesta subcategoria serão apresentados os sentidos que o apoio familiar parece ter para os participantes e o papel do apoio dos familiares no enfrentamento de situações-problema.

Família como alicerce psicológico do indivíduo

“Eu acho que a família realmente é o alicerce. Então é igual uma plantinha que tá bonitinha, viçosa e aí dá um vento e ela se dobra, quer dizer, se ela tá bem plantadinha ela vai apoiar, ficar em pé novamente. Então eu acho que assim é a família. Se errou, conforme diz, errou ou foi pro mau caminho, então se a família der um apoio, der uma força e traz de volta... eu costumo falar que os filhos é igual tá no cabrestinho; você vai dando corda, corda, mas de vez em quando tem que dar uma puxada e trazer eles aqui novamente, né, pra não se perder pra lá. E é a família mesmo tem que... se a família não apoiar, quem? Nossa gente é responsável por aquilo que cria.” (Adilson, Maria Casagrande)

“Que no meu modo de pensar, a família é o único alicerce que nós temos até a morte. É a família. Sem ela não existe mundo. [...] Sem ela não há estrutura social. Não há. Por quê? É a família que absorve os impactos, é a família que absorve as alegrias, tristeza.” (Ari, Vila Tibério)

Família como fonte privilegiada de suporte social

“A mãe que tem que conversar, porque se ela não chegar num bom senso de uma conversa com o filho, quem que vai chegar?” (Adélia, José Sampaio)

“Se ele tem o pai, tem que sentar os três, eu acho que tem que ter o pai, a mãe, o filho; senta lá e conversa.” (Adélia, José Sampaio)

“Do filho, você não pode abrir mão nunca. Você tem que insistir sempre.” (Marta, Vila Tibério)

“Mas aí, foi até no Dia das Mães, esse programa. E a pessoa falou assim: ‘Você, mãe. Você, mãe, que tem o seu filho drogado, que tá que bebe, com um monte de problema, você nunca, você nunca deixa de ajudar ele’. Tem que insistir sempre. Nunca deixar.” (Marta, Vila Tibério)

“Não pode abrir mão, não pode abandonar. Não pode abrir mão nunca. Tem que continuar...” (Ana, Vila Tibério)

“Se ele perder a mãe acabou tudo pra ele.” (Rogério, Vila Tibério)

Família como fonte de apoio e acompanhamento

[Pai dirige a fala ao inspetor de aluno] *“Ó, essa menina, minha filha, chegou ontem em casa chorando por causa desse motivo assim, assim, assim. Eu sou pai dela, queria saber o que tá acontecendo, pra quê o senhor chegou ao ponto, e se realmente o senhor chegou a esse ponto de bater nela. Porque ela tem pai, tem mãe, a escola tem uma diretoria, tem uma diretora, tem uma professora, tem um responsável que pode me chamar aqui, chamar a mãe ou então mesmo mandar um papel chamando que nós vem aqui, ver o que tá acontecendo pra evitar esse problema do senhor chegar diretamente e bater. [...] Ó, você me faz um favor, daqui em diante, você não vai mais encostar a mão nela. Qualquer problema que houver com ela aqui na escola, você pode segurar, leva na secretaria, certo. A diretora vai entrar em contato com a gente e nós vamos vir aqui ver o que tá acontecendo, porque nós vamos tomar uma providência.”* (Adilson, Maria Casagrande)

“Não deixou aquele negócio lá: ‘Vai lá, quer ir vai, já conversei com você, já te expliquei que não... que isso não é bom, agora você quer ir, então vai’. Não, tem que haver um trabalho em cima disso. Tem que acompanhar, saber o porquê.” (Marcos, José Sampaio)

“Ela vem buscar o filho todo dia. Ele já tá... ele tá fraco. Ele cai ali. Ela vem buscar ele todo dia. Os irmão não vêm. Mora perto, dois, três quarteirão. Só a mãe.” (Luís, Vila Tibério)

“Tem um outro caso perto da minha casa que ele teve ajuda de uma irmã dele e ele conseguiu sair totalmente da droga, da bebida.” (Marta, Vila Tibério)

“E nisso aí o papel da família é muito grande no sentido de fazê-la notar e se convencer de que ela precisa assumir a responsabilidade e com ela assumir, quer dizer, dar esse apoio que eu acho importante.” (Armando, Jardim Recreio)

A família é retratada por alguns participantes como o “alicerce”, a base de sustentação psicossocial para o indivíduo, que o auxiliaria a absorver os impactos provenientes das exigências, dificuldades, alegrias e transformações da vida. Alguns participantes colocaram a família como uma fonte privilegiada de suporte social. O papel da família, ao dar esse suporte, seria o de tomar conhecimento do que está afetando o familiar com dificuldades, conversar, apoiar e auxiliar o filho a discernir qual a melhor conduta a seguir e então acompanhá-lo e apoiá-lo. Nota-se, contudo, que a figura da mãe tem um papel privilegiado no auxílio familiar, sendo imputada a ela pela sociedade quase que uma obrigação moral de não abandonar os filhos.

Na próxima categoria encontram-se sistematizadas as verbalizações referentes às fontes de ajuda encontradas fora dos vínculos familiares.

- Buscar ajuda fora da família

Nesta primeira subcategoria será feita referência à necessidade do indivíduo que está frente a frente a certas adversidades de procurar uma ajuda ou suporte externo ao seu grupo familiar.

Necessidade da família procurar ajuda para si própria

“Eu já acho que quando o vício se instala, mãe não vai resolver nada, nem pai, tem que buscar é fora o auxílio, ajuda.” (Celina, José Sampaio)

“A gente tem que buscar ajuda pra eles [familiar com problema] e pra gente também.” (Rosa, Vila Tibério)

“Pra gente também, viu? Porque a família fica doida. Com uma pessoa assim, dentro de casa. Você começa a ficar doida. A pessoa tá endoidando e você [...] e a família fica louca também. [...] Então, a família tem que procurar [ajuda] primeiro.” (Rosa, Vila Tibério)

“Porque aí tudo é uma consequência. É eles [a família] tentando se ajudar. Eles vão ajudar aquele que tá doente também.” (Rosa, Vila Tibério)

“Eu acho que hoje a gente tem mais consciência de que esse profissional pode te ajudar.” (Juliana, Jardim Recreio)

“É, isso, a gente tem mais consciência disso, porque... do que ele pode te ajudar. Talvez antigamente você fosse procurar um psiquiatra, por exemplo, tinha que ser louco pra poder procurar um psiquiatra, era alguém que tava com um distúrbio considerado talvez muito...” (Armando, Jardim Recreio)

Fontes de ajuda

“Alcoólicos anônimos, que se adiantasse dentro de casa não precisava nem ter esses movimentos.” (Celina, José Sampaio)

“Se a família quer ajuda, eles [Alcoólicos Anônimos] próprios já têm a indicação, eles próprios já sabem aonde a família pode ir.” (Rosa, Vila Tibério)

“Tem o grupo de apoio.” (Clara, Vila Tibério)

“Tem psicólogos também que podem ajudar. Que podem ajudar as pessoas que estão lá. Não só os doentes, tratar o doente, mas também as pessoas que estão lá.” (Ernesto, Vila Tibério)

“Mas então, os grupos das pessoas assim, já são orientados por psicólogos, por pessoas, por médicos...” (Rosa, Vila Tibério)

“É que nem sempre a gente sabe lidar com determinados casos. Às vezes você pensa que tá fazendo certo, na realidade, não tá. Tá fazendo errado. E aí você tem que procurar alguém que entende do assunto.” (Ernesto, Vila Tibério)

“Eu passei por uma coisa quase assim, quando a minha filha morreu, mas quem me deu apoio pra mim foi vizinhos, amigos, amigos meu.” (Ana, Vila Tibério)

“Eu tô aqui, eu não sei como. Além disso, ainda sofri duas cirurgias na cabeça ainda. Tô aqui por Deus. Só que o que me apoiou foi amigo. Não foi médico, não foi nada. Amigo, não tive família.” (Ana, Vila Tibério)

“Eu não tive uma mãe. Minha mãe não me apoiou porque era uma senhora de 90 anos. Minha mãe não me apoiou, irmão não me apoiou, irmã não me apoiou, não. Foi quem me apoiou na hora que eu mais precisei, foi amigo.” (Ana, Vila Tibério)

“Ele é uma pessoa totalmente diferente porque a irmã dele levou ele pra Igreja. Ele começou a ficar, sabe? Saiu de tudo.” (Marta, Vila Tibério)

“A minha irmã há um tempo atrás precisou de ajuda e foi conversar com uma psicóloga.”
(Juliana, Jardim Recreio)

Há a percepção, por parte dos participantes, de que certas problemáticas, como o “vício”, trariam consequências negativas não só ao familiar usuário da droga, mas a toda família. Desse modo, toda a família precisaria procurar ajuda. Eles ressaltam que frente ao vício de um familiar o poder de atuação/ajuda dos próprios familiares seria limitado ou mesmo inócuo, sendo necessário procurar auxílio externo ao meio familiar. Relatam ainda uma diminuição no preconceito de procurar ajuda com certos profissionais, como o psiquiatra, que anteriormente estava ligado ao cuidado de “loucos” ou pessoas com grave distúrbio mental.

As fontes reconhecidas como de ajuda aos familiares seriam desde amigos, associações de ex-usuários, especialistas na problemática enfrentada pela família e profissionais da área da saúde como psicólogos e psiquiatras.

Na categoria seguinte encontra-se a referência ao papel que a religião pode desempenhar na vida dos participantes.

- Ter Deus dentro do coração

“ Eu fumo, mas eu não bebo. Ele fuma. Nós somos católicos. Eu cumpro o meu dever com a Igreja. Tô sempre os três dias por semana. Se tem que fazer uma caminhada daqui a Bonfim, eu vou fazer. Não tenho canseira, não tenho nada. Por quê? Porque eu tenho Deus aqui dentro e só penso coisa boa.” (Ana, Vila Tibério)

“Quem tem Deus dentro da gente, não pensa coisa ruim.” (Ana, Vila Tibério)

A religiosidade e o apego a Deus fortaleceriam internamente a participante, afastando-a de pensamentos negativos. Encontra-se a seguir uma subcategoria que agrupa verbalizações que aludem a formas de organização da vida e resolução de problemas, tendo como referência padrões de comportamento e valores mais tradicionais.

- Manutenção de padrões anteriores de comportamento e valores morais

“Casamento. Fazer o quê? Não tem outra saída.” (Luís, Vila Tibério)

Passos para obter uma família bem estruturada

“Então, uma família bem estruturada, uma família bem planejada, um casamento bem feito. Começando pelo namoro, namorar, se conhecer, porque se tá namorando você tem que se conhecer primeiro. E aí você vai casar, você tem que se preparar pra casar: ‘Você já conhece a moça? Resolveram?’ ‘Vamos casar?’ ‘Vamos.’ Aí você vai casar. O quê que você tem que fazer pra casar? Você tem que se preparar pra ter uma casa, normalmente você tem que ter uma casa. O melhor seria isso. Tem que fazer um curso de noivo, pra você aprender muita coisa que a gente não sabe, as pessoas não sabem. Aí você vai pro matrimônio, vai se casar. Aí vem a religião!” (Ernesto, Vila Tibério)

“Família não é você só se casar e pronto. [...] Mas tem toda uma seqüência de coisas que vem antes e depois do casamento.” (Ernesto, Vila Tibério)

“Eu vou falar uma coisa, hoje isso não se usa mais. Mas e se ela esperasse pra fazer sexo com o moço que vai casar?” (Ernesto, Vila Tibério)

Resumindo os achados, os relatos centram-se na questão de que existiria uma ordem natural de ações, como “passos certos” a serem seguidos fielmente pela juventude para se

obter uma família bem estruturada. Esses “passos” estariam ligados a valores tradicionais e religiosos.

Na próxima subcategoria faz-se referência à utilização da contenção e agressão física na educação dos filhos e na resolução de impasses.

- Contenção física

“Hoje em dia a gente procura sempre o meio do diálogo, né, não é só na porrada, mas se for preciso vai também.” (Armando, Jardim Recreio)

“Se for preciso sai no pau. Tem que levar umas porradas.” (Armando, Jardim Recreio)

“Uns tapas não vai fazer mal.” (Beatriz, Jardim Recreio)

“Mas eu acho que, por exemplo, que a partir do momento que o filho perde o respeito com a mãe [agride-a fisicamente], o pai tem que intervir e forte.” (Fausto, Jardim Recreio)

“Ele [o filho] vai bater na mãe e vai bater no pai também, então vamos parar com isso, é melhor ele apanhar do que a gente.” (Fausto, Jardim Recreio)

“Uns tapas não faz mal a ninguém e nessa hora mesmo sendo grande, o filho normalmente aceita uns tapas do pai, né, tem que aceitar.” (Fausto, Jardim Recreio)

Os participantes relatam que, em caso extremos, é necessário recorrer a força física. A agressão então poderia vir a ser legitimamente empregada na educação e repreensão dos filhos. Observa-se, contudo, a valorização do diálogo como tentativa primeira de resolução de problemas. O emprego da agressão física, segundo se observa nos relatos, visa a manutenção ou o restabelecimento da ordem e do respeito ao princípio da autoridade entre pais e filhos.

3.5 Procedimento para definir a Consonância Cultural

Procedimentos de mensuração da consonância cultural vêm sendo desenvolvidos por Dressler e colaboradores. Em pesquisas anteriores, como o Projeto SEPA (DRESSLER; DOS SANTOS; BALIEIRO, 1996) a consonância cultural foi avaliada a partir do comportamento dos sujeitos. Na pesquisa atual (Projeto CADI), inovações foram incorporadas o que inclui a mensuração da consonância cultural em termos de atitudes e percepções (DRESSLER, et al., In Press). No **módulo 3** serão explicitados os passos dados para a construção da medida de consonância cultural no domínio da vida familiar. Para tal, foi utilizada a escala da vida familiar, construída com este escopo pela equipe de pesquisa e empregada em um levantamento domiciliar para a obtenção dos dados necessários.

3.5.1 Módulo 3 - Escala da Vida familiar

Participantes do levantamento domiciliar

Seleção e número de sujeitos

Os participantes desta etapa pertencem a quatro sítios populacionais, que correspondem aos seguintes bairros do município de Ribeirão Preto: Maria Casagrande, José Sampaio, Vila Tibério e Jardim Recreio. Esses bairros foram identificados como adequados por possibilitar uma mensuração de diferentes níveis socioeconômicos.

Para realizar a amostragem dos habitantes dos bairros foi obtida no Departamento de Água e Esgoto de Ribeirão Preto (DAERP) uma listagem contendo todos os endereços de cada bairro. De posse desta lista, realizou-se um sorteio aleatório randomizado, no qual foram

sorteadas as residências dentre as quais os moradores foram convidados a participar. Esta mesma estratégia de amostragem probabilística havia sido empregada anteriormente no Projeto SEPA.

A decisão por entrevistar em média 40 famílias em cada sítio foi fundamentada na experiência do projeto SEPA, uma vez que os resultados obtidos nessa pesquisa anterior com um plano amostral semelhante proporcionaram um consistente poder estatístico. Por conseguinte, decidiu-se adotar a mesma estratégia amostral para se definir o número de participantes do projeto atual.

Ao final, foram entrevistadas 43 famílias no Maria Casagrande, 40 famílias no José Sampaio, 41 famílias na Vila Tibério e 40 famílias no Jardim Recreio, totalizando uma amostra de 164 famílias, que correspondem a 271 sujeitos. Contudo apenas 136 sujeitos participaram do estudo da consonância cultural, pois os outros 135 sujeitos participaram do estudo da confiabilidade da Escala da Vida Familiar (APÊNDICE D). A divisão dos 271 sujeitos em dois subgrupos (a saber, 135 e 136 participantes) foi realizado a partir de um sorteio randomizado realizado por um programa computacional.

A Tabela 8 apresenta uma caracterização do perfil sócio-demográfico da amostra que será estudada no **módulo 3** para fins da investigação da consonância cultural.

Tabela 8 Caracterização dos participantes do estudo da consonância cultural, segundo as variáveis sócio-demográficas: sítio, sexo, faixa etária e estado civil em termos de frequência absoluta, percentual simples e acumulada

Variável	Categorias	<i>f</i>	<i>f</i> %	<i>f</i> % Acumulada
Sítio	Maria Casagrande	39	28.7	28.7
	José Sampaio	28	20.6	49.3
	Vila Tibério	32	23.5	72.8
	Jardim Recreio	37	27.2	100.0
Sexo	Feminino	84	61.8	61.8
	Masculino	52	38.2	100.0
Faixa etária	21 a 30 anos	35	25.7	25.7
	31 a 40 anos	41	30.1	55.8
	41 a 50 anos	36	26.5	82.3
	51 a 60 anos	19	14.0	96.3
	61 a 65 anos	5	3.7	100.0
Estado Civil	Solteiro	27	19.9	19.9
	Amasiado	15	11.0	30.9
	Casado	84	61.8	92.7
	Divorciado	9	6.6	99.3
	Viúvo	1	0.7	100.0

Os participantes do estudo foram distribuídos com certa igualdade entre os quatro bairros, como se pode observar no item *sítio* da tabela acima. Quanto ao sexo, as mulheres apresentam uma maior participação no estudo, contudo há uma boa representatividade masculina (38,2%). Ainda que na população brasileira haja uma predominância feminina (52% em contraposição a 48% de homens, segundo o último censo do IBGE), pode-se hipotetizar que a maior participação feminina na amostra seja devido ao fato de que as mulheres apresentam uma maior disponibilidade para participar de uma pesquisa que tem como base o levantamento domiciliar. De fato, a entrevistadora teve uma maior facilidade de acesso às mulheres. Não por acaso um percentual importante das mulheres entrevistadas é constituída por donas de casa.

A faixa etária dos sujeitos variou de 21 a 65 anos, pois eram estas as idades limites (inferior e superior) para ingressar nesta etapa do estudo. Verifica-se uma maior concentração

dos participantes do levantamento domiciliar entre a faixa etária de 21 a 50 anos (82.3%), no entanto a faixa etária de 51 a 65 anos está representada por 17.7 % da amostra.

Em relação ao estado civil, há uma preponderância dos indivíduos casados (61.8%), seguidos dos solteiros (19.9%) e dos amasiados (11.0%). Observa-se, assim, que a amostra é majoritariamente constituída por sujeitos que vivem em algum tipo de união, sejam elas uniões formalizadas (casados) ou consensuais (amasiados), totalizando 72.8% dos participantes do estudo.

Serão apresentados, a seguir (Tabela 9), os dados relativos ao nível educacional, renda familiar e ocupação dos sujeitos em função dos quatro sítios estudados, que permitem um maior detalhamento das informações fornecidas.

Tabela 9 - Distribuição dos sujeitos, em termos de frequência absoluta e percentual, em função do nível de escolaridade dos sujeitos, segundo o bairro de procedência

Sítio	Maria Casagrande		José Sampaio		Vila Tibério		Jardim Recreio		Total	
Escolaridade*	<i>f</i>	%	<i>f</i>	%	<i>f</i>	%	<i>f</i>	%	<i>f</i>	%
Ensino Fundamental	23	59.0	12	42.9	18	56.2	3	8.1	56	41.2
			10	35.7	8	25.0	1	2.7	34	25.0
Ensino Médio	15	38.5	6	21.4	6	18.8	33	89.2	46	33.8
Ensino Superior	1	2.5								
	39	100.0	28	100.0	32		37		136	100.0
Total					100.0		100.0			

* Inclui escolaridade incompleta.

Observa-se nos bairros Maria Casagrande, no José Sampaio e Vila Tibério uma preponderância dos sujeitos que possuem o ensino fundamental completo e incompleto. No Jardim Recreio verifica-se uma pequena porcentagem de sujeitos que apresentam apenas o ensino fundamental e médio, contrapondo-se a um elevado percentual com nível superior de escolaridade.

Para a caracterização da ocupação da amostra, foram utilizadas as categorias ocupacionais propostas por Graciano, Lehfeld e Neves Filho (1996) no Instrumento de Avaliação Sócio-Econômica (ANEXO F). Este instrumento aborda também outras variáveis, tais como situação econômica familiar, habitação e escolaridade dos integrantes da família, sendo neste estudo somente as categorias ocupacionais. No que tange à ocupação, pode-se, com base nessas categorias, estabelecer a posição do sujeito na estrutura social como sua condição de classe.

Tabela 10 - Distribuição dos sujeitos, em termos de frequência absoluta e percentual, em função da ocupação dos sujeitos, segundo o bairro de procedência

Ocupação	Maria Casagrande		José Sampaio		Vila Tibério		Jardim Recreio		Total	
	f	%	f	%	f	%	f	%	f	%
Empresários, proprietários no comércio, agricultura			1	3.6	1	3.1	2	5.4	4	3.0
Profissionais liberais autônomos							9	24.3	9	6.6
Trabalhos assalariados administrativos, técnicos e científicos	3	7.7	6	21.4	3	9.4	9	24.3	21	15.4
Trabalhadores assalariados	11	28.2	8	28.6	5	15.6	2	5.4	26	19.1
Autônomos	5	12.8	7	25.0	10	31.3	7	18.9	29	21.3
Empregados domésticos	13	33.3			1	3.1			14	10.3
Inativos*	7	18.0	6	21.4	12	37.5	8	21.7	33	24.3
Total	39	100.0	28	100.0	32	100.0	37	100.0	136	100.0

*Este item foi inserido pela autora do presente trabalho, e o termo Inativo compreende: dona de casa, aposentado, estudante, vive de rendas, entre outros.

Quanto ao perfil de ocupação da amostra, observa-se que no bairro Maria Casagrande os sujeitos têm ocupações prioritariamente como empregados domésticos e trabalhadores assalariados. No José Sampaio, 28.6% dos sujeitos são trabalhadores assalariados, seguidos por autônomos. Na Vila Tibério encontram-se com maior percentual os inativos, seguidos por autônomos. No Jardim Recreio o maior percentual dos sujeitos é constituído de profissionais liberais autônomos e trabalhadores assalariados administrativos e científicos (24.3%).

A tabela 11, apresentada a seguir, fornece a distribuição da amostra quanto ao rendimento familiar.

Tabela 11 - Distribuição dos sujeitos, em termos de frequência absoluta e percentual, em função da renda familiar, segundo o bairro de procedência

Sítios	Maria Casagrande		José Sampaio		Vila Tibério		Jardim Recreio		Total	
Renda Familiar *	f	%	f	%	f	%	f	%	f	%
0 — 3	8	20.5			6	18.7			14	10.3
3 — 6	14	35.9	14	50.0	10	31.3	1	2.7	39	28.7
6 — 9	12	30.8	5	17.9	6	18.7	5	13.5	28	20.6
9 ≤	3	7.7	9	32.1	10	31.3	31	83.8	53	38.9
Não souberam informar	2	5.1							2	1.5
Total	39	100.0	28	100.0	32	100.0	37	100.0	136	100.0

* Expressa em unidades de salário mínimo.

No bairro Maria Casagrande, 20.5% da amostra referiram uma renda familiar que varia de 0 a 3 salários mínimos; a maior porcentagem dos sujeitos (35.9%) enquadra-se na faixa de 3 a 6 salários mínimos, seguidos por 30.8% na faixa salarial de 6 a 9 salários mínimos. Nos bairros José Sampaio e Vila Tibério há, comparativamente ao sítio Maria Casagrande, um aumento da porcentagem de sujeitos na faixa de renda acima de 10 salários mínimos. Nesta faixa de renda (acima de 10 salários mínimos) encontram-se a maioria dos residentes do bairro Jardim Recreio.

Instrumento utilizado

A Escala da Vida Familiar (ANEXO G) foi elaborada pelo Prof. Dr. William Dressler e sua equipe (da qual a pesquisadora fez parte) com o intuito de prover dados que permitissem mensurar a consonância cultural na domínio da vida familiar. No processo de construção da escala, o Prof. Dressler optou por desenvolver um conjunto de itens que permitissem

mensurar as atitudes individuais ou crenças sobre a vida familiar. Para tal, preferiu perguntar como os indivíduos percebiam as características de sua família em vez de inquirir diretamente sobre o comportamento dos membros da família. Desse modo, objetivou-se investigar como os sujeitos se localizam no espaço cultural dos valores e crenças almejados socialmente para a vida familiar.

Para a construção dos itens da escala da vida familiar foram utilizadas as características avaliadas na análise de consenso cultural. Foram então desenvolvidas 18 afirmações, construídas a partir das 13 características elencadas na análise de consenso (APÊNDICE C). Foram elaborados itens positivos e negativos, a saber, respectivamente, “Minha família enfrenta os problemas com firmeza” e “Às vezes, quando eu preciso, não tenho ajuda para resolver os problemas”.

A Escala da Vida Familiar (ANEXO G) é composta por 18 questões fechadas, com respostas distribuídas em uma escala do tipo *likert* de quatro pontos (concordo totalmente, concordo, discordo e discordo totalmente). Quanto à pontuação, foram dados os seguintes escores para cada resposta: 3 – concordo totalmente; 2 – concordo; 1 – discordo; 0 – discordo totalmente. A pontuação na escala é obtida com a somatória dos escores obtidos em cada item, de modo que se pode obter o valor mínimo de 0 e um valor máximo de 54 pontos (os itens negativos têm revertidos os seus valores para a somatória final).

Esta escala é parte do Questionário Sociocultural (ANEXO H), que foi aplicado no levantamento domiciliar.

Quanto ao estudo da confiabilidade (APÊNDICE D), a escala apresentou uma alta consistência interna ($\alpha = 0.8951$). No exame do comportamento dos itens observou-se um bom desempenho dos mesmos, o que permitiu que a escala fosse mantida no formato inicial

(18 itens), sem exclusão de qualquer um dos itens. Recentemente, Balieiro⁶ (2004) apresentou um novo estudo (n=210) sobre a confiabilidade dos Instrumentos de Medida de Consonância Cultural, analisando-os pelo critério do *Alpha* de Cronbach, o pesquisador verificou um bom funcionamento da Escala de Consonância Cultural da Vida Familiar.

Em artigo de Dressler et al. (In Press) sobre as formas de mensuração da consonância cultural, a escala de Consonância Cultural na Vida Familiar apresentou adequada confiabilidade e, quanto à validade, foram analisados três aspectos da validade de constructo, que sugerem que a Escala de Consonância Cultural mede realmente o que se propõe a medir.

Procedimento de coleta dos dados

Como os dados do presente projeto foram coletados conjuntamente com os dados gerais do levantamento domiciliar do Projeto CADI, é necessária a descrição da abordagem completa do levantamento domiciliar.

A totalidade dos dados foi coletada por cinco assistentes de pesquisa, que receberam treinamento intensivo em agosto de 2001, coordenados pelo Prof. Dr. William Dressler, com a assessoria da Prof^a Dr^a Rosane Pessa Pilot Ribeiro e do Prof. Mauro Campos Balieiro, ambos responsáveis pela supervisão da coleta dos dados. A equipe de assistentes de pesquisa foi formada por duas psicólogas (sendo uma delas autora do presente projeto), duas nutricionistas e uma enfermeira.

A aproximação em relação aos participantes foi feita da maneira explicitada a seguir. Os moradores foram abordados em suas residências, a partir do endereço sorteado, por duas assistentes de pesquisa (uma psicóloga e uma nutricionista). Eram explicados verbalmente os

⁶ BALIEIRO, M. C. **Estudo da confiabilidade dos instrumentos de medida de consonância cultural**. Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto-USP. Ribeirão Preto, 2004. 14 p. (Trabalho não publicado)

objetivos da pesquisa, os procedimentos a serem realizados, a duração média dos mesmos, o critério para a participação (pertencer à faixa etária de 21 a 65 anos). Entregava-se então a carta de apresentação do Projeto CADI (ANEXO I) e convidava-se o casal e os filhos a participarem. Em um momento posterior, os pesquisadores entravam em contato com os moradores (indo diretamente a casa ou pelo telefone) para saber a decisão quanto à participação no projeto. Se o morador tivesse aceitado participar, seria agendado o horário para a primeira entrevista; se não houvesse aceitação, o assistente de pesquisa agradecia e registrava o motivo alegado para a recusa.

A primeira entrevista foi sempre realizada pela psicóloga assistente de pesquisa, que esclarecia novamente os objetivos da pesquisa, as várias entrevistas a serem realizadas e solicitava o consentimento verbal. Para formalizar a anuência do sujeito utilizou-se o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (ANEXO J) e, em seguida, aplicava-se o Questionário Sociocultural, o qual continha a Escala da Vida Familiar.

Ao final da entrevista, a assistente de pesquisa agendava a segunda entrevista, que era realizada pela nutricionista assistente de pesquisa. A terceira e a quarta entrevista eram agendadas, posteriormente, pela nutricionista e pela enfermeira.

As entrevistas foram agendadas nos domicílios ou locais indicados pelos participantes (como, por exemplo, seu local de trabalho), de acordo com a preferência do mesmo.

Quando os moradores não foram encontrados na residência, utilizou-se o seguinte critério para considerar o morador como não encontrado: visitou-se a casa em três dias distintos e em três horários alternados (no período matutino, vespertino e noturno, ou final de semana).

A coleta nos sítios foi realizada na seguinte ordem: Vila Tibério (setembro de 2001 a novembro de 2001), Maria Casagrande (fevereiro de 2002 a junho de 2002), José Sampaio (agosto de 2002 a outubro de 2002) e Jardim Recreio (fevereiro de 2003 a maio de 2003). Ao

final da coleta, os assistentes de pesquisa digitaram os dados em planilhas previamente preparadas para a sistematização das informações coletadas, permitindo a construção de uma base de dados.

Quanto à aceitação da população convidada, em 60% dos domicílios convidados pelo menos um morador aceitou participar. E em 71.2% dos domicílios que participaram da pesquisa mais de um morador foi entrevistado.

Procedimento de tratamento dos dados

Para o cálculo da consonância cultural, primeiramente foram atribuídos os valores de 0, 1, 2, 3, respectivamente, às respostas da escala (discordo totalmente, discordo, concordo e concordo totalmente). Em seguida, os itens “negativos” da escala tiveram os seus valores de respostas recodificados, invertendo-se os valores da seguinte maneira: valor antigo 0 = valor recodificado 3; valor antigo 1 = valor recodificado 2; valor antigo 2 = valor recodificado 1; valor antigo 3 = valor recodificado 0. Em terceiro lugar, para o cálculo da consonância cultural, realizou-se a somatória dos valores dos itens da Escala.

E quanto à questão dos “dados que faltam”, tomou-se a decisão de substituir o “dado ausente” pela moda respectiva do item da escala (a saber, nos itens 1, 4, 7, 10, 11, 12, 13, 16 e 17, Mo = 2; e nos itens 2, 3, 5, 6, 8, 9, 14, 15 e 18, Mo = 1).

Resultados do Módulo 3

Consonância Cultural

Os sujeitos da amostra ($n=136$) obtiveram valores na Escala da Vida Familiar que variaram de 9 a 54 pontos (média de 36,93, desvio-padrão de 7,99). Na figura 2 pode-se observar a distribuição dos sujeitos em função dos índices obtidos de consonância cultural na vida familiar.

Figura 2 - Distribuição dos valores obtidos pelos sujeitos na Escala da Vida Familiar ($n=136$)

Observa-se que a distribuição dos escores obtidos pelos sujeitos na Escala da Vida Familiar tem tendência a acompanhar a curva normal. Na Tabela 12 pode-se encontrar informações mais detalhadas sobre o desempenho dos sujeitos de cada sítio.

Tabela 12 - Medidas descritivas da consonância cultural segundo os sítios estudados

Sítio	N	Média	Desvio- Padrão	Erro- Padrão	Intervalo de Confiança Para a Média (95%)		Mínimo	Máximo
					Limite Inferior	Limite Superior		
M. Casagrande	39	37,6154	6,2392	,9991	35,5929	39,6379	22,00	46,00
J. Sampaio	28	34,1429	6,7039	1,2669	31,5434	36,7423	21,00	52,00
Vila Tibério	32	39,0938	9,9462	1,7583	35,5078	42,6797	11,00	54,00
J. Recreio	37	36,4595	8,3053	1,3654	33,6903	39,2286	9,00	51,00
Total	136	36,9338	7,9983	,6859	35,5774	38,2902	9,00	54,00

Observa-se que as médias e os desvios-padrão da consonância cultural apresentam variações entre os bairros. A menor média foi obtida pelos moradores do José Sampaio e a maior na Vila Tibério. Na Figura 3 pode-se visualizar essas variações.

Figura 3 - Média e desvio-padrão da Consonância Cultural nos quatro sítios estudados (n=136)

Para verificar se as diferenças nas médias dos sítios estudados era significativa, empregou-se a Análise de Variância (ANOVA) de um critério. Segundo Triola (1999), este método de análise é utilizado para testar a igualdade de três ou mais médias populacionais, baseado na análise de variâncias amostrais. Inicialmente foi testada a afirmação de que as amostras apresentam as mesmas proporções de uma mesma característica.

Tabela 13 - Teste de homogeneidade

Levene Statistic	gl1	gl2	p
1,770	3	132	,156

gl - graus de liberdade

Se o Teste de Variância de Levene tem um resultado não significante, pode-se constatar que as variâncias analisadas são iguais (MUNRO, 2001). Assim, adotando um nível de significância de 0,05, podemos constatar que há homogeneidade na variação dentro dos 4 bairros, isto é, os diferentes sítios apresentam as mesmas proporções quanto à consonância cultural.

Tabela 14 - Análise de variância das médias da consonância cultural dos bairros estudados

	Soma dos Quadrados	gl	Quadrado Médio	F	p
Entre Grupos	393,837	3	131,279	2,102	,103
Dentro de Grupos	8242,567	132	62,444		
Total	8636,404	135			

Como pode ser observado na Tabela 14, e adotando o nível de significância de 0,05, o resultado obtido não permite inferirmos que as diferenças entre as médias dos quatro bairros

estudados são significativas. Desse modo, pode-se concluir que os resultados da consonância cultural não diferem significativamente entre os bairros.

A seguir encontram dados referentes à consonância cultural e o resultado por gênero.

Figura 4 - Média e desvio-padrão da consonância cultural na vida familiar, segundo o sexo dos participantes

Examinando a Figura 4, observa-se que não há diferenças importantes nos índices de consonância cultural entre homens e mulheres dos quatro sítios investigados.

4 Discussão dos Resultados dos Módulos 1, 2 e 3

Será feita conjuntamente a discussão dos resultados dos Módulos 1, 2 e 3 para que se possa ampliar o entendimento dos dados. Inicialmente será apresentada a investigação do modelo cultural. Para isso, primeiramente serão analisados os elementos que compõem o modelo de vida familiar e, consecutivamente, focado o consenso cultural desse domínio. Em seguida, será analisada a consonância cultural da vida familiar.

Investigação do modelo cultural da vida familiar

Dentre os três métodos cognitivos utilizados, com a Lista Livre pôde-se observar, na gama dos elementos que compuseram o domínio cultural da vida familiar, um destaque da dicotomia “união-desunião” e “bom relacionamento-brigas”. As características “união” e “bom relacionamento” foram elencadas de modo expressivo como características desejáveis de se ter em uma família, enquanto que “desunião” e “brigas” apareceram como não desejadas na família. Os elementos união e bom relacionamento talvez possam estar associados com a questão da coesão familiar. Essa associação será discutida de forma pormenorizada mais adiante.

O procedimento do Agrupamento Livre (Figura 1) permitiu dividir em subgrupos os elementos que compõem o domínio investigado. Foram delineados quatro subgrupos. Quanto aos elementos positivos, um primeiro subgrupo pôde ser relacionado à estrutura familiar (“honestidade”, “firmeza”, “família trabalhadora” e “família organizada”) e um segundo

subgrupo relacionado ao funcionamento afetivo e à qualidade das relações familiares (“amor”, “união”, “compreensão”, “bom relacionamento”, “religiosidade”, “tratam-se bem”, “se ajudam”, “alegria”, “diálogo”). Quanto às características negativas, um primeiro grupo foi associado a sentimentos e comportamentos negativos (“sem educação”, “brigas”, “egoísmo”, “fazem críticas”, “desrespeito”, “falsidade”, “infidelidade”) e, no segundo grupo, a condutas mais disruptivas dos laços familiares (“vício”, “violência”, “irresponsabilidade”). Esses resultados estão de acordo com os objetivos da técnica, ou seja, captam a representação dos sujeitos a respeito de como os elementos que compõem o domínio cultural da vida familiar se distribuem em um espaço de significado.

Como foram utilizados os métodos cognitivos (módulo 1) e o grupo focal (módulo 2) para a investigação do modelo cultural estudado, faz-se necessária uma integração desses resultados de modo a permitir um maior entendimento dos dados. Na figura 5, é possível observar que as categorias de análise desveladas com os grupos focais foram dispostas de forma a integrá-las à representação gráfica obtida no Escalonamento Multidimensional (*MDS*), conforme mostrado na Figura 1.

Elementos positivos da vida familiar

Foram elencadas, no grupo focal, categorias referentes aos “valores e organização da vida familiar” que se integram aos elementos obtidos no procedimento do Agrupamento Livre (como indicam as setas 2 da Figura 5).

As categorias desejadas para uma família que fazem referência ao funcionamento afetivo e à qualidade das relações podem estar bastante interligadas, sendo que nos relatos dos grupos focais parecem estar bem dependentes uma das outras.

Figura 5 - Integração do Escalonamento Multidimensional e categorias de análise do Grupo Focal

O elemento “amor” foi, na análise de consenso cultural, valorado como o elemento mais importante de se ter em uma família, o que demonstra seu significativo papel nas representações sobre a vida familiar. Nas verbalizações dos grupos focais, pôde-se observar que, no que concerne ao relacionamento pais e filhos, é o amor ao filho que leva a mãe a se preocupar com ele, a aconselhá-lo e adverti-lo quando necessário. Também é ressaltado nos relatos a importância de demonstrar ao filho que o ama, e que isto seria uma forma de carinho. Tais atitudes fortalecem o vínculo e demonstram a presença do afeto permeando as relações entre pais e filhos.

No que tange às relações conjugais, os participantes referiram ser o “amor” que faz com que uma pessoa permaneça com outra e não desista da união. Segundo os participantes, a convivência diária sem o “amor” poderia se tornar uma fonte significativa de estresse.

Com os relatos dos grupos focais pôde-se depreender que o “amor” é fundamental para a manutenção dos vínculos familiares e a condição/satisfação das relações. Dainton, Stafford e Canary (1994) constataram que o “amor” estava correlacionado positivamente com o emprego por cônjuges de comportamentos que visassem a manutenção da relação conjugal. Riehl-Emde, Thomas e Willi (2003) verificaram em seu estudo que o “amor” foi a variável mais importante para o bem-estar do casal, sendo um fator decisivo para a qualidade e estabilidade da união marital. Na amostra do referido estudo foi o amor a mais preeminente razão para o início da vida conjugal. Em estudo de Volling, Notaro e Larsen (1998) sobre os estilos de relação conjugal (a saber, relação segura, evitativa e ansiosa/ambivalente), constatou-se que casais em que ambos os cônjuges mantinham um estilo seguro de relação reportavam sentir mais amor por seus parceiros do que casais com um estilo inseguro de relação. Assim o amor mostra-se vinculado à qualidade da relação e à manutenção dos vínculos conjugais e familiares.

O diálogo foi o segundo elemento mais importante para se ter em uma família desejável. Nos grupos focais o diálogo foi apontado como meio importante de comunicação entre pais e filhos e entre a família de maneira geral. Segundo os participantes o diálogo pode permitir uma aproximação entre as pessoas, no sentido de poder saber o que se passa com o outro, e além disso, pode-se compartilhar as vivências e experiências do dia-a-dia. Wagner, Ferreira e Rodrigues (1998) afirmam que somente com um clima familiar caracterizado por uma comunicação clara e direta pode-se ter padrões educativos favorecedores da confiança, aceitação e afeto entre pais e filhos. Para estes autores, a comunicação familiar é fator de fundamental importância no processo educativo. Autores como Cervený e Berthoud (1997) apontam que uma efetiva comunicação intrafamiliar estaria associada ao bem-estar psicológico em família.

O diálogo também foi relatado como uma forma bastante valorizada de resolução de problemas intra-familiares. O diálogo é um método empregado na abordagem de situações-problema, como forma de poder colher informações sobre o que está acontecendo com o familiar e também como meio de orientação e aconselhamento. Ele também é descrito como um meio de o próprio pai obter orientação com pessoas mais experientes.

O recurso pessoal de resolver um problema através do diálogo aparece como uma habilidade a ser desenvolvida pelos membros desde o início da constituição da família, como mostra o relato de Solange: “Já aprender desde o início, sentar frente a frente e conversar”.

Na relação conjugal o diálogo aparece como importante elemento para o bem-estar do casal (KARNEY; BRADBURY, 1995; SPRECHER et al., 1995). A comunicação suportiva estudada por Sprecher et al. (1995) foi o domínio que obteve a mais forte associação com a satisfação e o comprometimento do casal. Para os autores do referido estudo, a qualidade da comunicação pode ser a essência de um bom relacionamento e o fator mais importante para a felicidade dos cônjuges. Ao investigar os comportamentos que levam à manutenção dos

relacionamentos conjugais, Canary e Stafford (1992) verificaram que o segundo comportamento mais importante para os sujeitos foi a “abertura entre os cônjuges”, no que se refere a um casal poder discutir a natureza da relação de maneira franca e aberta.

É interessante observar que alguns elementos, como se sentir compreendido/entendido, podem afetar a comunicação entre os familiares. Em pesquisa de Wagner, Falcke, Silveira e Mosmann (2002) sobre a comunicação de adolescentes com suas famílias, a mãe foi a pessoa mais procurada para conversar, sendo considerada muito coerente e com grande capacidade de entendimento. No modelo cultural de vida familiar almejado pelos entrevistados desta dissertação o terceiro elemento mais valorado foi justamente a compreensão. O sentir-se compreendido pode ter uma ligação bastante estreita com as habilidades de diálogo e comunicação.

Quanto à “união familiar”, ela foi referida nos relatos dos participantes no sentido do “viver junto” - “conviver”, não apenas coabitar uma mesma residência, mas de compartilhar os momentos da vida. Tanto na relação conjugal, como no relacionamento pais-filhos, o “estar presente” foi bastante valorizado, sendo enfatizada a qualidade da relação em detrimento da quantidade de horas em que estão juntos. A questão da valorização da qualidade da relação familiar será discutida mais à frente.

Foi também enfatizada, nos relatos do grupo focal, a importância da continuidade da união nas próximas gerações da família, o que auxiliaria na forma como serão conduzidas as novas gerações. A união e convivência familiar foram também atreladas a outros elementos como amor, respeito e paciência.

A união familiar, segundo os participantes, mobilizaria o grupo familiar para a resolução conjunta de problemas, como também levaria os pais a cuidarem de seus filhos, favorecendo que os mesmos não apresentem comportamentos indesejáveis. A união entre familiares é bastante relacionada na literatura com a coesão familiar. Para Lewin a coesão

grupal nada mais significa do que a união entre os membros de um determinado grupo (PUCCI, 2000).

O elemento “se ajudam” foi referido de forma relevante nos relatos dos grupos, sendo associado com a capacidade dos familiares oferecerem apoio e ajuda uns aos outros. A família é retratada por alguns participantes como o “alicerce”, a base de sustentação para o indivíduo, que o auxiliaria a absorver os impactos provenientes de dificuldades, alegrias e transformações da vida. Alguns participantes colocaram a família como uma fonte de suporte social privilegiada. O papel da família, ao dar esse suporte, seria o de tomar conhecimento do que está afetando o familiar com dificuldades, conversar e apoiar.

Baptista, Baptista e Dias (2001) ressaltam que não deve ser desprezado o papel que a família realiza de “amortecer” os eventos estressores que adolescentes enfrentam em seu cotidiano. Esses autores afirmam que o suporte familiar influencia diretamente a forma como o indivíduo se auto-avalia e como avalia as informações provindas do meio exterior. Em consonância com essas afirmações, Hendersom e Brown (1988 *apud* SAVOIA, 2000, p. 378) afirmam que o suporte social pode provavelmente reduzir os riscos de desordens por meio de mecanismos variados, tais como reduzir o impacto do estressor, influenciar na percepção de quanto essa experiência é ameaçadora e influenciar o curso de um transtorno desenvolvido como resposta ao estressor.

No que concerne ao relacionamento pais-filhos, foi ressaltada nas verbalizações do grupo focal a importância dos pais cuidarem dos filhos, auxiliando-os desde na decisão quanto a que condutas adotarem, como acompanhando-os e apoiando-os. Ainda segundo os participantes, para isso seria preciso que os pais demonstrassem amizade, flexibilidade e proximidade com o filho, participando ativamente de seu processo de desenvolvimento.

Um estudo empírico de Salem, Zimmerman e Notaro (1998) com 634 adolescentes afroamericanos verificou o efeito da conduta dos pais na vida dos filhos. Para as meninas,

suporte familiar, conflitos familiares e monitoramento familiar mediavam a relação com o uso de álcool, ansiedade e depressão, enquanto que para os meninos suporte familiar e conflitos familiares mediava a relação com o uso de álcool e delinquência.

O acolhimento enquanto um aspecto nuclear do suporte familiar foi valorizado pelos entrevistados, pois impediria que ocorressem maiores prejuízos ao indivíduo com problemas já estruturados.

Quanto à “religião”, esse elemento foi abordado pelos participantes como um importante quesito que confere coesão aos vínculos familiares, fortalecendo os indivíduos e impedindo a disseminação de comportamentos e valores negativos. Percepções parecidas foram encontradas por Sanchez, Oliveira e Nappo (2004) em estudo com adolescentes usuários e não-usuários de drogas. Para os entrevistados a religiosidade auxilia na construção da personalidade do indivíduo, inculcando-lhe valores morais que têm por fim o respeito à vida. Segundo os depoimentos dos adolescentes não-usuários, a religião na família é importante em sua estruturação e como influência a ser seguida, fornecendo uma educação que afastaria o jovem de comportamentos de risco que culminariam no uso da droga.

Quanto aos elementos relacionados à estrutura familiar, os participantes remeteram-se à relevância das condições econômicas para a manutenção e viabilização do núcleo familiar. A dificuldade em prover a unidade familiar tenderia a fragilizar os elos familiares devido ao favorecimento de brigas e desentendimentos. A conquista de um emprego foi bastante valorizada.

No tocante à organização familiar, os entrevistados atribuíram um papel estrutural dos pais na formação dos filhos. Cabe principalmente à mãe um cuidado mais próximo em relação aos filhos e ao pai a responsabilidade do sustento do lar, o que indica uma influência de concepção dicotomizada de gênero sobre a distribuição de papéis no cuidado e educação dos filhos. Mas houve também a percepção de novas delimitações dos tradicionais papéis

masculinos e femininos na família, que afetam sobremaneira a organização familiar e que serão analisados de forma mais detalhada no tópico das transformações sociais.

Elementos negativos da vida familiar

No grupo focal foram também elencados elementos que, sob a perspectiva dos participantes, afetam negativamente a vida familiar. Esses elementos superpõem-se às características negativas observadas no Escalonamento Multidimensional, como indicam as setas 1 da Figura 5.

As características indesejadas no meio familiar podem ser distribuídas em um *continuum* de “poder prejudicial aos elos familiares e aos indivíduos”. Assim, pode-se pensar que em um extremo deste *continuum* estariam figurando elementos que contribuiriam apenas para promover uma baixa qualidade interacional, passando por elementos que poderiam desencadear perdas importantes no desenvolvimento afetivo, intelectual e social, até alcançar o outro extremo do *continuum*, onde estariam situados os elementos que favoreceriam o rompimento dos vínculos familiares.

A baixa qualidade relacional entre os membros da família esteve associada, nos relatos dos participantes dos grupos focais, a questões tais como: dificuldades na comunicação entre pais e filhos, a presença de omissões e falsidades nos relacionamentos e a ausência de suporte familiar enquanto falta de apoio e de aconselhamento. A impossibilidade de estabelecer meios e padrões mais eficientes de comunicação verbal ou o estabelecimento deficitário do diálogo poderia tanto afetar uma importante tarefa dos pais (e/ou cuidadores) que é orientar e acolher os filhos em suas necessidades emocionais, como privar de apoio e amparo familiar um indivíduo que necessite de suporte, como exemplificado no relato de Luís: “A *pessoa procura*

e: *‘Aqui eu não tenho mais apoio em casa’. Eu quero falar o que aconteceu comigo, então eu vou lá (bar).*”

Orientar, aconselhar, ouvir, perguntar são importantes comportamentos a serem desempenhados por cuidadores e pais. É mediante o diálogo e a conversa que se processam essas posturas e atitudes. Aspectos dificultadores da comunicação familiar foram elencados por adolescentes investigados em um estudo conduzido por Wagner, Fredebon, Falcke, Dotta e Garcia. (2002). Esses adolescentes referiram a falta de disponibilidade dos pais para estarem juntos deles e escutá-los, bem como sua incompreensão, no sentido de não conseguirem se colocar empaticamente no lugar dos filhos. Esses achados vão ao encontro das evidências detectadas por estudos como o de Antoni e Koller (2000), que demonstram que a ausência de comunicação entre pais e filhos é um indicador de risco severo para as relações familiares.

A ausência do diálogo pode não só prejudicar a qualidade relacional da organização familiar, como representar também um fator que facilita a adoção de práticas mais violentas na família, como mostra o relato de Solange: *“Eu conheço pais também que, quando recebem uma reclamação ou uma convocação pra ir [na escola do filho]... ‘É porque você aprontou, porque não sei o quê.’ E bate. Já agride porque... já tira conclusões.”* Nesse sentido, Koller (1999) aponta a falta do diálogo como um dos fatores de risco para a violência doméstica.

Quanto à ausência de suporte familiar para os adultos, a impossibilidade de se obter apoio dos familiares está bastante relacionada na literatura a fatores de risco. Nos grupos focais foi bastante relatada a importância do apoio familiar para o indivíduo que faz uso indevido de substância psicoativas. Para Schenker e Minayo (2004), quanto maior o suporte que um adicto ou um usuário abusivo reunir, maiores são as chances de manutenção da abstinência e mudança de comportamento.

A qualidade da relação familiar, segundo os participantes, também pode ser bastante prejudicada quando se verifica a presença de elementos como falsidade, hipocrisia e omissão

permeando e estruturando as relações familiares. O sofrimento psíquico velado e a impossibilidade de comunicação familiar podem ser observados na fala de Rosa: “*Todo mundo sofria calado*”. Segundo Osório (1997), sentimentos e emoções humanas comparecem e causam interferências na malha interativa dos processos grupais, gerando ou exacerbando componentes obstrutivos ao seu funcionamento. Esse autor aponta que o impedimento, pela via cínica ou intermediação hipócrita, de virem à tona sentimentos conflitantes tampona artificialmente as crises institucionais e aborta as iniciativas para promover transformações que sejam capazes de manter a saúde institucional.

Os elementos negativos da vida familiar, encontrados nesse estudo, podem fazer parte do que Osório (1997) classifica como processos obstrutivos existentes nos sistemas sociais, nos grupos e nas instituições. O autor faz referência à existência de processos obstrutivos lentos, insidiosos, crônicos, nem sempre perceptíveis e que estão, contínua e reiteradamente, debilitando os organismos grupais e minando seus objetivos imanescentes.

Características mais disruptivas aos vínculos familiares

Há, contudo, elementos que são potencialmente mais destrutivos aos vínculos familiares e às funções protetivas que a família pode exercer. A existência de elementos como vício, violência e irresponsabilidade nos relacionamentos familiares acarretaria, segundo os participantes, desde perdas significativas no desenvolvimento afetivo e social, como até mesmo o abandono do lar ou o rompimento dos vínculos familiares. Os participantes dos grupos focais retrataram situações em que se faziam presentes os elementos acima descritos, com sentimentos de intensa desvalorização e condenação moral. Na fala de Rosa pode-se identificar formas de violência verbal e física no relacionamento familiar: “Meu tio bêbado e

xingava ela de tudo. Ela era uma criança, mas xingava ela de tudo quanto era coisa. Avançava nela, falava que ia bater nela.”

A presença de formas explícitas de violência no seio da família são fatores que vulnerabilizam principalmente mulheres, crianças, adolescentes e também idosos, como ressaltado por Debert (2001). Embora a violência ocorra em diversos espaços, o lar aparece como lugar privilegiado de agressão física e abusos sexuais (ASSIS, 1994; SILVA 2003). E especificamente quanto à violência sexual, no ambiente doméstico os limites impostos pela privacidade isolam a família do domínio público, proporcionando aos agressores um local no qual a violência sexual torna-se um crime perfeito, já que pode ser praticado sem testemunhas ou ser encoberta pelo silêncio do cúmplice (RIBEIRO; FERRIANI; REIS, 2004).

A violência doméstica em crianças e adolescentes pode ocorrer devido a ato ou omissão que leve a dano físico, sexual e/ou psicológico. O abuso-vitimização psicológica pode assumir duas formas básicas: a negligência afetiva e a rejeição afetiva. A negligência afetiva consiste em uma falta de responsabilidade, de calor humano, de interesse para com as necessidades e manifestações da criança, e a rejeição afetiva caracteriza-se por manifestações de depreciação e agressividade para com a criança (AZEVEDO; GUERRA, 1989).

O abuso-vitimização física inclui tanto o abuso físico propriamente dito, quanto a negligência, definida como forma insidiosa de maus-tratos; e o abuso-vitimização sexual pode abranger dois subtipos de abuso: o incesto e a exploração sexual (AZEVEDO; GUERRA, 1989). As consequências orgânicas dos maus tratos são principalmente seqüelas provenientes de lesões, fraturas, queimaduras, que poderão causar invalidez permanente ou temporária, como até mesmo a morte (AZEVEDO; GUERRA, 1995).

As consequências psicológicas da vitimização física e sexual na infância e adolescência são a de potencialmente danificar a auto-confiança e a confiança nos outros, graças à formação de um auto-conceito bastante negativo e de uma visão de mundo

marcadamente pessimista (AZEVEDO, 1989), bem como sentimentos de raiva e medo quanto ao agressor, dificuldades escolares, dificuldade em confiar nos outros, adoção de padrões de violência dirigidos a outras pessoas como esposas e maridos, parricídio e matricídio como formas extremas de acabar com a violência em casa (AZEVEDO; GUERRA, 1995).

A violência doméstica implica, de um lado, uma transgressão do poder/dever de proteção do adulto e, de outro, uma coisificação da infância, isto é, numa negação do direito que crianças e adolescentes têm de ser tratados como sujeitos e pessoas em condição peculiar de desenvolvimento (AZEVEDO; GUERRA, 1995).

Para Garbarino, Kostelny e Dubrow (1991), a violência familiar afeta a visão de mundo, o desenvolvimento moral e o mapa social dos jovens, e principalmente, acrescenta Córdia (1999), quando a violência é acompanhada de separações, pobreza e discriminação. Em um estudo de Antoni e Koller (2000) adolescentes que sofreram dessas práticas abusivas apresentaram sentimentos de medo, menos valia e rejeição, o que, segundo as autoras, os torna vulneráveis ao desenvolvimento de patologias.

E quanto à violência contra a mulher, em estudo de Eby (2004), mulheres com parceiros violentos apresentam níveis mais altos de estresse, e os sintomas associados com o sofrimento de violência foram aceleração do coração (*heart pounding/racing*), tremor das mãos, dores de cabeças e insônia. Silva (2003) afirma que estudos sobre a mulher têm mostrado que a violência está associada a maiores índices de suicídio, abuso de drogas e álcool, queixas vagas, cefaléia, distúrbios gastrointestinais e sofrimento psíquico em geral. Em relação à saúde reprodutiva, a violência contra a mulher tem demonstrado estar associada a maiores taxas de dores pélvicas crônicas, DST e aids, além de doenças pélvicas inflamatórias, gravidez indesejada e aborto (Silva, 2003).

A violência física, somada à ausência de apoio familiar, favorece a adoção, pelo indivíduo, de comportamentos destrutivos, como mostra Orlando em seu relato: “*Porque*

espancar, fazer coisas não adianta, porque depois tem processo, tem isso e aquilo e se torna pior, a pessoa se torna mais revoltada ainda porque não teve apoio de ninguém e aí vai pro mau caminho porque não vai ter apoio, o que pode acontecer?”

O emprego de formas agressivas de ação e resolução de problemas geraria comportamentos negativos nos membros agredidos, agravando e ampliando a extensão das dificuldades vividas. Segue-se um outro relato que retrata esse tipo de situação: “A maioria são assim justamente porque não tem atenção dos pais. Quase todo aluno problema ele tem problema em casa de desatenção ou de agressão. Então é uma forma dele extravasar; ele agride, ele quebra as coisas. Tem aluno que sai chutando cadeira, derrubando, quebrando; é uma forma dele brigar com o mundo que ele não pode fazer em casa. Então é um negócio muito sério.” (Solange, Maria Casagrande).

Como exemplifica o relato acima, dificuldades no relacionamento familiar podem favorecer problemas em outros círculos sociais, tais como no trabalho, na escola, na comunidade. A relação entre violência doméstica e agressividade na adolescência foi verificada por Meneghel, Guigliani e Falceto (1998). Quanto à adoção de comportamentos negativos, Cardia (1999) aponta que a relação familiar cumpre um papel importante no encorajamento ou desestimulação do indivíduo em praticar delitos e adotar comportamentos violentos nos relacionamentos interpessoais.

Antoni e Koller (2000), em estudo sobre a vulnerabilidade e a resiliência familiar em adolescentes que sofreram maus tratos, apontam que riscos como o descontrole emocional dos pais/cuidadores, a falta de diálogo, a ausência da rede de apoio e a violência doméstica podem levar a uma vulnerabilidade individual ou familiar, que por sua vez poderá gerar outros riscos, alimentando um ciclo de vulnerabilidades.

A questão do elemento “irresponsabilidade” pode ser associada tanto à omissão por parte do cuidador frente a uma situação que cause dano a outro familiar, como também à

prática de um ato que resulte em prejuízo para essa pessoa. A simples presença de uma criança em um núcleo familiar define uma relação hierarquizada de poder e cuidados. O adulto torna-se irresponsável quando não garante ou tenta garantir as condições mínimas necessária para o processo de desenvolvimento, o que envolve cuidados físicos e afetivos. Maria Rita Kehl (2001) faz uma ressalva sobre o abandono moral de crianças, quando o adulto se exime da sua responsabilidade e autoridade perante a criança:

Reparem que estou me referindo a uma espécie de irresponsabilidade que não é aquela de quem não se importa, de quem renuncia a cuidar da criança, mas o efeito é muito parecido. É o efeito de um abandono, porque a criança passa a ser o critério do adulto: ele só faz o que ela ‘consente’. É o abandono de responsabilidade e de autoridade, pois o que funda a autoridade paterna? É uma posição subjetiva sustentada pelo laço simbólico. Quando um pai diz: ‘eu não admito que você fale assim comigo’ (com palavrões e insultos, por exemplo), ele não precisa explicar, ameaçar ou justificar sua posição; ele não admite, do alto de seu lugar de adulto encarregado daquela criança, e ponto. Ele está dizendo: ‘eu cuido de você, eu escolhi este encargo e me responsabilizo por ele, eu posso errar aqui e ali, mas eu não vou te abandonar’. Porque o abandono das crianças mimadas de hoje, das crianças ‘de família’ e não das crianças de rua é o abandono moral (KEHL, 2001, p. 38).

Assim, a irresponsabilidade do cuidador pode advir não só de algo feito, mas também do que deixa de ser feito. Assim não é porque a mãe trabalha ou se separou do marido, não é porque um pai cria sozinho os filhos depois de uma separação, que as crianças são abandonadas ou mal educadas, mas sim quando o adulto não banca a sua posição de autoridade e responsabilidade perante as crianças (KEHL, 2001). A questão da distorção do sentido da autoridade também é ressaltada por Bazílio e Kramer (2003) ao afirmarem que o adulto abandona o seu papel ao não demarcar seu posicionamento, não delimitando regras e ao ceder o seu lugar, abrindo espaço para o confronto e o descaso.

O elemento “vício”, enquanto qualificação pejorativa atribuída a um uso indevido e abusivo de substâncias psicoativas, foi bastante relatado nos grupos focais, relacionado

sempre a situações negativas, ora associado a agressões e constrangimento social, ora demonstrando uma percepção de ajuda por parte do usuário ou da família.

Os fragmentos de fala fazem referências às consequências que a presença de um familiar adicto pode acarretar à família, sendo elas: alteração/desestruturação da dinâmica familiar, formas de violência interpessoal e sentimentos de vergonha e rejeição social por parte dos familiares.

Liddle e Dakof⁷ (1995 *apud* SCHENKER; MINAYO, 2003, p. 301) chamam a atenção para o ônus que o abuso de substâncias psicoativas podem causar ao indivíduo e à sua família, pois comumente a adicção leva à perda de empregos, rupturas familiares, instabilidade financeira e abuso físico e psicológico. Somam-se a isso os prejuízos acarretados à sociedade como um todo, no que diz respeito ao envolvimento de drogas com acidentes de trânsito, mortes violentas e a violência desencadeada pelo narcotráfico.

Quanto ao uso de drogas e ao prejuízo das relações familiares, em estudo realizado com cuidadoras de doentes mentais, as entrevistadas reportaram que o uso de drogas atua como fator agravante para a saúde física e mental dos doentes, o que exacerba a rejeição e fragiliza a relação intrafamiliar (GONÇALVES; LUÍS; SENA, 2000). Para Schenker e Minayo (2004), os adictos e usuários abusivos não mantêm uma família ou nunca a formaram, pois apresentam dificuldades em sustentar as estruturas familiares funcionando devido a um problema importante na regulação das relações e dos afetos.

Quanto às representações sobre ter um adicto na família, os participantes do presente estudo relataram que os familiares têm sentimentos de vergonha frente aos pares, colegas e à comunidade em geral, e também a percepção de que aquela problemática só ocorre em sua família. Costa (1989) aponta que a própria família do usuário de drogas assume, por

⁷ LIDDLE, H. A.; DAKOF, G. A. Efficacy of family therapy for drug abuse: promising but not definite. **Journal of Marital and Family Therapy**, Upland, v. 21, n. 4, p. 511-543, 1995.

desinformação, uma atitude preconceituosa procurando, inconscientemente, negar a existência do problema até que a realidade se impõe.

Quanto à adoção de comportamentos violentos, inúmeros são os estudos que verificaram o consumo do álcool e/ou outras drogas como fator de risco para comportamentos agressivos (BUSHMAN; COOPER, 1990), a violência interpessoal e cotidiana (RODRÍGUEZ et al., 1998; MENÉNDEZ; DI PARDO, 2001), a violência doméstica (BORGES et al., 1992; GONZÁLEZ ARAYA et al., 1997; VALDEZ ROJAS et al., 2002) e a violência especificamente contra a mulher (PAULA, 1995; GALVÃO, 2002; MENEZES et al., 2003). Para Minayo e Deslandes (1998) evidências empíricas sugerem que drogas ilícitas e álcool desempenham importante papel no contexto onde são usados, porém sua importância é em grande medida dependente de fatores individuais, sociais e culturais.

Para os entrevistados o “problema” inicia-se com o familiar adicto, mas se alastra para toda a família, como exemplifica o relato de Regina: *“Ah, porque desestrutura totalmente a família se você tem um filho que vai pro caminho errado usando droga...”* A questão complexa da toxicomania e de toda a problemática envolvida não é uma via de mão única do ‘familiar adicto’ para a família. Muitas vezes a toxicomania, mais do que um sintoma individual, é um sintoma de um desequilíbrio familiar (COSTA, 1989). Em extensa revisão da literatura (1995-2002) sobre tratamento para uso indevido e abusivo de drogas, Schenker e Minayo (2004) verificaram a importância da família para a formação e o desenvolvimento do uso abusivo de drogas.

É interessante observar que nos relatos analisados na presente pesquisa há uma maior referência ao abuso do álcool. Minayo e Deslandes (1998) afirmam que vários estudos têm concluído que o álcool é a substância mais ligada às mudanças de comportamento provocadas por efeitos psicofarmacológicos que têm como resultante a violência. O álcool é a droga que mais causa dependência (11,2%) na população brasileira, segundo o I Levantamento

Domiciliar sobre Uso de Drogas Psicotrópicas no Brasil realizado em 2001 (CARLINI et al., 2002).

O rompimento dos vínculos familiares

A dinâmica familiar pode tornar-se fonte tão intensa de estresse, violência e desrespeito que os próprios indivíduos podem se afastar do núcleo familiar. O rompimento com a convivência familiar pode ocorrer com crianças, adolescentes e adultos que abandonam o lar e com crianças e adolescentes que são destituídos de suas famílias pelo poder público.

A gravidez precoce na adolescência muitas vezes ocorre como um meio de fuga do ambiente familiar. Como pode ser observado no relato de Rosa: *“O meu tio, ele era alcoólatra de cair na sarjeta e da minha tia ter que sair lá fora, pegar e levar ele pra dentro. Sei dos problemas que aconteceram decorrentes disso, terríveis dentro de casa. [...] Minha prima mais velha simplesmente engravidou do namorado. [...] Porque ela queria sair de casa. Ela não queria mais ficar ali.”* Em estudo de Mena et al. (1996) com adolescentes grávidas e não grávidas, verificou-se que os pais das adolescentes grávidas tinham um nível mais elevado de consumo de álcool, mais irregularidades civis e um nível mais alto de disfunção familiar.

Dentre as motivações para o abandono do lar, andarilhos (trecheiros) estudados por Nascimento e Justo (2000) apontam primeiramente a questão do desemprego e, em segundo lugar, brigas, desavenças e infidelidade no lar.

Contudo, uma das facetas mais trágicas do abandono do lar é o de crianças que começam a viver nas ruas ou que buscam nas ruas estratégias de sobrevivência, acarretando prejuízos para o seu desenvolvimento e vida futura. As crianças que abandonam os lares para viverem ou permanecerem nas ruas são vulneráveis a diversos riscos e expostas a situações bastante negativas, como violência, acidentes, contágios por doenças e ausência de abrigo

(HUTZ; KOLLER, 1996), falta de afeto e de condições saudáveis de desenvolvimento devido a ameaças, indução ao crime, maus-tratos por policiais e seguranças de lojas, além de sofrerem a estigmatização de “futuros bandidos” Claves⁸ (1993 *apud* ASSIS, 1994, p. 130). Para Saggese e Leite (1999), a faixa da população infanto-juvenil que permanece nas ruas encontra-se em situação de risco psicossocial, constituindo uma questão particularmente delicada dentre os diversos agravos à saúde mental.

Em estudos realizados pelo Centro de Estudos Psicológicos sobre Meninos e Meninas de Rua (CEP-RUA/UFRGS) de Porto Alegre, problemas de relacionamento familiar, abuso físico ou sexual e o desejo de buscar a “liberdade” (escapar do controle e da exploração familiar) figuram entre os principais motivos que levaram crianças a buscarem a rua (HUTZ; KOLLER, 1996). O que é corroborado por estudos realizados no Rio de Janeiro (GOMES, 1994). A ruptura com a família favorece o rompimento com a escola e o abandono dos estudos. A ausência prolongada da escola afeta diretamente o desenvolvimento sócio-emocional dessas crianças, perpetuando a situação de marginalidade e exclusão em que vivem (ALVES et al., 2002).

Crianças e adolescentes que vivem na rua, ou em situação de rua, além de serem expostos a altos riscos de violência, privação de proteção física, nutricional e de afeto familiar, são freqüentemente excluídos de serviços (atendimentos médicos, psicológicos) e institucionais (escolas) que poderiam auxiliá-los a alterarem sua situação de exclusão social.

Ainda que o “estar na rua” ofereça tantos riscos, alguns estudos verificaram que crianças que permanecem em sua família de origem apresentam menos saúde emocional do que as que se mantiveram na rua (KUSCHICK ET AL., 1996; PERES, 1997). Tal fato

⁸ CLAVES (Centro Latino Americano de Estudos de Violência e Saúde). **Estudo multidisciplinar sobre as atuais condições de atendimento a crianças e adolescentes do Rio de Janeiro em situações especialmente difíceis**. Rio de Janeiro: CLAVES/FIOCRUZ, 1993. (Mimeo)

demonstra o quanto o relacionamento familiar pode vir a ser prejudicial ao desenvolvimento dos indivíduos.

Considerações quanto às formas de enfrentamento relatadas pelos participantes

Inúmeras foram as considerações feitas pelos entrevistados acerca do papel desempenhado pelos elementos positivos e negativos para o núcleo familiar e seus indivíduos. No entanto, houve relatos sobre os recursos que os familiares dispõem para resolver os problemas de seu dia-a-dia, que foram agrupados na categoria “formas de enfrentamento utilizadas pela família frente às mudanças sociais e/ou problemas”. É relevante para o estudo do funcionamento familiar conhecer o modo como os membros da família lidam com os problemas e conflitos inerentes ao convívio familiar e que recursos e habilidades dispõem para fazer frente a esses desafios.

Quanto a essa questão, Moscovici (1996) acrescenta que conflitos não são necessariamente prejudiciais ou destrutivos; eles devem ser vistos como funcionais e disfuncionais e analisados em função dos objetivos e do funcionamento de um grupo em específico. Richter (1990) esclarece que a ruptura na família é indicada não pela presença de conflitos sérios, ou mesmo explosivos, mas pela incapacidade de seus membros de lidar com questões decorrentes desses conflitos e resolvê-las sem punição ou rejeição mútua, evitando-se criar condições favoráveis à formação de sintomas em algum membro da família.

Como mostra a figura 5, hipotetiza-se que a capacidade adaptativa da família, definida como a capacidade dos membros lidarem de forma positiva com conflitos, impasses e problemas, esteja relacionada a recursos e habilidades de enfrentamento de situações estressantes que os indivíduos podem ter ou dispor (como indica a seta 6).

As formas de enfrentamento relatadas pelos participantes do grupo focal relacionaram-se principalmente ao diálogo, compreensão, flexibilidade e apoio exercidos pelos próprios membros da família e, em segundo lugar, à disponibilidade e utilização da rede de suporte social externa à família. Parte importante das formas de enfrentamento relatadas pelos participantes podem ser englobadas entre as habilidades verificadas em pesquisas como importantes para assegurar a capacidade adaptativa da família. Em trabalhos clássicos de Hill e Burr sobre o tema nota-se uma ênfase em recursos como coesão familiar e adaptabilidade na manutenção da organização e funcionamento familiar frente ao estresse, enquanto que recentes estudos sobre as formas de enfrentamento familiar (*family coping*) têm enfatizado a importância da auto-confiança, a manutenção da união familiar e o uso do suporte social (MCCUBBIN; CAUBLE; PATTERSON, 1982).

As transformações sociais e a vida familiar

O entendimento do modelo cultural de vida familiar aqui estudado pode ser ampliado a partir das verbalizações referentes a transformações sociais que ocorreram em nossa sociedade e que afetaram amplamente a vida familiar. Essas mudanças sociais influíram tanto em valores e padrões de conduta da organização familiar (como indica a seta 3 da figura 5), como também geraram novos padrões de conduta considerados pelos participantes como influências negativas do ponto de vista da preservação dos laços familiares (como indica a seta 5 da figura 5).

Na atualidade, segundo os participantes, as famílias almejam aceder a um estilo de vida permeado por um forte desejo de consumo para obtenção de uma vida mais confortável do ponto de vista material. A busca por esse aumento do poder aquisitivo levaria a mulher a ingressar no mercado de trabalho, e o cuidado com a família e a educação dos filhos ficaria

em segundo plano. A circulação (ocupação) da mulher por espaços públicos como o da política e mesmo o do mercado de trabalho externo aos limites do domicílio, proporcionaram uma mudança nos conceitos associados ao gênero feminino, interferindo nos padrões de costumes em instituições importantes como o casamento.

Quanto ao desejo de um novo estilo de vida, Romanelli (1986, p.89) coloca que “as famílias foram incitadas a alterar seus padrões de consumo e a construir um estilo de vida qualificado como moderno ou celebrado como novo, pelo próprio sistema produtivo”. No Brasil, a partir da década de sessenta verificam-se alterações de ordem econômica e política que afetaram o padrão de consumo de bens materiais, ampliando as aspirações da população que almejava não apenas adquirir novos produtos, mas alcançar um novo estilo de vida. Houve nesse período uma queda no poder aquisitivo das famílias, o que levou outros membros familiares a ingressarem no mercado de trabalho.

As mudanças nas condições de produção da renda familiar e nos ideários de estilo de vida vieram associadas a uma modernidade cultural. Na esfera das relações interpessoais, despontaram formas alternativas de sociabilidade na família e no universo do relacionamento afetivo sexual, que redundaram no questionamento do modelo hegemônico (ROMANELLI, 1986).

Na organização da família, foi relatada a presença tanto de papéis rigidamente definidos (como a educação dos filhos cabendo à mulher e ao pai prover a família), como também novas delimitações dos papéis masculinos e femininos. Os papéis tradicionais remetem ao pai enquanto figura que instaura a ordem. Ele é considerado o chefe da família e seu provedor financeiro, enquanto que a mulher representa a afetividade, o vínculo relacional, cabendo a ela a função de socializar a criança, educar, transmitir os ensinamentos da cultura. Essa divisão de papéis é resultante tanto de uma divisão sexual de encargos e cuidados materiais, como de uma cisão da expressão de sentimentos e de emoções (ROMANELLI,

2000). Com as transformações sociais ocorrendo na sociedade, há evidentemente alterações na dinâmica familiar. Quanto aos encargos financeiros, os participantes já propõem-se uma divisão dos encargos e união familiar, retirando do homem (chefe da casa) esse ônus de único provedor do sustento familiar. Esse remanejamento de obrigações em casa compreende não só os encargos financeiros, mas a educação dos filhos e a divisão das tarefas domésticas. Essas modificações afetam os papéis tradicionalmente atribuídos ao homem e à mulher. Bilac (2000) coloca que “as mudanças na organização da família estão se dando, fundamentalmente, a partir das mudanças na condição feminina, que terminam por afetar também os papéis masculinos”. É principalmente sobre a mulher que a sociedade focaliza sua lente para medir as mudanças, as alterações de comportamento, ainda que a identidade masculina também esteja passando por transformações.

Houve relatos que dão conta da emergência de conflitos e atritos decorrentes dessas novas delimitações dos papéis masculinos e femininos na família. Verificou-se que há resistências masculinas em aceitar as novas condutas femininas, enquanto que as mulheres estão menos propensas a aceitar certos comportamentos que são usualmente reconhecidos como práticas sociais masculinas em nossa sociedade.

Quanto ao relacionamento com os filhos, observa-se nas verbalizações dos entrevistados o declínio do modelo patriarcal, em que a opinião do pai sobrepunha-se aos dos outros membros da unidade familiar, com a instauração de uma relação menos verticalizada de poder, dentro de um modelo de maior abertura e diálogo entre os familiares. Isso se dá concomitante ao desejo de uma maior participação masculina nos cuidados com os filhos.

Ainda no que se refere aos padrões de comportamento presentes na família e aos cuidados com a educação dos filhos, foi ressaltada nas verbalizações dos grupos focais a influência que a mídia, e principalmente a televisão, exerce sobre crianças e adultos. Na percepção dos participantes, a mídia televisiva exerce influência predominantemente negativa

sobre a família, principalmente ao veicular padrões de comportamento negativos e transmitir uma “visão de mundo” indesejada pela família, alterando o relacionamento familiar e naturalizando costumes e valores. Há um sentimento geral de despreparo frente às mudanças de comportamento e costumes que acompanham as transformações tecnológicas.

A preocupação com a influência da televisão sobre a formação da personalidade das crianças e mesmo dos adultos, reportada pelos entrevistados, foi objeto de investigação de pesquisadores como Strasburger (1999), Feilitzen e Carlsson (2002) e Gomide et al. (2003). Foram encontrados dados preocupantes sobre a influência negativa deste veículo de comunicação e informação sobre o desenvolvimento de crianças e adolescentes (GOMIDE et al., 2003). Fischer⁹ (2000 *apud* HENNINGEN; GUARESCHI, 2002, p. 55) aponta que a mídia, por sua presença maciça na vida cotidiana dos indivíduos, além de veicular modos de vida, atua decisivamente no processo de construção de identidades. Para Gomide (2000), a maior influência da televisão no comportamento humano ocorre de forma sutil, indireta e cumulativa. Em pesquisa de Gomide et al. (2003) verificou-se uma significativa influência da televisão nos horários de refeição das famílias estudadas. A mídia televisiva transmite valores e padrões de comportamentos muitas vezes nocivos a crianças e adolescentes, e frequentemente os pais não monitoram o contato dos filhos com a televisão, nem desenvolvem uma visão crítica sobre os programas assistidos.

Quanto às influências das transformações sociais nos arranjos familiares, verificou-se nas verbalizações dos participantes uma maior liberdade individual de escolha dos parceiros(as), sobrepujando imposições familiares na escolha do companheiro(a), características do modelo anterior. Relata-se a instauração de um padrão de comportamento

⁹ FISCHER, R. M. B. Mídia e produção do sujeito: o privado em praça pública. In: FONSECA, T. M. G.; FRANCISCO, D. J. (Orgs.). **Formas de ser e habitar a contemporaneidade**. Porto Alegre: UFRGS, 2000. p. 109-120.

sexual menos rígido, que está associado a condutas tidas como desmoralizantes e à banalização das vivências afetivo-sexuais, sobretudo por parte das meninas.

Soma-se a isso uma forma de arranjo familiar em que a formalização da união restringe-se ao casal coabitar o mesmo domicílio, sem a efetivação dos laços conjugais através do registro civil ou do sacramento matrimonial. O “morar junto” está tanto associado ao desejo dos jovens de experienciar uma relação conjugal, como à falta de responsabilidade e de valores morais essenciais para a formação de uma família estruturada.

Os arranjos familiares, segundo os participantes, estão sofrendo o efeito da diminuição do valor do casamento, o que estaria bastante relacionado, na ótica dos entrevistados, a uma diminuição da influência de valores religiosos, o que torna os laços matrimoniais mais frágeis e eleva as ocorrências de divórcios e separações.

Romanelli (1986) pondera que a irrupção de padrões culturais diferenciados cria para as famílias uma situação nova e ambígua; nova, porque as famílias não encontram mais na experiência anterior referenciais seguros para orientarem-se, e ambígua porque sugerem possibilidades alternativas de se organizarem as relações entre os sexos e a vida doméstica, baseadas em orientações gerais e em uma moralidade sexual não mais dicotomizada.

O consenso cultural

Na análise de consenso, ao estimar-se a melhor resposta do grupo de sujeitos quanto às características mais almejadas numa família, observa-se que as primeiras características elencadas (“amor”, “diálogo”, “bom relacionamento” e “compreensão”) estão associadas a uma dimensão afetiva, enquanto que as características “família trabalhadora”, “família organizada”, “se ajudam”, “família com firmeza” relacionam-se a uma dimensão estrutural da família, utilizando-se de categorias de análise similares às empregadas na análise do

Agrupamento Livre. Observa-se que os resultados oferecem apoio empírico para a conclusão de que há uma maior valoração dos elementos afetivos em detrimento de aspectos estruturais da família.

São diversos os estudos em que se observa uma representação idealizada de família que se assemelha aos dados do consenso cultural obtidos no presente estudo. Um estudo de Chaves et al. (1993) sobre a concepção de família entre jovens baianos de 15 a 22 anos de idade verificou que, para 89% desses jovens, a família é sinônimo de união, confiança e apoio. Tfouni e Moraes (2003), ao investigarem as representações sobre família de crianças e adolescentes de rua, através de suas narrativas orais de ficção, verificaram a representação de uma família unida, feliz, onde ocorrem relações afetuosas entre os familiares.

A valoração de comportamentos que visem a dimensão afetiva e a qualidade relacional na família pode ser observada no estudo realizado por Santos, Caldana e Biasoli-Alves (2001), que investigaram as temáticas abordadas pela revista Família Cristã no período compreendido entre os anos 40 e 90. As autoras apontam que a partir da década de 70 valorizou-se na revista a igualdade entre os sexos, um código moral simétrico e o modelo de pai amigo e marido participante, indicando a valorização de um modelo mais igualitário em detrimento de um modelo tradicional de família no Brasil. Em consonância com este estudo, Trindade, Andrade e Souza (1997) também observaram diferentes representações sociais de paternidade em pais das décadas de 60 e 80 no Brasil; o papel de pai provedor foi mais referido por pais dos anos 60, enquanto que os da década de 80, principalmente os de nível escolar superior, ressaltavam os aspectos afetivos da relação pai-filho. Nesses estudos observam-se alterações nos valores e representações referentes à família e aos papéis dos pais, ocorrendo nas últimas décadas uma valorização dos aspectos afetivos e relacionais entre os membros da família.

Outros estudos corroboram estes achados, ao investigarem as representações sobre a paternidade. Dessen e Braz (2000) pesquisaram sobre a rede social de apoio durante transições familiares decorrentes do nascimento dos filhos, no qual os homens entrevistados relatam que sua participação “ideal” no contexto familiar seria a de dar atenção, carinho e impor regras e correção aos filhos e, em segundo lugar, apoio psicológico às mães e à família como um todo. Konrath¹⁰ (1996 *apud* HENNIGEM; GUARESCHI, 2002, p. 53), ao investigar as concepções do homem sobre como deve ser um pai, constatou que eles querem ter diálogo e intimidade, mas também preocupam-se com sua responsabilidade diante dos filhos.

Estudos em outros países sobre o mesmo tema apresentam dados semelhantes. No Canadá, o “passar o tempo com os filhos” foi a questão mais profundamente valorizada por homens quanto a ser um bom pai, sendo necessário ter “qualidade” na relação com os filhos (DALY, 1996). Segundo o autor, essa expectativa cultural de que o pai deve estar um tempo com os filhos pertence a essa geração de pais. Não só foram alteradas as representações sobre paternidade, mas os pais também acreditam que mudaram suas condutas, tendo um papel essencial no direcionamento da vida de seus filhos.

Estudos constataram empiricamente que a qualidade e a forma como ocorrem os relacionamentos intra-familiares afetam de forma mais consistente seus membros do que a estrutura familiar. Em consonância com esses resultados, os participantes do presente estudo valorizam em seu modelo de vida familiar justamente elementos afetivos e relacionais.

Em estudos sobre a natureza e a qualidade dos relacionamentos familiares, Partridge e Kotler (1987) demonstraram que a natureza e a qualidade dos relacionamentos era um preditor mais forte para a auto-estima e a capacidade de ajustamento de adolescentes do que a estrutura familiar. Gray-Ray e Ray (1990) verificaram que era a qualidade da relação familiar

¹⁰ KONRATH, I. **Discurso paterno**: similaridades e especificidades. Dissertação de Mestrado – FAGED, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 1996.

e não a estrutura que influenciava o desenvolvimento de adolescentes. Enquanto Salem, Zimmerman e Notaro (1998) observaram que a estrutura familiar não estava associada com resultados psicossociais de jovens afro-americanos nos EUA, mas sim a conduta e relacionamento familiar.

Enquanto que os dados do presente estudo informam que há uma valorização da família enquanto um espaço em que seria desejável encontrar amor, diálogo, compreensão e bom relacionamento, os estudos acima referidos demonstram que essa valorização da dimensão relacional e afetiva da família é recente e afeta principalmente a representação da paternidade.

Os itens finais (do 9 ao 13) do *ranking* da estimativa do consenso cultural no domínio da vida familiar relacionam-se a características negativas. O primeiro item “fazem críticas” é o menos preterido dentre as características negativas, o que pode ser decorrência do fato de que fazer “críticas” muitas vezes é visto como sendo algo de certa forma com valor positivo, como por exemplo um fator pedagógico, educativo. Muitas vezes, durante a coleta dos dados, quando era pedido aos sujeitos que separassem as características da vida familiar em dois subgrupos (positivas e negativas), alguns deles manifestaram dúvida sobre a classificação mais adequada do item “fazer críticas”. Pode-se observar, na Figura 5, que essa característica é, dentre os atributos negativos, a que mais se aproxima dos itens positivos. Em contraposição, as características mais preteridas são “família que briga”, “egoísmo” e “desrespeito”.

Com a análise global do consenso cultural, pôde-se presumir que um único modelo de vida familiar está sendo compartilhado, devido ao valor do *eigenvalue ratio* obtido (7.42). Na análise dos valores de mediana (0.82) e do desvio-padrão (0.09), observa-se uma boa aproximação dos sujeitos em relação à dimensão avaliada e uma pequena dispersão dos

resultados. Infere-se, então, que há um bom compartilhamento do modelo de vida familiar pelos informantes.

A questão do compartilhamento de modelos culturais entre sujeitos de uma sociedade vem sendo estudada por diversos pesquisadores. A constatação, evidenciada no presente estudo, de que um único modelo de vida familiar está sendo compartilhado pelos entrevistados se contrapõe à colocação de Scheper-Hughes (1992) de que o grau de estratificação social observado no Brasil poderia sugerir que expectativas definidas culturalmente não seriam compartilhadas entre as diferentes camadas sociais. Contudo, essa constatação vai ao encontro do trabalho de Janice Perlman (1977) que pondera que haveria aspirações compartilhadas entre as classes média e baixa brasileiras.

Em trabalhos anteriores conduzidos no Brasil, Dressler e colaboradores verificaram que havia um único modelo de estilo de vida e suporte social sendo compartilhado (DRESSLER; BALIEIRO; DOS SANTOS, 1997; DRESSLER; DOS SANTOS; BALIEIRO, 1996).

Vários pesquisadores brasileiros, como Romanelli (1997) e Sarti (1995), apontam relativa homogeneidade em formas de sociabilidade, organização e valores em famílias de classes populares, enquanto Fonseca (1987) e Mello (2000) relatam haver condutas divergentes entre camadas médias e populares.

Então torna-se importante ressaltar que o modelo aqui pesquisado não diz respeito a formas de sociabilidade ou formas de organização concreta das famílias, mas que se investiga um “modelo cognitivo” que é composto por elementos do universo relacional da família, a saber, entre outros: “bom relacionamento”, “compreensão”, “amor”, “respeito”, assim como seus contrários. Neste estudo utiliza-se o conceito de modelo cultural como proposto pela antropologia cognitiva. Assim, modelos são representações esquemáticas e cognitivas de

fenômenos sociais significativos compartilhados por indivíduos que pertencem a um mesmo grupo social.

A consonância cultural

No tocante à consonância cultural da vida familiar não foram encontradas diferenças significativas nas médias dos resultados obtidos pelos participantes oriundos dos quatro bairros, o que demonstra que a consonância cultural na vida familiar e o *status* sócio-econômico não estão correlacionados.

Esses achados fornecem sustentação empírica para a afirmação de que as percepções individuais relativas às atitudes e crenças sobre a vida familiar não dependem do *status* sócio-econômico. Ou seja, os indivíduos percebem-se vivendo a sua vida familiar de forma mais próxima ou mais distante do modelo de vida familiar (desejado como aquilo que define uma boa família) independentemente da posição que ocupam dentro do sistema produtivo.

Em outros domínios culturais, como suporte social e estilo de vida, estudos verificaram que a consonância cultural desses domínios variou em relação às diferenças sócio-econômicas (DRESSLER; BALIEIRO; DOS SANTOS, 1997; DRESSLER; DOS SANTOS; BALIEIRO, 1996). Torna-se então interessante considerar o que poderia diferenciar o domínio da vida familiar dos outros dois domínios quanto à correlação com *status* sócio-econômico.

No estudo da consonância cultural no estilo de vida nos mesmos quatro bairros aqui investigados, Dressler, Dos Santos e Balieiro (1996) verificaram que o aumento da consonância cultural estava associado à elevação da condição sócio-econômica do bairro. Isto é, quanto maior o nível sócio-econômico da população do bairro, mais as pessoas entrevistadas viviam de acordo com o estilo de vida almejado. O estilo de vida valorizado

para se ter “uma boa vida” foi o de uma vida simples, com conforto doméstico (com utensílios de cozinha, televisão, vídeo cassete) e comportamentos de lazer, como assistir televisão e ler jornal. Não foi valorizado um estilo de vida de luxo, com consumo conspícuo ou hábitos de lazer como viagens internacionais ou ter uma empregada doméstica.

O domínio cultural “estilo de vida” foi estudado por Dressler e colaboradores através de dois quesitos: bens de consumo e atividades de lazer. Para mensurar o quesito bens de consumo, os pesquisadores coletaram informações sobre a posse pela família de um determinado número de objetos. Sabemos que a condição financeira de uma família influi decisivamente em seu poder de consumo e aquisição de bens e serviços. Assim, pode-se perceber uma relação direta entre *status* sócio-econômico, poder de consumo e consonância cultural no estilo de vida.

Contudo, no que concerne ao suporte social, não podemos fazer a mesma consideração acima exposta. Assim como na vida familiar, neste domínio avalia-se a percepção do sujeito quanto a uma “esfera relacional” de sua vida. Na pesquisa de Dressler, Balieiro e Dos Santos (1997) indagou-se aos sujeitos com quem eles poderiam contar ao enfrentarem certos problemas como: estar doente, se sentindo tristes/angustiados ou precisando de dinheiro. O modelo de suporte valorizado foi o de poder contar primeiramente com a família, depois amigos, vizinhos, compadres e outras pessoas.

Esses pesquisadores mostraram que a consonância cultural em suporte social, delimitada em “baixa”, “moderada” e “alta”, variou dentro dos bairros investigados, e verificaram uma maior porcentagem de “baixa consonância cultural” no bairro mais desfavorecido economicamente (Maria Casagrande). Os valores dos índices de baixa consonância cultural no suporte social decresceram gradualmente nos bairros José Sampaio, Vila Tibério e Jardim Recreio, acompanhando inversamente o nível sócio-econômico. Para os investigadores esse achado poderia estar relacionado ao fato de que as demandas de

manutenção do ideal cultural de uma densa rede social para as pessoas de camadas baixas podem ser maiores do que o sistema pode atender (DRESSLER; BALIEIRO; DOS SANTOS, 1997).

Os achados obtidos no presente estudo evidenciam que a consonância cultural na vida familiar mostra-se diferente da consonância dos domínios acima apresentados. Neste domínio estava sendo investigada a **percepção** dos sujeitos quanto às suas relações com seus familiares, em termos de sentir-se acolhido, amado, entendido, obter ajuda frente a situações-problema, sentir-se respeitado, entre outros elementos. O modelo de uma boa vida familiar foi valorado principalmente em termos de elementos afetivos (amor, diálogo, bom relacionamento, compreensão e uma família alegre), seguido por elementos relacionados a uma dimensão de estrutura (a saber: uma família trabalhadora, organizada, na qual os familiares se ajudam mutuamente e assumem posições com firmeza). Dentre as categorias preteridas aparece, primeiramente, o desrespeito, seguido de egoísmo, da discórdia (brigar) e, por fim, do “fazer críticas”. Nossa hipótese frente à desvinculação da consonância cultural na vida familiar e o *status* sócio-econômico é a de que o “viver a vida familiar” com mais ou menos sentimento de acolhimento e preservando-se o bom relacionamento intrafamiliar depende de como se estabelecem as relações familiares e não da classe ou posição social que o indivíduo ocupa.

É preciso ressaltar que o dado obtido no presente estudo não indica que as famílias vivam de formas iguais, independentemente da classe social, pois como mostra importante literatura da área (ROMANELLI, 1997, 2000; SARTI, 1995) as camadas sociais brasileiras possuem formas de organização e sociabilidade distintas, mas isso é diferente do quanto as pessoas podem perceber sua família como tendo mais acolhimento e bom relacionamento do que desrespeito e brigas.

Assim como o *status* sócio-econômico, o gênero também não foi fator discriminante para a consonância cultural na vida familiar. Homens e mulheres alcançaram, em média, níveis semelhantes de consonância cultural no domínio vida familiar.

A construção de uma escala que mensura consonância cultural na vida familiar traz contribuições relevantes para esse campo de conhecimento. As inúmeras escalas que têm como foco a família/vida familiar não medem aspectos da cultura vigente, mas outros quesitos, tais como funcionamento, dinâmica e estrutura familiar. E mesmo dentre as escalas que objetivam avaliar aspectos da cultura e da vida familiar, como é o caso da proposta por Swartz (1982), que investiga o compartilhamento da cultura em cinco sociedades, a Escala de Consonância Cultural na Vida Familiar inova por mensurar o quanto o sujeito percebe-se vivendo de acordo com o modelo de vida familiar de sua própria cultura.

Ressalta-se que a Escala de Consonância Cultural na Vida Familiar, mais do que um mero instrumento isolado, é parte integrante de um rigoroso procedimento metodológico que busca investigar primeiro o modelo do domínio cultural a ser pesquisado, para a partir dos elementos elencados pelos informantes-chave da população, construir um instrumento que possa mensurar o posicionamento do sujeito frente ao seu universo cultural.

O desenvolvimento da Escala de Consonância Cultural na Vida Familiar traz inovações nas pesquisas sobre consonância cultural, pois permite mensurar as atitudes e crenças individuais sobre a vida familiar, e não o comportamento dos sujeitos. Desse modo, essa escala responde à premência de novos procedimentos de mensuração na investigação da adaptação individual a modelos culturais vigentes na sociedade.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo teve o propósito de investigar o modelo cultural da vida familiar em moradores de Ribeirão Preto, a existência de um consenso cultural acerca deste modelo e a consonância cultural da vida familiar em quatro amostras de diferentes estratos socioeconômicos.

O modelo cultural da vida familiar foi composto por elementos positivos e negativos em relação aos vínculos familiares. Os elementos positivos puderam ser relacionados à estrutura familiar e ao funcionamento afetivo e qualidade das relações familiares. A estrutura familiar foi associada à organização familiar enquanto papéis adotados por homens e mulheres em seus núcleos familiares, e a condições econômicas para a manutenção e viabilização do núcleo familiar. O funcionamento afetivo e a qualidade das relações familiares estiveram associados principalmente a elementos como: o “amor” que liga afetivamente os pais aos filhos e os cônjuges entre si, o “diálogo” enquanto um importante recurso para a resolução de problemas e para o compartilhamento das experiências cotidianas dos familiares. A “união” familiar também foi relacionada ao compartilhamento dos momentos da vida e como elemento que mobiliza o grupo familiar na resolução conjunta de problemas e, por fim, o suporte oferecido pela família enquanto aceitação, orientação e auxílio para enfrentar as adversidades e experiências emocionais presentes na vida familiar.

Os elementos negativos puderam ser distribuídos em um “*continuum* de poder prejudicial aos vínculos familiares e aos indivíduos”. Assim, pode-se pensar que, em um extremo deste *continuum*, estariam localizados os elementos que ocasionam apenas uma baixa

qualidade interacional, passando por elementos que poderiam desencadear perdas importantes no desenvolvimento afetivo, intelectual e social, até alcançar o outro extremo do *continuum* no qual estariam situados os elementos que favoreceriam o rompimento dos vínculos familiares. “Vício”, “violência” e “irresponsabilidade” foram os elementos relacionados como potencialmente mais destrutivos aos vínculos familiares e às funções protetivas que a família deveria desempenhar.

A estrutura e organização da vida familiar vem sendo afetada por transformações sociais, relacionadas à evolução tecnológica, ao desejo por um novo estilo de vida e a entrada da mulher no mercado de trabalho.

Na investigação da presença de modelos culturais da vida familiar na população pesquisada, observou-se que há um único modelo cultural da vida familiar sendo compartilhado pelos sujeitos. Esse modelo é bem compartilhado e há uma maior valorização de elementos afetivos em detrimento de aspectos estruturais da família, o que foi corroborado resultados obtidos por estudos relacionados às representações atuais de paternidade e maternidade.

A consonância cultural mensurada não difere significativamente entre os quatro bairros estudados, o que demonstra que os sujeitos percebem-se vivendo a vida familiar de forma mais próxima ou distante do modelo valorizado de vida familiar, independentemente de seu *status* sócio-econômico. Não foram constatadas diferenças significativas também quanto ao sexo dos participantes.

O delineamento metodológico do projeto permitiu que os objetivos do estudo pudessem ser investigados de maneira adequada. As técnicas de coleta de dados e as análises empregadas puderam ser integradas de forma a ampliar o entendimento do modelo cultural estudado, demonstrando a utilização complementar de abordagens qualitativas e quantitativas e a riqueza e potencialidade do emprego da triangulação metodológica. Essas considerações

corroboram a afirmação de Langhout (2003) de que os métodos quantitativos e qualitativos trabalham reciprocamente para ampliar o entendimento e prover informações uns aos outros.

Os procedimentos de Lista Livre, Agrupamento Livre, Entrevista de Consenso Cultural e as análises empregadas fornecem um importante método de pesquisa sobre modelos culturais compartilhados por sujeitos de um determinado grupo social.

A Escala de Consonância Cultural da Vida Familiar elaborada pela equipe do projeto CADI trouxe inovações nas pesquisas sobre consonância cultural, pois investiga as atitudes e percepções sobre a vida familiar e não o comportamento dos sujeitos. O instrumento proposto responde a uma premência de novos procedimentos de mensuração na investigação da adaptação individual a modelos culturais existentes na sociedade e contribui para estudos que necessitem de instrumentos objetivos para investigar a vida familiar, bem como estabelecer associações entre a vida familiar e outras variáveis, tais como estresse psicológico, sofrimento mental, suporte social e outros domínios culturais relevantes.

Em nosso país a família ocupa na atualidade um lugar de destaque no planejamento das políticas sociais. Maurás e Kayayan (1998) afirmam que a atenção à família, através de políticas públicas adequadas, constitui-se em um dos fatores condicionantes das transformações sociais às quais a sociedade brasileira tanto aspira.

Espera-se que este trabalho possa contribuir para a compreensão de como se configura o modelo de vida familiar no Brasil, que sentidos e valores são atribuídos aos seus elementos e quais as principais temáticas que orientam e norteiam esse domínio cultural. Um melhor entendimento da realidade que nos circunda possibilita ferramentas mais adequadas para a definição de políticas públicas que visem orientar ações e intervenções em nossa sociedade.

REFERÊNCIAS*

ALGRANTI, L. M. Famílias e vida doméstica. In: SOUZA, L. M. (Org.). **História da vida privada no Brasil: cotidiano e vida privada na América Portuguesa**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997. v. 1, p. 83-154.

ALVES, P. B.; KOLLER, S. H.; SILVA, A. S.; SANTOS, C. L.; SILVA, M. R.; REPPOLD, C. T.; PRADE, L. T. Atividades cotidianas de crianças em situação de rua. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, Brasília, v. 18. n. 3, p. 305-313, set./dez. 2002.

ANTONI, C.; KOLLER, S. H. Vulnerabilidade e resiliência familiar: um estudo com adolescentes que sofreram maus tratos intrafamiliares. **Psico**, Porto Alegre, v. 31, n.1, p. 39-66, jan./jun. 2000.

ARIÈS, F. **História social da criança e da família**. Tradução Dora Flaksman. 2. ed. Rio de Janeiro: LTC, 1979. 196 p.

ASSIS, S. G. Crianças e adolescentes violentados: passado, presente e perspectivas para o futuro. **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 10, p. 126-134, 1994. Suplemento 1.

AZEVEDO, M. A. Conseqüências psicológicas da vitimização de crianças e adolescentes. In: AZEVEDO, M. A.; GUERRA, V. N. A. **Crianças vitimizadas: a síndrome do pequeno poder**. São Paulo: Iglu, 1989. cap. 4, p. 143-167.

AZEVEDO, M. A.; GUERRA, V. N. A. **A violência doméstica na infância e adolescência**. São Paulo: Robe, 1995. 125 p.

AZEVEDO, M. A.; GUERRA, V. N. A. Vitimação e vitimização: questões conceituais. In: _____. **Crianças vitimizadas: a síndrome do pequeno poder**. São Paulo: Iglu, 1989. cap. 1, p. 25-47.

BAPTISTA, M. N.; BAPTISTA, A. S.; DIAS, R. R. Estrutura e suporte familiar como fatores de risco na depressão de adolescentes. **Psicologia Ciência e Profissão**, Brasília, v. 21, n. 2, p. 52-61, 2001.

* UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO. Sistema Integrado de Bibliotecas. Grupo DiTeses. **Diretrizes para apresentação de dissertações e teses da USP**: documento eletrônico e impresso / Vânia M. B. de Oliveira Funaro, coord. ... [et al.]. – São Paulo: SIBI-USP, 2004. 110 p.

BAZÍLIO, L. C.; KRAMER, S. Solidariedade em tempos de violência – apontamentos e inquietações. In: _____. **Infância, educação e direitos humanos**. São Paulo: Cortez, 2003. p. 107-126.

BERQUÓ, E. Arranjos familiares. In: SCHWARCZ, L. M. (Org.). **História da vida privada no Brasil: contrates da intimidade contemporânea**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. v. 4, p. 411-438.

BEYERS, J. M.; BATES, J. E.; PETTIT, G. S.; DODGE, K. A. Neighborhood structure, parenting processes, and the development of youths' externalizing behaviors: a multilevel analysis. **American Journal of Community Psychology**, New York, v. 31, n.1/2, p.35-53, Mar. 2003.

BILAC, E.D. Família: algumas inquietações. In: CARVALHO, M. C. B. (Org.). **A família contemporânea em debate**. 3. ed. São Paulo: EDUC/Cortez, 2000. p. 29-38.

BORGATTI, S.P. **Anthropac 4.7**. Columbia: Analytic Technologies, 1993.

BORGES, G. ; NATERA, G. ; GARRIDO, F. ; CÁRDENAS, V. ; IBARRA, J. ; PELCASTRE, B. Consumo de bebidas alcohólicas y violentas en naucalpan de Juárez, Edo de México. **Revista Associação Brasileira de Psiquiatria – Asociación Psiquiátrica de la América Latina**, São Paulo, v. 14, n. 4, p. 128-136, jan./fev. 1992.

BOURDIEU, P. **Razões práticas: sobre a teoria da ação**. Tradução Mariza Corrêa. Campinas: Papirus, 1996. 231 p.

_____. **Dinstinction**. Tradução R. Nice. Cambridge: Harvard University Press, 1984.

BRUSCHINI, C. Gênero e trabalho no Brasil. In: ROCHA, M. I. B. (Org.). **Trabalho e gênero: mudanças, permanências e desafios**. Campinas: ABEP, NEPO/UNICAMP e CEDEPLAR/UFMG; São Paulo: Ed. 34, 2000. p. 13-58.

_____. Teoria crítica da família. In: AZEVEDO, M. A.; GUERRA, V. N. A.(Orgs.). **Infância e violência doméstica: fronteiras do conhecimento**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 1997. p. 49-79.

BUSHMAN, B. J.; COOPER, H. M. Effects of alcohol on human aggression: an integrative research review. **Psychological Bulletin**, Washington, v. 107, n. 3, p. 341-354, May 1990.

CANARY, D. J.; STAFFORD, L. Relational maintenance strategies and equity in marriage. **Communication Monographs**, Falls Church, v. 59, p. 243-267, 1992.

CANDIDO, A. The brazilian family. In: SMITH, T. L.; MARCHANT, A. **Brazil**: a portrait of half a continent. Nova York: Drydan Press, 1951. cap. 13, p. 291-312.

CARDIA, N. **Pesquisa sobre atitudes, normas culturais e valores em relação a violência em 10 capitais brasileira**. Brasília: Ministério da Justiça, 1999. 118 p.

CARLINI, E. A; GALDURÓZ, J. C.; NOTO, A. R.; NAPPO, S. A. **I Levantamento domiciliar sobre o uso de drogas psicotrópicas no Brasil**: um estudo envolvendo as 107 maiores cidades do país: 2001. São Paulo: CEBRID/UNIFESP, 2002. 380 p.

CARVALHO, M. C. B. O lugar da família na política social. In: CARVALHO, M. C. B. (Org.). **A família contemporânea em debate**. 3. ed. São Paulo: EDUC/Cortez, 2000. p. 13-21.

CERVENY, C. M.; BERTHOUD, C. M. E. **Família e ciclo vital**: nossa realidade em pesquisa. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1997. 287 p.

CHAVES, A. M.; BOTELHO, A. C.; ANDARI, E.; SANTOS, M.; MARANHÃO, W. Representação social de família entre jovens estudantes de escolas públicas e particulares. **Estudos de Psicologia**, Natal, v. 10, n. 2, p. 9-20, 1993.

COHEN, S.; KAMARCK, T.; MERMELSTEIN, R. A global measure of perceived stress. **Journal of Health and Social Behavior**, Washington, v. 24, p. 385-396, 1983.

COSTA, A. C. L. A família e as drogas. In: BUCHER, R. (Org.). **Prevenção ao uso indevido de drogas**. Brasília: Universidade de Brasília, 1989. p. 77-86.

COSTA, J. F. **Ordem médica e norma familiar**. 4. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1999. 282 p.

CUCHE, D. **A noção de cultura nas ciências sociais**. Tradução Viviane Ribeiro. 2. ed. Bauru: EDUSC, 2002. 256 p.

DAINTON, M.; STAFFORD, L.; CANARY, D. J. Maintenance strategies and physical affection as predictor of love, linking, and satisfaction in marriage. **Communication Reports**, v. 7, p. 89-98, 1994.

DALY, K. J. Spending time with kids: meanings of family time for fathers. **Family Relations**, Malden, v. 45, n. 4, p. 466-476, Oct. 1996.

DAMATTA, R. For an anthropology of the Brazilian tradition, or “a virtude está no meio”. In: HESS, D. J.; DAMATTA, R. (Orgs.). **The Brazilian Puzzle**. New York: Columbia University Press, 1995. p. 270-291.

_____. A família como valor: considerações não-familiares sobre a família à brasileira. In: ALMEIDA, A. M. (Org.). **Pensando a família no Brasil**. Rio de Janeiro: Espaço e Tempo/UFRJ, 1987. p. 115-136.

_____. **A casa e a rua: espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil**. São Paulo: Brasiliense, 1985. 140 p.

D’ANDRADE, R. G. **The development of cognitive anthropology**. Cambridge: Cambridge University Press, 1995. 272 p.

_____. Cultural meaning systems. In: SCHWEDER, R.; LEVINE, R. (Orgs.). **Culture theory: essays on mind, self, and emotion**. Cambridge: Cambridge University Press, 1984. p. 88-119.

DEBERT, G. G. A família e as novas políticas sociais no contexto brasileiro. **Interseções**, Rio de Janeiro, v. 3, n. 2, p. 71-92, jul./dez. 2001.

DEBUS, M. **Manual para excelencia en la investigación mediante grupos focales**. Washington: Academy for Educational Development, 1994. 97 p.

DESSEN, M. A.; BRAZ, M. P. Rede social de apoio durante transições familiares decorrentes do nascimento de filhos. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, Brasília, v. 16, n.3, p. 221-231, set./dez. 2000.

DESSEN, M. A.; SILVA NETO, N. A. Questões de família e desenvolvimento e a prática de pesquisa. Editorial. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, Brasília, v. 16, n. 3, p. 191-292, set./dez. 2000.

DRESSLER, W. W. Using cultural consensus analysis to develop a measurement: a Brazilian example. **Cultural Anthropology Methods**, v. 8, n. 2, p. 6-8, Jun. 1996.

DRESSLER, W. W.; BALIEIRO, M. C.; DOS SANTOS, J. E. Culture, skin color, and arterial blood pressure in Brazil. **American Journal of Human Biology**, New York, v. 11, p. 49-59, 1999.

_____. Culture, socioeconomic status and physical and mental health in Brazil. **Medical Anthropology Quarterly**, Washington, v.12, n. 4, p. 424-446, 1998.

_____. The cultural construction of social support in Brazil: associations with health outcomes. **Culture, Medicine and Psychiatry**, Dordrecht, v. 21, p. 303-335, 1997.

DRESSLER, W. W.; BINDON J. R. The health consequences of cultural consonance. **American Anthropologist**, Washington, v. 102, n. 2, p. 244-260, 2000.

DRESSLER, W. W.; BINDON, J. R.; NEGGERS, Y. R. Culture, socioeconomic status, and coronary heart disease risk factors in an African American community. **Journal of Behavioral Medicine**, New York, v. 21, p. 527-544, 1998.

DRESSLER, W. W.; BORGES, C. D.; BALIEIRO, M. C.; DOS SANTOS, J. E. Measuring cultural consonance: examples with special reference to measurement theory in anthropology. **Field Methods**, Thousand Oaks, v. 17, In press.

DRESSLER, W. W.; DOS SANTOS, J. E. Social and cultural dimensions of hypertension in Brazil: a review. **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 16, n. 2, p. 303-315, Apr./Jun. 2000.

DRESSLER, W. W.; DOS SANTOS, J. E.; BALIEIRO, M. C. Studying diversity and sharing in culture: an example of lifestyle in Brazil. **Journal of Anthropological Research**, Albuquerque, v. 52, p. 331-353, 1996.

DURHAM, E. R. Família e reprodução humana. In: DUHAM, E. R., et al. **Perspectivas antropológicas da mulher**. 3. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1983. p. 15-42.

DURKHEIM, E. **As regras do método sociológico**. Tradução Maria Isaura Pereira de Queiroz. 4. ed. São Paulo: Nacional, 1966. 137 p.

EBY, K. Exploring the stressors of low-income women with abusive partners: understanding their needs and developing effective community responses. **Journal of Family Violence**, New York, v. 19, n. 4, p.221-232, aug., 2004.

FEILITZEN, C. V.; CARLSSON, U. **A criança e a mídia**: imagem, educação, participação. São Paulo: Cortez, 2002. 552 p.

FONSECA, C. Aliados e rivais na família: o conflito entre consangüíneos e afins em uma vila portoalegrense. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, v. 2, n. 4, p. 88-104, jun. 1987.

GALVÃO, J. B. **Violência intrafamiliar contra mães de crianças de uma creche municipal em São Paulo**. 99 f. Tese de Doutorado – Faculdade de Saúde Pública, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2002.

GARBARINO, J.; KOSTELNY, K.; DUBROW, N. What children can tell us about living in danger. **American Psychologist**, Washington, v. 46, n. 4, p. 376-383, Apr. 1991.

GLAT, R. O papel da família na integração do portador de deficiência. **Revista Brasileira de Educação Especial**, Piracicaba, v. 2, n. 4, p. 111-116, 1996.

GOMES, R. A violência enquanto agravo à saúde de meninas que vivem nas ruas. **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 10, p.156-167, 1994. Suplemento 1.

GOMIDE, P. I. C. Efeitos de filmes violentos em comportamento agressivo de crianças e adolescentes. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, Porto Alegre, v. 13, n. 1, p. 127-141, 2000.

GOMIDE, P. I.; BUSSADORI, D. J.; SABBAG, G. M.; BERRI, G. C.; FURTADO, M. S. A influencia da TV e dos estilos parentais nos horários de refeição das famílias. **Psicologia Argumento**, Curitiba, v. 21, n. 32, p. 27-35, jan. 2003.

GONÇALVES, A. M.; LUIS, M. V.; SENA, R. R. Doença mental e uso de drogas: dificuldades relatadas por cuidadoras em família. In: ENCONTRO DE PESQUISADORES EM SAÚDE MENTAL, 4.; ENCONTRO DE ESPECIALISTAS EM ENFERMAGEM PSIQUIÁTRICA, 5., 2000, Ribeirão Preto. **Resumos...** Ribeirão Preto: Universidade de São Paulo, 2000. p. 25.

GONZÁLEZ ARAYA, E.; GONZÁLEZ, T.; TOLEDO, V.; CHARATH, X.; MOLINA, C.; CARTES, R. Violación intra y extrafamiliar en adolescentes: variables personales y familiares seleccionadas. **Revista de la Sociedad Chilena de Obstetricia y Ginecología Infantil y de la Adolescencia**, Santiago, v. 4, n. 1, p. 13-21, 1997.

GRACIANO, M. I.; LEHFELD, N. A.; NEVES FILHO, A. Critérios para classificação sócio-econômica: elementos de atualização – Parte II. **Serviço Social & Realidade**, Franca, v. 5 n. 2, p. 171-201, 1996.

GRAY-RAY, P.; RAY, M. C. Juvenile delinquency in the black community. **Youth and Society**, Beverly Hills, v. 22, p. 67-84, 1990.

HENNINGEN, I.; GUARESCHI, N. M. F. A paternidade na contemporaneidade: um estudo de mídia sob a perspectiva dos estudos culturais. **Psicologia e Sociedade**, Porto Alegre, v. 14, n. 1, p. 44-68, jan./jun. 2002.

HILL, J.; FONAGY, P.; SAFIER, E.; SARGENT, J. The ecology of attachment in the family. **Family Process**, New York, v. 42, n. 2, p. 205-221, Jun. 2003.

HOLLAND, D.; QUINN, N. **Cultural models in language and thought**. Cambridge: Cambridge University Press, 1987. 400 p.

HUTZ, C. S.; KOLLER, S. H. Questões sobre o desenvolvimento de crianças em situação de rua. **Estudos de Psicologia**, Natal, v. 2, n. 1, p.175-197, 1996.

IERVOLINO, S. A.; PELICIONI, M. C. F. A utilização do grupo focal como metodologia qualitativa na promoção da saúde. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**, São Paulo, v. 35, n. 2, p. 115-121, jun. 2001.

JANESICK, V. The choreography of qualitative research design. In: DENZIN, N.; LINCOLN, Y. S. (Eds.). **Handbook of qualitative research**. 2nd. Thousand Oaks: Sage, 2000. p.379-399.

KARNEY, B. R.; BRADBURY, T. N. The longitudinal course of marital quality and stability: a review of theory, method, and research. **Psychological Bulletin**, Washington, v. 118, p. 3-34, Jul. 1995.

KEHL, M. R. Lugares do feminino e do masculino na família. In: COMPARATO, M. C. M.; MONTEIRO, D. S. (Orgs.). **A criança na contemporaneidade e a psicanálise: família e sociedade**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2001. cap. 2, p. 29-38.

KOLLER, S. H. Violência doméstica: uma visão ecológica. In: AMENCAR (Org.). **Violência doméstica**. Brasília: UNICEF, 1999. p.32-42.

KRUSKAL, J. B.; WISH, M. **Multidimensional scaling**. Beverly Hills: Sage, 1978. 93 p.

KUSCHICK, M.; REPPOLD, C.; DANI, D.; RAFFAELLI, M.; KOLLER, S. H. A visão dos meninos de rua sobre sua situação de vida. Apresentado na 15. **Reunião Anual da Sociedade Brasileira de Psicologia**, 1996, Ribeirão Preto.

LANGHOUT, R. D. Reconceptualizing quantitative and qualitative methods: a case study dealing with place as an exemplar. **American Journal of Community Psychology**, New York, v. 32, n.3/4, p. 229-244, Dec. 2003.

LEONE, E. T. Renda familiar e trabalho da mulher na região metropolitana de São Paulo nos anos 80 e 90. In: ROCHA, M. I. B. (Org.). **Trabalho e gênero: mudanças, permanências e desafios**. Campinas: ABEP, NEPO/UNICAMP e CEDEPLAR/UFMG; São Paulo: Ed. 34, 2000. p. 85-110.

LÉVI-STRAUSS, C. A família. In: SHAPIRO, H. L. (Org.). **Homem, cultura e sociedade**. Portugal: Fundo de Cultura, 1956. p. 308-333.

MADRIZ, E. Focus groups in feminist research. In: DENZIN, N.; LINCOLN, Y. S. (Eds.). **Handbook of qualitative research**. 2nd. Thousand Oaks: Sage, 2000. p. 835-850.

MAURÁS, M.; KAYAYAN, A. Apresentação. In: KALOUSTIAN, S. M. (Org.). **Família brasileira: a base de tudo**. São Paulo: Cortez; Brasília: Unicef, 1998. p. 9-10.

MCCUBBIN, H. I.; CAUBLE, A. E.; PATTERSON, J. M. Introduction. In: MCCUBBIN, H. I.; CAUBLE, A. E.; PATTERSON, J. M. (Eds.). **Family stress, coping and social support**. Springfield: Charles Thomas Publisher, 1982. p. 11-17.

MELLO, S. L. Família: perspectiva teórica e factual. In: CARVALHO, M. C. B. (Org.). **A família contemporânea em debate**. 3. ed. São Paulo: EDUC/Cortez, 2000. p. 51-60.

MENA, M.; ALCÁZAR, M.; ITURRIALDE, H.; FRITS, R.; RIPOLL, E.; BEDREGAL, P. Consumo de alcohol y familia: un estudio descriptivo en adolescentes. **Revista Médica de Chile**, Santiago, v. 124, n. 6, p. 749-755, jun.1996.

MENEGHEL, S. N.; GUIGLIANI, E. J.; FALCETO, O. Relação entre violência doméstica e agressividade na adolescência. **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 14, n. 2, p.327-335, abr./jun. 1998.

MENÉNDEZ, E. L.; DI PARDO, R. B. Violencias alcoholizadas y relaciones de género: estereotipos y negaciones. **Cuadernos Médico-Sociales**, Rosario, v. 79, p. 5-25, 2001.

MENEZES, T.; AMORIM, M.; SANTOS, L.; FAÚNDES, A. Violência física doméstica e gestação: resultados de um inquérito no puerpério. **Revista Brasileira de Ginecologia e Obstetrícia**, Rio de Janeiro, v. 25, n. 5, p. 309-316, jun. 2003.

MINAYO, M. C. S. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em saúde**. 2. ed. São Paulo: Hucitec; Rio de Janeiro: Abrasco, 1993. 269 p.

MINAYO, M. C. S.; DESLANDES, S. F. A complexidade das relações entre drogas, álcool e violência. **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 14, n. 1, p.35-42, jan./mar., 1998.

MOSCOVICI, F. **Desenvolvimento interpessoal**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1996.

MUNRO, B. H. Differences among group means: one-way analysis of variance. In: _____. **Statistical methods for health care research**. 4. ed. Philadelphia: Lippincott, 2001. cap. 6, p. 137-159.

NASCIMENTO, E. C.; JUSTO, J. S. Vidas errantes e alcoolismo: uma questão social. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, Porto Alegre, v. 13, n. 3, p. 529-538, 2000.

NEDER, G. Ajustando o foco das lentes: um novo olhar sobre a organização das famílias no Brasil. In: KALOUSTIAN, S. M. (Org.). **Família brasileira: a base de tudo**. São Paulo: Cortez; Brasília: Unicef, 1998. p. 26-46.

O'DONNELL, L.; O'DONNELL, C.; WARDLAW, D. M.; STUEVE, A. Risk and resiliency factors influencing suicidality among urban African American and latino youth. **American journal of community psychology**, New York, v. 33, n.1/2, p.37-49, Mar. 2004.

OSORIO, L. C. Processos obstrutivos nos sistemas sociais, nos grupos e nas instituições. In: ZIMMERMAN, D. E., et al. **Como trabalhamos com grupos**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997. p. 69-74.

PARTRIDGE, S.; KOTLER, T. Self-esteem and adjustment in adolescents from bereaved, divorced, and intact families: family type versus family environment. **Australian Journal of Psychology**, Melbourne, v. 39, p. 223-234, 1987.

PAULA, R. F. Fatores predisponentes para a violência física contra esposas. **Neurobiologia**, Recife, v. 58, n. 2, p. 57-64, abr./jun. 1995.

PEREIRA, J.C.R. **Análise de dados qualitativos**: estratégias metodológicas para as ciências da saúde, humanas e sociais. 3. ed. São Paulo: EDUSP, 2001. 157 p.

PERES, V. L. A. **Família de crianças em situação de rua**: modos de vida, relacionamento familiar e práticas educativas. Dissertação de Mestrado – Faculdade de Educação, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 1997.

PERLMAN, J. E. **O mito da marginalidade**: favelas e política no Rio de Janeiro. Tradução Waldivia M. Portinho. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977. 377 p.

PUCCI, S. R. P. Conflitos, normas, coesão e moral nos grupos. **Psicologia Argumento**, Curitiba, v. 18, n. 27, p. 123-134, out. 2000.

RIBEIRO, M. A.; FERRIANI, M. G. C.; REIS, J. N. Violência sexual contra crianças e adolescentes: características relativas à vitimização nas relações familiares. **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 20, n. 2, p. 456-464, mar./abr. 2004.

RICHTER, H. **A família como paciente**: a origem, a natureza e o tratamento de conflitos conjugais e familiares. Tradução Margarida M. C. Oliva. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1990. 165 p.

RIEHL-EMDE, A.; THOMAS, V.; WILLI, J. Love: an important dimension in marital research and therapy. **Family Process**, New York, v. 42, n. 2, p. 253-267, Jun. 2003.

RODRÍGUEZ, F.; COLOMBO, C.; PACCIONE, S.; LA FONT, L.; VIVAS, J.; VITERI, Y.; DÍAZ, J.; MERCHÁN, J.; LÓPEZ, V.; LIUZZI, F.; HIGUEREY, J.; CASTELLANOS, O. Factores demográficos y psicosociales asociados a pacientes agredidos. **Revista Venezolana de Cirugia**, Caracas, v. 51, n. 1/2, p. 14-29, ene./jun. 1998.

ROMANELLI, G. Autoridade e poder na família. In: CARVALHO, M. C. B. (Org.). **A família contemporânea em debate**. 3. ed. São Paulo: EDUC/Cortez, 2000. p. 73-88.

ROMANELLI, G. Famílias de classes populares: socialização e identidade masculina. **Cadernos de Pesquisa-NEP**, Campinas, v. 3, n.1/2, p. 25-34, 1997.

ROMANELLI, G. **Famílias de camadas médias**: a trajetória da modernidade. 363 f. Tese de Doutorado – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1986.

ROMNEY, A. K.; MOORE, C. C. Toward a theory of culture as shared cognitive structures. **Ethos**, Berkeley, v. 26, p. 314-337, 1998.

ROMNEY, A. K.; WELLER, S. C.; BATCHELDER, W. H. Culture as consensus: a theory of culture and informant accuracy. **American Anthropologist**, Washington, v. 88, n. 2, p. 313-338, Jun. 1986.

RYAN, G.; BERNARD, R. Data management and analysis methods. In: DENZIN, N.; LINCOLN, Y. S. (Eds.). **Handbook of qualitative research**. 2nd. Thousand Oaks: Sage, 2000. p. 769-802.

SAGGESE, E.; LEITE, L. C. Saúde mental na adolescência: um olhar sobre a reabilitação psicossocial. In: SCHOR, N.; MOTA, M. S.; BRANCO, V. C. (Orgs.). **Cadernos juventude, saúde e desenvolvimento**. Brasília: Ministério da Saúde, 1999. p. 197-205.

SALEM, D. A.; ZIMMERMAN, M. A.; NOTARO, P. C. Effects of family structure, family process, and father involvement on psychosocial outcomes among African American adolescents. **Family Relations**, Malden, v. 47, n. 4, p. 331-341, Oct. 1998.

SANCHEZ, Z. V.; OLIVEIRA, L. G.; NAPPO, S. A. Fatores protetores de adolescentes contra o uso de drogas com ênfase na religiosidade. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 9, n. 1, p. 43-55, 2004.

SANTOS, M. C.; CALDANA, R. H.; BIASOLI-ALVES, Z. M. O papel masculino dos anos quarenta aos noventa: transformações no ideário. **Paidéia: Cadernos de Psicologia e Educação**, Ribeirão Preto, v. 11, n. 20, p. 57-68, 2001.

SÃO PAULO. Fundação Sistema Estadual de Análise de Dados. **Perfil municipal de Ribeirão Preto**. São Paulo, 2004. Disponível em: <fonte [http:// www.seade.gov.br/perfil](http://www.seade.gov.br/perfil)>. Acesso em: 03 dez. 2004.

SARACENO, C. **Sociologia da família**. Tradução M. F. Gonçalves de Azevedo. Lisboa: Editorial Estampa, 1997. 253 p.

SARTI, C. A. O valor da família para os pobres. In: RIBEIRO, I.; RIBEIRO, A. C. T. (Orgs.). **Família em processos contemporâneos: inovações culturais na sociedade brasileira**. São Paulo: Loyola, 1995. p. 131-150.

SAVOIA, M. G. Instrumentos para avaliação de eventos vitais e de estratégias de enfrentamento (*coping*) em situações de estresse. In: GORENSTEIN, C.; ANDRADE, L. H.; ZUARDI, A. W. (Orgs.). **Escalas de avaliação clínica em psiquiatria e psicofarmacologia**. São Paulo: Lemos-Editorial, 2000. cap. 39, p. 377-386.

SCHENKER, M.; MINAYO, M. C. S. A importância da família no tratamento do uso abusivo de drogas: uma revisão da literatura. **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 20, n. 3, p. 649-659, maio/jun. 2004.

_____. A implicação da família no uso abusivo de drogas: uma revisão crítica. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 8, n. 1, p. 299-306, 2003.

SCHEPER-HUGHES, N. **Death without weeping: the violence of everyday life in Brazil**. Berkeley: University of California Press, 1992. 614 p.

SHORE, B. **Culture in mind: cognition, culture and the problem of meaning**. New York: Oxford University Press, 1996.

SILVA, I. V. Violência contra mulheres: a experiência de usuárias de um serviço de urgência e emergência de Salvador, Bahia, Brasil. **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 19, p.263-277, 2003. Suplemento 2.

SILVA, R.C. A falsa dicotomia qualitativo-quantitativo: paradigmas que informam nossas práticas de pesquisas. In: ROMANELLI, G.; BIASOLI-ALVES, Z. M. M. (Orgs.). **Diálogos metodológicos sobre prática de pesquisa**. Ribeirão Preto: Legis Summa, 1998. p.159-174.

SILVEIRA, D. X.; JORGE, M. R. Escala de rastreamento populacional para depressão (CES-D) em populações clínicas e não-clínicas de adolescentes e adultos jovens. In: GORENSTEIN, C.; ANDRADE, L. H.; ZUARDI, A. W. (Orgs.). **Escalas de avaliação clínica em psiquiatria e psicofarmacologia**. São Paulo: Lemos-Editorial, 2000. cap. 14, p. 125-135.

SOUZA, L. M. Conclusão. In: SOUZA, L. M. (Org.). **História da vida privada no Brasil: cotidiano e vida privada na América Portuguesa**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997. v.1, p. 439-445.

SPRECHER, S.; METTS, S.; BURLESON, B.; HATFIELD, E.; THOMPSON, A. Domains of expressive interaction in intimate relationship: associations with satisfaction and commitment. **Family Relations**, Malden, v. 44, n. 2, p. 203-210, Apr. 1995.

STRASBURGER, V. C. **Os adolescentes e a mídia**: impacto psicológico. Porto Alegre: Artmed, 1999. 158 p.

STRAUSS, C.; QUINN, N. **A cognitive theory of cultural meaning**. Cambridge: Cambridge University Press, 1997. 323 p.

SWARTZ, M. J. Cultural sharing and cultural theory: some findings of a five-society study. **American Anthropologist**, Washington, v. 84, n. 2, p. 314-338, Jun. 1982.

TFOUNI, L. V.; MORAES, J. A família narrada por crianças e adolescentes de rua: a ficção como suporte do desejo. **Psicologia USP**, São Paulo, v. 14, n. 1, p. 65-84, 2003.

TRIGO, M. H. B. Amor e casamento no século XX. In: D'INCÃO, M. H. et al. **Amor e família no Brasil**. São Paulo: Contexto, 1989. cap. 5, p. 88-94.

TRINDADE, Z. A.; ANDRADE, C. A.; SOUZA, J. Q. Papéis parentais e representações da paternidade: a perspectiva do pai. **Psico**, Porto Alegre, v. 28, n. 1, p. 207-222, 1997.

TRIOLA, M. F. **Introdução à estatística**. Tradução Alfredo Alves de Farias. 7. ed. Rio de Janeiro: LTC, 1999. 410 p.

UNGAR, M. The importance of parents and the other caregivers to resiliense of high-risk adolescents. **Family Process**, New York, v. 43, n. 1, p.23-41, Mar. 2004.

VALDEZ ROJAS, J.; LIMA, A.; MOREJÓN, E.; SÁNCHEZ, M.; DIANEZ, R.; RODRÍGUEZ, D. Violencia intrafamiliar. **Revista Cubana de Medicina General Integral**, Habana, v. 18, n. 4, p. 248-250, jul./ago. 2002.

VILA NOVA, S. **Introdução à sociologia**. 2. ed. São Paulo: Atlas, 1992. 184 p.

VOLLING, B. L.; NOTARO, P. C.; LARSEN, J. J. Adult attachment styles: relations with emotional well-being, marriage, and parenting. **Family Relations**, Malden, v. 47, n. 4, p. 355-367, Oct. 1998.

YOUNGSTROM, E.; WEIST, M. D.; ALBUS, K. E. Exploring violence exposure, stress, protective factors and behavioral problems among inner-city youth. **American Journal of Community Psychology**, New York, v. 32, n.1/2, p.35-53, Sep. 2003.

WAGNER, A.; FALCKE, D.; SILVEIRA, L. M.; MOSMANN, C. P. A comunicação em famílias com filhos adolescentes. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 7, n. 1, p. 75-80, jan./jun. 2002.

WAGNER, A.; FERREIRA, V. S.; RODRIGUES, M. I. Estratégias educativas: uma perspectiva entre pais e filhos. **Psicologia Argumento**, Curitiba, v. 16, n. 23, Out.1998.

WAGNER, A.; PREDEBON, J.; FALCKE, D.; DOTTA, R.; GARCIA, I. Comunicação familiar: uma experiência com adolescentes em grupos focais. **Psico**, Porto Alegre, v. 33, n. 1, p. 137-150, jan./jun. 2002

WELLER, S. C.; ROMNEY, A. K. **Systematic data collection**. Newbury Park: Sage, 1988. (Qualitative Research Methods Series, v. 10).

WESTPHAL, M. F.; BÓGUS, C. M.; FARIA, M. M. Grupos focais: experiências precursoras em programas educativos em saúde no Brasil. **Boletín de la Oficina Sanitaria Panamericana**, Washington, v. 120, n. 6, p. 472-482, 1996.

GLOSSÁRIO

Consenso cultural: refere-se ao modo em que um modelo cultural é compartilhado e valorado pelos indivíduos.

Consonância cultural: refere-se ao grau com que o indivíduo, em seu próprio comportamento ou crença, se aproxima do modelo cultural compartilhado em um específico domínio cultural.

APÊNDICES

APÊNDICE A – Descrição dos Projetos PRECAVAS, SEPA e CADI

A construção de uma abordagem teórico-metodológica – os Projetos PRECAVAS, SEPA e CADI

Consideramos importante apresentar os antecedentes do presente estudo o Projeto PRECAVAS e SEPA com o intuito de situar o leitor em relação ao referencial metodológico.

O Projeto PRECAVAS

O projeto “*Prevention of Cardiovascular Disease in Developing Countries*”, denominado por PRECAVAS, teve início em 1984 com o intuito de formular correlações biológicas e psicológicas com a pressão sangüínea nos habitantes de Ribeirão Preto. O investigador principal do projeto foi Fernando Viteri que teve como colaboradores William W. Dressler, José Ernesto dos Santos, Adolfo Chaves e Grell Gerald. Nesse projeto investigou-se que efeitos as mudanças socioculturais no Brasil poderiam estar afetando a saúde, a respeito do risco de doenças cardiovasculares. Foram então estudados quatro grupos populacionais amostrados: um grupo de trabalhadores ruralistas diaristas, um grupo de trabalhadores rurais com emprego estável, trabalhadores de uma fábrica e empregados de um banco (n=125). Os participantes eram entrevistados primeiro quanto ao seu estilo de vida, suporte social e condição econômica. Entrevistas subsequentes estudaram os hábitos alimentares diários e em uma última entrevista obtiveram-se dados sobre a composição corporal, histórico médico e pressão sangüínea.

A incongruência no estilo de vida foi medida comparando a posição individual em termos de aquisição de cerca de 30 diferentes itens (incluindo bens materiais como sistemas

de som estéreo e carros, assim como comportamentos como ir ao cinema e viajar) com sua posição socioeconômica (baseada em ocupação e renda). Se o estilo de vida excedia a posição socioeconômica, isto era considerado incongruência no estilo de vida. O apoio social foi medido perguntando-se aos entrevistados a quem eles poderiam recorrer em caso de dificuldades. O agente estressante, incongruência no estilo de vida, é associado com elevação da pressão sanguínea somente em pessoas com suporte social inferior; entre as pessoas com alto suporte social, o agente estressante basicamente não tem efeito. O padrão de associações é independente de idade, sexo, índice de massa corporal e ingestão de sódio, potássio, gorduras totais, gorduras saturadas e álcool na dieta. Observou-se um padrão específico de alimentação que contribuiu ao risco de alta pressão arterial quanto de hiperlipidemia. Este padrão incluiu a combinação de uma elevada ingestão de gorduras saturadas, e uma baixa ingestão de gorduras polissaturadas.

Esse estudo preliminar realizado em Ribeirão Preto sugeriu que os fatores sociais poderiam ser importantes para a etiologia da hipertensão nessa comunidade. Um estudo subsequente foi efetuado para abordar algumas imperfeições do primeiro projeto.

O Projeto SEPA

O projeto “*Social Environment and Physiologic Adaptation*”, denominado SEPA, foi desenvolvido em Ribeirão Preto, no Brasil, no período de 1991 a 1994 e teve financiamento da *National Science Foundation*. Seu investigador principal foi William W. Dressler e o co-investigador José Ernesto dos Santos.

Empregou-se uma amostra maior e mais representativa (n=304) do que no primeiro projeto. Utilizaram-se na amostragem, ao invés de grupos ocupacionais, áreas da cidade avaliadas como representativas de diferentes níveis socioeconômicos, incluindo uma favela,

um conjunto habitacional, um bairro de classe média tradicional e um bairro de classe média alta. Para aprimorar algumas das imperfeições conceituais e metodológicas do primeiro estudo, utilizaram-se inovações em teoria e método antropológicos. Em formulações originais do modelo de estresse, o conceito de cultura era essencialmente ignorado. Assumia-se que os estímulos importantes que geram a resposta de estresse e os importantes recursos que são usados para enfrentar aqueles estímulos, são todos definidos (ou percebidos como importantes) pelos indivíduos. Todavia, a pesquisa antropológica mostra claramente que a maior parte do que é realmente valorizado pelas pessoas é valorizado por causa de seu significado coletivo ou compartilhado, isto é, seu significado cultural. Portanto, os mais importantes agentes estressantes que afetam as pessoas, assim como os recursos mais importantes para lidar com esses agentes, devem ser aqueles que envolvem fatores que são convencionalmente ou culturalmente definidos como importantes.

Esta perspectiva ajudou a interpretar os achados do primeiro estudo. As dificuldades em atingir e manter um particular estilo de vida são importantes porque um estilo de vida em particular é culturalmente definido como um desejado modo de vida. Semelhantemente, apoio de tipos particulares de pessoas pode ser especificamente importante para lidar com os estresses porque aquelas pessoas são culturalmente definidas como importantes.

Por conseguinte, examinou-se especificamente essas questões empregando o modelo de consenso cultural. Este procedimento é uma maneira metodologicamente rigorosa de testar se as pessoas compartilham a mesma compreensão e as mesmas idéias a respeito de algum fenômeno. Utilizou-se a análise de consenso cultural para explicitamente testar modelos culturais compartilhados de “estilo de vida” e de “suporte social”. Nesses modelos culturais (estilo de vida e suporte social) foi explicitamente testada a diversidade intracultural e foi encontrado um consenso cultural que se estendia pelos quatro grupos socioeconômicos amostrados (DRESSLER; DOS SANTOS; BALIEIRO, 1996).

A consonância cultural foi calculada com uma amostra de 250 indivíduos. “Consonância cultural no estilo de vida” e “consonância cultural em suporte social” foram mensuradas através do cálculo da similaridade entre os auto-relatos dos indivíduos da amostra e as respostas culturalmente apropriadas derivadas da análise de consenso cultural. Essas medidas de consonância cultural foram então examinadas em associação com medidas do resultado adaptativo, incluindo pressão arterial e sintomas de depressão. Foi verificado que aqueles indivíduos que estão mais próximos dos modelos culturais de cada domínio mediante seu próprio relato de seu comportamento também apresentaram uma pressão sangüínea menor e relataram menos sintomas de depressão. Essas associações foram estatisticamente independentes de uma grande variedade de covariantes, incluindo idade, sexo, obesidade, dieta, *status* socioeconômico e estressores psicológicos.

O modelo de estilo de vida, ao contrário do que se esperava, foi o de um modesto conforto doméstico, em oposição ao consumo exagerado. O modelo de suporte social enfatizou o suporte recebido da família como o mais importante, seguido pelo apoio dos amigos e vizinhos (o que é consistente com análises antropológicas da sociedade brasileira).

Foram encontrados efeitos de interação significante entre consonância cultural no estilo de vida e estresse percebido (DRESSLER; SANTOS, 2000) e entre consonância cultural no estilo de vida e cor de pele (DRESSLER; BALIEIRO; SANTOS, 1999) em relação à pressão sangüínea. Desse modo, uma baixa consonância cultural aumenta a magnitude da associação entre estresse percebido e pressão sangüínea, assim como cor de pele e pressão sangüínea; inversamente essas associações são moderadas sob condições de uma alta consonância cultural. A magnitude dessas associações, após o controle de variáveis relevantes é substancial. Uma alta consonância cultural em suporte social é associada com uma pressão sangüínea sistólica média de quase 10 mm Hg abaixo do que com pessoas com uma baixa consonância cultural em suporte social. Brasileiros de pele escura com alta

consonância cultural no estilo de vida (definido como + 1 desvio-padrão) tem a média de pressão sangüínea sistólica de 16 mm Hg mais baixa do que brasileiros de pele escura com baixa (- 1 desvio-padrão) consonância cultural em estilo de vida, a diferença correspondente para brasileiros de pele clara é 6 mm Hg. Baixa consonância cultural em suporte social é associada com o aumento de 13% de sintomas depressivos e com uma pressão sangüínea média de quase 10 mm Hg mais alta do que em pessoas com alta consonância cultural.

O estudo de Dressler e Bindon (2000) mostrou que a consonância cultural é importante na associação com os resultados adaptativos. Descobriu-se que a competência cultural num domínio cultural específico *per se*, não está relacionada a resultados psicológicos e fisiológicos.

Os resultados globais desta pesquisa podem ser resumidos da seguinte maneira: quanto maior a proximidade do comportamento de cada indivíduo com as expectativas compartilhadas dos indivíduos locais desses domínios culturais, melhor será sua adaptação física e psicológica.

Esses resultados sugerem que no mínimo parte da associação da posição social e do resultado adaptativo é mediada pela habilidade relativa dos indivíduos em agir sobre as expectativas compartilhadas de sua cultura a respeito dessas posições.

E mais, a consonância cultural modera a associação dos fatores sociais e psicológicos do indivíduo com a adaptação individual. Essas associações não são afetadas quando se ajustam covariantes potenciais (como dieta, composição corporal e variáveis demográficas).

O projeto CADI

O projeto “Cultura e Adaptação Individual”, denominado por CADI, foi desenvolvido de 2001 a 2004 em Ribeirão Preto. O investigador principal do projeto foi o Prof. Dr. William

W. Dressler, do Departamento de Antropologia da *University of Alabama* e o co-investigador principal foi o Prof. Dr. José Ernesto dos Santos, da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo. Esse projeto teve o suporte da *National Science Foundation* (USA), onde está registrado sob o nº BCS-0091903.

O objetivo deste projeto foi o de examinar a relação entre os vários fatores que poderiam contribuir ao risco de doenças cardiovasculares, especialmente pressão arterial e lipídemia. Os fatores analisados incluíram: fatores sociais e culturais que poderiam aumentar o estresse na vida de uma pessoa e fatores de alimentação que poderiam favorecer o desenvolvimento de obesidade e criar padrões mais suscetíveis ao desenvolvimento de hiperlipidemias. Os objetivos específicos eram: 1. refinar a concepção e a mensuração da consonância cultural; 2. aprimorar a medida de consonância cultural no estilo de vida e suporte social; 3. ampliar as medidas de consonância cultural estudadas com escalas sobre a vida familiar e identidade do brasileiro; 4. aprimorar as medidas de fatores dietéticos; e 5. examinar as interações específicas entre consonância cultural e fatores psicológicos correlacionados com a adaptação individual. Desse modo, o projeto CADI objetivava estender e ampliar os achados dos dois projetos anteriores.

Nessa pesquisa foram investigados os domínios culturais de suporte social, estilo de vida, vida familiar e identidade do brasileiro.

Os novos domínios culturais incorporados no projeto o foram devido a sua importância na população brasileira. É provável que as dimensões culturais importantes variem de uma sociedade para outra, assim evidências etnográficas são importantes nesta consideração. Dados etnográficos podem ser usados para nortear a seleção de domínios culturais particulares que podem definir o espaço cultural pertinente para aquela sociedade. Antropólogos simbólicos/interpretativos que escreveram sobre o Brasil enfatizam alguns temas para caracterizar a cultura brasileira. Um destes é a natureza hierárquica das relações

sociais, que raramente aparecem abertamente na interação social, mas permanecem sob a superfície (DAMATTA, 1995). Um segundo tema é a forte ênfase colocada sobre as relações de parentesco, especialmente aquelas formadas pelos laços das famílias nucleares através das gerações e da colateralidade (DAMATTA, 1985).

Os domínios investigados até este momento no Brasil – estilo de vida e suporte social – representam uma amostra parcial desses temas em termos de relações sociais hierárquicas, mas eles provavelmente o fazem de maneira incompleta, a medida de consonância cultural obtida em suporte social não elabora suficientemente a gama de relacionamentos de parentesco e não parentesco, nas quais as pessoas podem confiar, especialmente com respeito às relações familiares. Similarmente, em termos da distinção adquirida na hierarquia social, os itens que medem a consonância cultural no estilo de vida são incompletos. Isso não significa que essas medidas devam ser abandonadas; antes, elas devem ser expandidas e acrescentadas com uma amostragem completa desses e de outros domínios culturais.

O delineamento do projeto CADI foi bastante similar ao do projeto SEPA. Há uma descrição completa da metodologia empregada neste projeto a seguir no item Método. Esta pesquisa utilizou inovações na teoria de modelos culturais (SHORE, 1996; STRAUSS; QUINN, 1997) associada a um procedimento metodológico para identificar o consenso cultural (ROMNEY; WELLER; BATCHELDER, 1986) e inovações recentes na teoria e método da inter-relação de consenso cultural e adaptação individual (DRESSLER, 1996; DRESSLER; BALIEIRO; DOS SANTOS 1997, 1998, 1999; DRESSLER; BINDON, 2000; DRESSLER; DOS SANTOS; BALIEIRO, 1996; DRESSLER; SANTOS 2000).

Essas influências culturais foram examinadas em interação com fatores socio-psicológicos e em contraste com as influências na dieta.

APÊNDICE B – Descrição das etapas do Projeto CADI

Etapas do Projeto CADI

O Projeto CADI foi desenvolvido em três etapas que estão descritas a seguir.

Etapa 1

Esta etapa correspondeu à fase de construção dos instrumentos utilizados no estudo de consenso cultural e da consonância cultural; sendo que os dados também permitiriam a identificação de modelos culturais.

Nesse momento objetivou-se obter os domínios culturais relevantes para a adaptação individual. Esses domínios incluíram as crenças compartilhadas sobre suporte social, estilo de vida, vida familiar e identidade cultural do brasileiro.

Ao final da aplicação dos procedimentos, foram elaborados instrumentos que permitem medir o consenso cultural nos domínios culturais estudados. Esses instrumentos foram reunidos em um único instrumento, designado por Entrevista de Consenso Cultural que foi empregado na *Etapa 2*.

Foram também construídas escalas acerca dos domínios culturais estudados, que pudessem medir a consonância cultural dos sujeitos. Essas escalas integram o Questionário Sociocultural (ANEXO H), que foi utilizado na *Etapa 3*. Uma descrição da composição desse Questionário será oferecida posteriormente, no item *Etapa 3*.

Etapa 2

Esta etapa correspondeu à coleta de dados que visava a estimativa do consenso cultural dos seguintes domínios culturais: suporte social, estilo de vida, vida familiar e identidade cultural do brasileiro.

Esses dados, somados com os dados obtidos na *Etapa 1*, possibilitariam a análise de modelos culturais acerca dos domínios culturais relacionados acima. O instrumento utilizado nessa etapa foi a Entrevista de Consenso Cultural, que consiste em um roteiro estruturado.

Etapa 3

Esta etapa correspondeu a um levantamento realizado sobre dados de adaptação psicobiológica individual, constituído de um auto-relato de comportamentos e crenças relevantes para os domínios culturais estipulados, estressores sociais e psicológicos, dieta, composição corporal e variáveis demográficas.

Esses dados foram coletados a partir de um Questionário Sociocultural (ANEXO H), que é composto das seguintes partes: dados gerais sobre a composição familiar e grau de escolaridade, uma escala sobre religião, questões acerca dos bens de consumo possuídos pela família, uma escala sobre atividades do tempo livre, um quadro sobre suporte social, uma escala de *Locus* de Controle (DRESSLER; BALIEIRO; SANTOS, 1998), uma Escala sobre Estresse Percebido (COHEN; KARMACK; MERMELSTEIN, 1983), a Escala de Depressão CES-D (SILVEIRA; JORGE, 2000), uma escala sobre a Vida Familiar, uma escala sobre características nacionais e uma escala sobre Atitudes e Opiniões relativas às características nacionais.

Os dados sobre dieta foram obtidos a partir de dois recordatórios alimentares de 24 horas: um recordatório da alimentação de um dia da semana (entre segunda-feira e sexta-

feira), e outro recordatório de um dia do final de semana. Aplicaram-se ainda, dois questionários: o primeiro sobre a frequência de consumo de determinados alimentos e o segundo sobre critérios de escolha dos alimentos.

Quanto à composição corporal, os dados foram obtidos a partir de um pequeno inquérito contendo questões básicas a respeito da saúde geral do participante, complementado pela mensuração do peso, da estatura, da circunferência abdominal e da pressão sangüínea. Coletou-se uma amostra de sangue do sujeito, na qual foram analisados o nível de colesterol e de triglicérides.

Foram realizados ao final da etapa 5 grupos focais e 20 entrevistas individuais, que tiveram como temática os domínios culturais investigados, a saber: vida familiar, identidade nacional, suporte social, estilo de vida e alimentação.

**APÊNDICE C – Instruções utilizadas nos procedimentos de Lista Livre,
Agrupamento Livre e Entrevista de Consenso Cultural**

Roteiro de entrevista da Lista livre

1. “Pense em duas famílias que você conhece e que têm características que você admira. Que características são essas?”
2. “Pense em duas famílias que você conhece e que têm características que você admira. Que características são essas?”

Roteiro de entrevista dos Agrupamentos Livres e instrução da aplicação

No primeiro Agrupamento Livre foi utilizada a seguinte instrução: “Tenho aqui alguns cartões que têm nomes de diferentes características ou qualidades de famílias aqui no Brasil. Por favor, agrupe estes cartões em grupos das características/qualidades similares. Você pode fazer quantos grupos quiser. É importante lembrar que não há respostas corretas ou respostas erradas neste agrupamento. Não é um teste. Eu só quero saber o que você pensa sobre as semelhanças e as diferenças entre as características/qualidades.”

Entregava-se então 24 cartões ao sujeito, cada um com uma característica. Após o sujeito agrupar as características, o entrevistador perguntava: “Bem, neste grupo você tem ‘____’, ‘____’, ‘____’... Por que você combinou essas características?”

O entrevistador anotava os agrupamentos e os critérios utilizados pelo sujeito para constituí-los.

No segundo Agrupamento Livre foi utilizada a seguinte instrução: “Tenho aqui cartões com qualidades diferentes que podemos encontrar nas famílias. Por favor, divida estes cartões

em dois grupos: um grupo de qualidades boas das famílias e um grupo de qualidades ruins das famílias.”

Entrevaga-se então 24 cartões ao sujeito, cada um com uma característica. Após a divisão feita pelo sujeito, dava-se a seguinte instrução: “Agora dentro de cada grupo divida as características em subgrupos. Não há grupos corretos ou incorretos. Só estou interessado nas suas idéias sobre os agrupamentos nos subgrupos.”

Roteiro de entrevista e instrução da aplicação da Entrevista de Consenso Cultural

Este procedimento foi utilizado para ordenar as características positivas e negativas. Foi aplicada a seguinte instrução:

“Aqui temos cartões com características boas e ruins que podemos encontrar nas famílias. Por favor, coloque em ordem essas características, começando com a característica mais importante para se ter na família e acabando com a característica menos importante para se ter na família.” Entregavam-se 13 cartões contendo as características positivas e negativas. Depois que o sujeito estabelecia o ranking, o entrevistador anotava suas respostas.

Características da Entrevista de Consenso cultural

As características apresentadas foram: amor, compreensão, bom relacionamento, se ajudam, família trabalhadora, família organizada, uma família com firmeza, família alegre, família com diálogo, fazem críticas, uma família que briga, desrespeito e egoísmo.

APÊNDICE D – Estudo da Confiabilidade da Escala da Consonância Cultural da Vida Familiar

Estudo da Confiabilidade da Escala da Vida Familiar

Para avaliar a confiabilidade da Escala da Vida Familiar, a equipe do Projeto CADI aplicou-a no Levantamento Domiciliar descrito no **módulo 3**. Neste levantamento foram entrevistadas 271 pessoas, sendo que deste total sorteou-se aleatoriamente 135 para que fossem examinados os atributos da escala e os 136 sujeitos restantes foram utilizados no estudo da consonância cultural.

Inicialmente será apresentada uma caracterização da amostra utilizada no estudo da confiabilidade, em seguida será explicitado como foram tratados os dados para ao final apresentar os resultados obtidos.

Caracterização da amostra

A Tabela 1 apresenta uma caracterização do perfil sócio-demográfico da amostra que foi empregada para a análise da confiabilidade da escala.

Tabela 1 - Caracterização dos participantes do estudo da confiabilidade da escala, segundo as variáveis sócio-demográficas: sítio, sexo, faixa etária e estado civil em termos de frequência absoluta, percentual simples e acumulada

Variável	Categorias	<i>f</i>	<i>f</i> %	<i>f</i> % Acumulada
Sítio	Maria Casagrande	27	20.0	20.0
	José Sampaio	37	27.4	47.4
	Vila Tibério	39	28.9	76.3
	Jardim Recreio	32	23.7	100.0
Sexo	Feminino	81	60.0	60.0
	Masculino	54	40.0	100.0
Faixa etária	21 a 30 anos	28	20.7	20.7
	31 a 40 anos	34	25.2	45.9
	41 a 50 anos	34	25.2	71.1
	51 a 60 anos	28	20.7	91.8
	61 a 65 anos	11	8.2	100.0
Estado Civil	Solteiro	23	17.0	17.0
	Amasiado	10	7.4	24.4
	Casado	86	63.7	88.1
	Divorciado	9	6.7	94.8
	Viúvo	7	5.2	100.0

Os participantes do estudo foram distribuídos entre os quatro sítios, tendo uma maior participação dos moradores da Vila Tibério. Quanto ao sexo e ao estado civil, houve respectivamente uma maior participação feminina e de pessoas casadas. E em termos da faixa etária, há uma maior concentração dos participantes que pertencem à faixa etária de 21 a 50 anos (50.4%), mas pode-se observar uma distribuição relativamente uniforme nas outras faixas etárias.

Serão apresentados a seguir (Tabelas 2 e 3) os dados relativos ao nível educacional e renda familiar em função dos quatro sítios estudados, que permitem um maior detalhamento das informações fornecidas.

Tabela 2 - Distribuição dos sujeitos, em termos de frequência absoluta e percentual, em função do nível de escolaridade dos sujeitos, segundo o bairro de procedência

Sítio	Maria		José		Vila		Jardim		Total	
	Casagrande		Sampaio		Tibério		Recreio			
Escolaridade*	f	%	f	%	f	%	f	%	f	%
Nunca frequentou	2	7.4	—	—	2	5.1	—	—	4	3.0
Ensino Fundamental	23	85.2	17	46.0	11	28.2	1	3.1	52	38.5
Ensino Médio	2	7.4	14	37.8	14	35.9	5	15.6	35	25.9
Ensino Superior	—	—	6	16.2	12	30.8	26	81.3	44	32.6
Total	27	100.0	37	100.0	39	100.0	32	100.0	135	100.0

* Inclui escolaridade incompleta.

Observa-se que do sítio Maria Casagrande ao Jardim Recreio há um aumento gradual do acesso dos sujeitos a níveis mais elevados de escolaridade. Enquanto no Maria Casagrande há uma preponderância dos sujeitos que possuem o ensino fundamental completo e incompleto no Jardim Recreio há uma maior concentração de sujeitos com nível superior de escolaridade.

A Tabela 3, apresentada a seguir, fornece a distribuição da amostra quanto ao rendimento familiar.

Tabela 3 - Distribuição dos sujeitos, em termos de frequência absoluta e percentual, em função da renda familiar, segundo o bairro de procedência

Sítios	Maria		José		Vila		Jardim		Total	
	Casagrande		Sampaio		Tibério		Recreio			
Renda Familiar *	f	%	f	%	f	%	f	%	f	%
0 — 3	12	44.5	4	10.8	3	7.7	—	—	19	14.1
3 — 6	10	37.0	16	43.3	12	30.8	1	3.1	39	28.9
6 — 9	4	14.8	5	13.5	9	23.1	2	6.3	20	14.8
9 ≤	1	3.7	10	27.0	15	38.4	29	90.6	55	40.7
Não souberam informar	—	—	2	5.4	—	—	—	—	2	1.4
Total	27	100.0	37	100.0	39	100.0	32	100.0	135	100.0

* Expressa em unidades de salário mínimo.

No sítio Maria Casagrande a renda familiar dos sujeitos estudados concentra-se principalmente na faixa de 0 a 3 salários mínimos, há um aumento contínuo entre os bairros José Sampaio, Vila Tibério e Jardim Recreio. Sendo que neste último 90.6% dos entrevistados possuíam uma renda familiar maior que 10 salários mínimos.

Tratamento dos dados

Para a análise da Escala da Vida Familiar, primeiramente foram atribuídos os valores de 0, 1, 2, 3, respectivamente, às respostas da escala (discordo totalmente, discordo, concordo e concordo totalmente). Em seguida, os itens “negativos” da escala tiveram os seus valores de respostas recodificados, invertendo-se os valores da seguinte maneira: valor antigo 0 = valor recodificado 3; valor antigo 1 = valor recodificado 2; valor antigo 2 = valor recodificado 1; valor antigo 3 = valor recodificado 0. Em seguida, quanto à questão dos “dados que faltam”, tomou-se a decisão de substituir o “dado ausente” pela moda respectiva do item da escala (a saber, nos itens 1, 4, 7, 10, 11, 12, 13, 16 e 17, $M_o = 2$; e nos itens 2, 3, 5, 6, 8, 9, 14, 15 e 18, $M_o = 1$). E consecutivamente foi calculado o coeficiente de consistência interna (alfa de Cronbach), como proposto por Pereira (2001), e avaliado o desempenho dos itens.

Análise da Escala da Vida Familiar

Quanto ao estudo da confiabilidade, a escala apresentou uma alta consistência interna ($\alpha = 0.8951$). Para o exame do comportamento dos itens da escala pode-se observar dados relevantes na Tabela 4.

Tabela 4 - Análise de confiabilidade da Escala da Vida Familiar (n = 135)

Estatísticas da Escala	Média 36,5778	Variância 74,2159	Desvio-Padrão 8,6149	N de Variáveis 18	
Estatísticas Item-Total					
Item	Escala média se o item é desprezado	Variância da escala se o item é desprezado	Correlação corrigida entre o item e total	Correlação múltipla ao quadrado	Alfa se o item é desprezado
1	34,2148	67,3789	,4805	,4499	,8913
2	35,6148	71,0296	,1471	,2408	,9038
3	34,6519	65,7809	,5719	,4425	,8883
4	33,9259	70,4572	,3850	,3238	,8937
5	34,4519	63,6973	,7134	,6235	,8833
6	35,1778	66,3711	,4001	,4567	,8960
7	34,6000	66,8537	,5097	,4870	,8904
8	34,3852	67,7610	,4439	,3198	,8925
9	34,8296	65,3514	,6049	,6287	,8872
10	34,3037	66,8996	,5801	,4826	,8884
11	34,3111	66,6338	,6063	,4682	,8876
12	34,5259	64,1616	,7303	,6987	,8831
13	34,2667	66,8836	,6354	,6248	,8871
14	34,4963	67,5205	,4799	,3931	,8913
15	34,4815	64,6545	,6844	,5734	,8846
16	34,2963	65,5683	,7218	,6714	,8844
17	34,2444	65,6189	,7381	,7167	,8841
18	35,0444	66,3114	,4557	,4891	,8929
Alfa = ,8951 Alfa padronizado = ,9017					

O valor da escala média é 36.5778, os itens de maior peso para esse indicador são aqueles cujas ausências causariam uma maior redução do seu valor. Esses itens seriam primeiramente o item 4, em segundo o item 1 e em terceiro o item 17. Contudo, pode-se observar que a maioria dos outros itens possuem valores que não diferem significativamente dos 3 itens apontados acima. Os itens que teriam um menor peso para esse indicador seriam os itens 18, 6 e 2. Quanto à variância da escala, os itens 5 e 12 são os que apresentam uma maior variação da medida.

Em relação à análise do “Alfa, se o item é desprezado”, que demonstra o impacto que a retirada de cada item teria sobre o desempenho do indicador, observa-se apenas que os itens 2 e 6 melhorariam o desempenho da escala se fossem retirados. No entanto, a retirada destes itens não melhoraria o desempenho da escala de forma significativa, elevariam o α de 0.8951 para 0.9038 (item 2) ou para 0.8960 (item 6).

O bom desempenho dos itens nesta última forma de análise pode ser tomado como indicação de boa consistência interna para a escala, o que permite que a mesma seja mantida no formato inicial (18 itens), sem exclusão de qualquer um dos itens.

A partir dos resultados acima apresentados, a Escala da Vida Familiar foi considerada um instrumento de mensuração com considerável confiabilidade, o que permitiu que se prosseguisse na investigação da consonância cultural.

ANEXOS

ANEXO A – Aceite do Comitê de Ética em Pesquisa

CEP. 14048-900
RIBEIRÃO PRETO - S.P.
BRASIL

HOSPITAL DAS CLÍNICAS DA FACULDADE DE MEDICINA
DE RIBEIRÃO PRETO DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

CAMPUS UNIVERSITÁRIO – MONTE ALEGRE
FONE: 602-1000 - FAX (016) 633-1144

Ribeirão Preto, 03 de outubro de 2002

Ofício nº 2698/2002
CEP/SPC

Prezada Senhora:

O trabalho intitulado **“VIDA FAMILIAR: MODELOS, CONSENSO E CONSONÂNCIA CULTURAL NA POPULAÇÃO DE RIBEIRÃO PRETO”**, foi analisado pelo Comitê de Ética em Pesquisa, em sua 140ª Reunião Ordinária realizada em 30/09/2002, e enquadrado na categoria: **APROVADO**, de acordo com o Processo HCRP nº 7552/2002.

Aproveito a oportunidade para apresentar a Vossa Senhoria protestos de estima e consideração.

PROF. DR. SÉRGIO PEREIRA DA CUNHA
Coordenador do Comitê de Ética
em Pesquisa do HCFMRP-USP e da FMRP-USP

ANEXO B - Lista Livre das características positivas

FREELIST *Características Boas das Familiares*
 XXX
 XXX

Sensitivity level: OFF
 Max respondents: 50
 Max items: 500
 Input dataset: A:\FLFAM1.TXT

SORTED BY FREQUENCIES

ITEM		FREQUENCY	RESP PCT	AVG RANK	SALIENCE
1	UNIAO	25	60	3.040	0.360
2	BOM RELACIONA	17	40	3.647	0.256
3	AMOR	11	26	4.364	0.098
4	RELIGIOSA	10	24	6.700	0.057
5	SE AJUDA	10	24	3.500	0.123
6	SEM BRIGA	7	17	3.429	0.082
7	HONESTE	6	14	2.833	0.095
8	SINCERE	6	14	4.000	0.061
9	FIRME	6	14	5.000	0.082
10	TRATA OUTROS Bem	6	14	2.167	0.113
11	ALEGRIA	5	12	5.400	0.033
12	CONVERSA	5	12	3.800	0.057
13	COMPREENSAO	5	12	6.800	0.047
14	EDUCADA	5	12	4.200	0.055
15	RESPEITO	5	12	3.800	0.049
16	SEM VICIOS	4	10	7.000	0.009
17	ORGANIZADO	4	10	5.000	0.023
18	ENTENDIMENTO	4	10	4.250	0.061
19	TRABALHA	4	10	4.000	0.045
20	CASAL BOM	4	10	1.250	0.092
21	FESTAS	4	10	3.500	0.024
22	AMIZADE	3	7	2.667	0.054
23	PAIS ORIENTA	3	7	7.000	0.011
24	FIDELIDADE	3	7	4.000	0.048
25	FILHOS BEM EDUCADO	3	7	8.000	0.035
26	COMPANHEIRISMO	3	7	4.000	0.047
27	SOLIDARIDADE	3	7	2.667	0.055
28	ESFORCO	2	5	5.000	0.038
29	DINHEIRO	2	5	2.500	0.030
30	HARMONIA	2	5	2.000	0.036
31	FILHOS OBEDIENTE	2	5	5.000	0.026
32	HUMILIDADE	2	5	6.000	0.008
33	SAUDE	2	5	3.500	0.024
34	EDUCADO	2	5	4.000	0.014
35	COOPERACAO	2	5	5.500	0.011
36	LIBERDADE	2	5	3.000	0.029
37	GRANDE	2	5	1.000	0.048
38	COMPLICIDADE	2	5	3.000	0.020
39	CARINHO	2	5	3.500	0.026
40	PARTICIPATIVA	2	5	4.500	0.008
41	PRESTATIVO	2	5	3.500	0.029
42	CONSELHA	1	2	5.000	0.005
43	FRATERNIDADE	1	2	2.000	0.021

		1	2	5.000	0.005
44	PAGA CONTAS	1	2	1.000	0.024
45	SERVE	1	2	11.000	0.011
46	DETERMINACAO	1	2	4.000	0.014
47	SEM DROGAS	1	2	13.000	0.009
48	PERSERVERANCA	1	2	4.000	0.014
49	SOLARIDADE	1	2	14.000	0.008
50	SIMPATIA	1	2	10.000	0.013
51	PACIENTE	1	2	4.000	0.016
52	SEM PRECONCEITOS	1	2	6.000	0.018
53	SABEDORIA	1	2	4.000	0.006
54	SEM SAIDOR	1	2	5.000	0.000
55	SEM FALADOR	1	2	4.000	0.010
56	SEM XINGAR	1	2	18.000	0.003
57	VISAO	1	2	1.000	0.024
58	RESOLVEM	1	2	3.000	0.014
59	FILHOS BEM COM PAIS	1	2	3.000	0.017
60	INDEPENDENCIA	1	2	5.000	0.010
61	SENSIBILIDADE	1	2	4.000	0.010
62	INTERESSE OUTRO	1	2	1.000	0.024
63	CONTROLADO	1	2	3.000	0.019
64	COORDENACAO	1	2	2.000	0.018
65	FILHOS	1	2	7.000	0.008
66	AFINIDADE	1	2	1.000	0.024
67	CONFINACA	1	2	8.000	0.000
68	BEM RELACIONA	1	2	3.000	0.000
69	ACEITACAO	1	2	2.000	0.016
70	CONSELHO	1	2	3.000	0.017
71	GENEROSO	1	2	6.000	0.007
72	EMPATIA	1	2	6.000	0.000
73	DISPONIBILIDADE	1	2	6.000	0.004
74	COMPARTILHA	1	2	6.000	0.000
75	INTEGRIDADE	1	2	3.000	0.008
76	DEDICACAO	1	2	2.000	0.018
77	POSITIVO	1	2	1.000	0.024
78	HUMILDADE	1	2	6.000	0.007
79	VIRTUDE	1	2	3.000	0.008
80	BACANAS	1	2	1.000	0.024
81	FILHOS ESPORTE	1	2	5.000	0.005
82	ESTUDA	1	2	6.000	0.000
83	TRABALHO	1	2	6.000	0.007
84	FALAR NAO	1	2	2.000	0.016
85	MORAL	1	2	6.000	0.000
86	PAIS VIVEM	1	2	3.000	0.016
87	INTELIGENTE	1	2	4.000	0.012
88	CONVERSAR	1	2	5.000	0.008
89	NAO OSTENTOSO	1	2		
Total/Average:		247	5.881		

ANEXO C - Lista Livre das características negativas

FREELIST *Características Ruins das Familia*
 AA
 AAA

Sensitivity level: OFF
 Max respondents: 50
 Max items: 500
 Input dataset: A:\FLFAM2.TXT

SORTED BY FREQUENCIES

	ITEM	FREQUENCY	RESP PCT	AVG RANK	SALIENCE
1	BRIGAR	16	39	2.563	0.247
2	DESUNIAO	14	34	4.214	0.135
3	DESRESPEITO	12	29	3.167	0.188
4	BEBEM	10	24	3.300	0.107
5	SEM AJUDA	9	22	2.444	0.150
6	SEM EDUCACAO	8	20	4.375	0.105
7	VIOLENCIA	8	20	5.000	0.060
8	CRITICA	8	20	4.875	0.062
9	EGOISMO	7	17	3.571	0.096
10	DROGAS	7	17	2.714	0.107
11	SEM AMOR	6	15	4.167	0.072
12	SEM TRABALHO	6	15	2.333	0.096
13	IRRESPONSABILIDADE	5	12	4.400	0.060
14	EXPLORACAO	5	12	4.200	0.064
15	ORGULHO	4	10	5.000	0.041
16	SEPARADOS	4	10	4.500	0.025
17	NAO RELIGIOSA	4	10	6.250	0.032
18	DESCONESTA	4	10	5.000	0.032
19	NAO CONVERSA	3	7	2.333	0.049
20	VICIOS	3	7	3.667	0.033
21	TRAICAO	3	7	2.667	0.033
22	MENTIRAS	3	7	4.333	0.025
23	DESORGANIZADO	3	7	6.000	0.009
24	ROUBAS	3	7	5.667	0.028
25	FALSIDADE	2	5	5.500	0.024
26	INDIVIDUOISMO	2	5	3.500	0.030
27	REBELDAS	2	5	2.500	0.039
28	SEM PAZ	2	5	1.500	0.046
29	RIVALIDADE	2	5	3.500	0.033
30	DESOBEDIENCA	2	5	4.500	0.030
31	DISPUTA	1	2	1.000	0.024
32	ESTUPO	1	2	4.000	0.015
33	PAIS NAO AJUDA	1	2	2.000	0.020
34	RANCOR	1	2	3.000	0.015
35	INDEFERENCA	1	2	4.000	0.010
36	MEGUICOSA	1	2	7.000	0.010
37	DIVIDAS	1	2	9.000	0.000
38	FILHO PROBLEMA	1	2	1.000	0.024
39	NAO SINCERIDADE	1	2	10.000	0.002
40	SEM HIGIENE	1	2	11.000	0.000
41	CASAL NAO LEGAL	1	2	8.000	0.005
42	FALTA DE TOLERENCIA	1	2	8.000	0.003
43	CASAL CONVENIENCIA	1	2	7.000	0.000

44	INVEJA	1	2	1.000	0.024
45	CIUME	1	2	2.000	0.020
46	DESENTENDIMENTO	1	2	6.000	0.000
47	PASSA PERNA	1	2	2.000	0.020
48	LINISMO	1	2	8.000	0.007
49	FECHADA	1	2	4.000	0.012
50	DESCUIDADA	1	2	5.000	0.008
51	AUTORITARISMO	1	2	5.000	0.015
52	ADULTERIOS	1	2	7.000	0.008
53	SEM ATNECAO	1	2	6.000	0.004
54	CHANTAGEM	1	2	11.000	0.000
55	SEM CUMPLICIDADE	1	2	4.000	0.006
56	COM POLICIA	1	2	2.000	0.021
57	RACISTA	1	2	1.000	0.024
58	ASSISINO	1	2	5.000	0.012
59	NAO COMBINAM	1	2	1.000	0.024
60	COMPETICAO	1	2	1.000	0.024
61	HUMILIACAO	1	2	6.000	0.004
62	DESAVENCA	1	2	3.000	0.012
63	MERQUINHARIA	1	2	3.000	0.018
64	SEM CONSIDERACAO	1	2	10.000	0.002
65	SEM LIMITES	1	2	6.000	0.009
66	MAU CARATER	1	2	1.000	0.024
67	INTRIGA	1	2	2.000	0.021
68	HUMILIAR	1	2	3.000	0.017
69	INTROMETIDOR	1	2	4.000	0.012
70	DESCUIDADO	1	2	1.000	0.024
71	DESUMANA	1	2	2.000	0.020
72	FALA BOBAGEM	1	2	5.000	0.008
73	SEM FIDELIDADE	1	2	7.000	0.000
74	MAU RELACIONA	1	2	1.000	0.024
75	SEM DINHEIRO	1	2	3.000	0.015
76	DESAVENCAS	1	2	4.000	0.010
77	SEM CUIDA PAIS	1	2	5.000	0.005
78	FUMA	1	2	3.000	0.000
79	GASTA SUPERFLUO	1	2	1.000	0.024
80	MAU HUMOR	1	2	3.000	0.016
81	SEM FUTURO	1	2	7.000	0.000
82	TRISTE	1	2	2.000	0.012
83	FRAQUEZA	1	2	2.000	0.016
84	SEM INTELIGENCIA	1	2	3.000	0.008
85	TEIMOSIA	1	2	4.000	0.000
86	FANATISMO RELIGIOSO	1	2	2.000	0.012
87	SEM MORAIS	1	2	5.000	0.000
88	SEM FESTA	1	2	3.000	0.000
89	EMERGENTE	1	2	1.000	0.024
90	CONSPICUO	1	2	2.000	0.020
91	PRECONCEITOS	1	2	3.000	0.015
92	RACISMO	1	2	4.000	0.010

Total/Average:

229

5.585

ANEXO E – Roteiro de entrevista do Grupo Focal

Guia de Entrevista do Grupo Focal - Vida Familiar

Abertura

- Apresentação dos coordenadores e esclarecimentos acerca dos objetivos deste grupo, do tempo de duração do mesmo e de que não há respostas certas ou erradas, apenas desejamos saber o que os participantes pensam sobre os assuntos discutidos.

Questões

1. Muitas pessoas dizem que a família está mudando muito atualmente. Você pensa que isso é verdade? Na sua opinião, quais são as características que estão mudando mais?

Histórias

2. “Em uma família composta pelo pai, a mãe e três filhos (dois homens e uma mulher ou o filho mais velho e irmã do meio e o irmão caçula), ocorre o seguinte fato: a filha conta para os pais que está grávida de seu recente namorado.” Como vocês imaginam que essa família poderia reagir?
3. “Em uma família onde todos os membros trabalham e dividem as obrigações na casa, como pagar as contas, acontece sempre o mesmo fato: o chefe da família pede que o dinheiro seja entregue a ele, mas os demais se recusam, dizendo que podem cuidar de suas obrigações. O chefe então diz que a casa é dele e que tem que ser assim.” O que vocês acham que pode acontecer?
4. “Um homem chega em casa depois de um dia de trabalho, sua filha que quase não o encontra, está com problemas na escola e diz a ele que a diretora pediu que ele compareça na escola. Ele então diz que ela só lhe dá problemas.” O que vocês pensam sobre essa situação?
5. “Uma mulher conversa com o marido sobre seu filho, que atualmente bebe e briga com ela. Ela diz que não sabe o que fazer, se para de falar com ele ou tenta ajudá-lo.” O que vocês pensam sobre essa situação?

Questões

6. Quais são os problemas mais importantes para as famílias nesse momento? Como é que as famílias podem enfrentar esses problemas?
7. Imagine um casal que está começando uma vida juntos. Quais são as coisas mais importantes que eles podem fazer para criar uma boa família?
8. O que faz com que uma família se quebre, se desagregue?

9. Um problema que existe em Ribeirão Preto é o problema de drogas entre os adolescentes. Como é que uma família pode ajudar um adolescente a enfrentar o problema de drogas no mundo fora da família?
10. A TV, para o mal ou para o bem, pode influenciar muito uma família. Quais são os efeitos mais fortes da TV sobre a família?

Encerramento

O coordenador agradece a participação dos mesmos e convida-os a tomar um café ou refresco.

ANEXO F – Características ocupacionais do Instrumento de Avaliação Socioeconômica

INSTRUMENTAL DE CLASSIFICAÇÃO SÓCIO-ECONÔMICA

Categorias Ocupacionais

Ocupação	Com emprego	Sem Emprego
Empresários: proprietários na agricultura, agroindústria, indústria, comércio, sistema financeiro, serviços, etc.		
Trabalhadores de alta administração: juízes, promotores, diretores, administradores, gerentes, supervisores, assessores, consultores, etc.		
Profissionais liberais autônomos: médico, advogado, contador, arquiteto, engenheiro, dentista, representante comercial, oculista, auditor, etc.		
Trabalhadores assalariados administrativos, técnicos e científicos: chefias em geral, assistentes, ocupações de nível superior, analistas, ocupações de nível médio, atletas profissionais, técnicos em geral, servidores públicos nível superior, etc.		
Trabalhadores assalariados: ocupações da produção, da administração (indústria, comércio, serviço, setor público e sistema financeiro), ajudantes e auxiliares, etc.		
Trabalhadores por conta própria (autônomos): pedreiros, caminhoneiros, marceneiros, feirantes, cabeleireiros, taxistas, vendedores, etc.		
Pequenos produtores rurais: meeiro, parceiro, chacareiro, etc.		
Empregados domésticos: jardineiro, diarista, mensalista, faxineiro, cozinheiro, mordomo, babá, motorista particular, atendente, etc.		
Trabalhadores rurais assalariados, volantes e assemelhados: ambulantes, chapa, bóia-fria, ajudantes gerais, etc.		

ANEXO G – Escala de Consonância Cultural da Vida Familiar

A vida familiar

Agora, gostaria de falar sobre as suas opiniões sobre a sua família. Vou ler a você uma afirmação, e só quero saber se você concorda ou discorda com esta afirmação.

	Discorda totalmente	Discorda	Concorda	Concorda totalmente
1. Na minha família, nós nos sentimos próximos uns dos outros.	0_____	1_____	2_____	3_____
2. Às vezes eu desejo que a minha família seja organizada.	0_____	1_____	2_____	3_____
3. Às vezes, quando eu preciso, não tenho ajuda para resolver os problemas.	0_____	1_____	2_____	3_____
4. As pessoas na minha família são trabalhadoras.	0_____	1_____	2_____	3_____
5. Às vezes evitamos uns aos outros.	0_____	1_____	2_____	3_____
6. Às vezes, eu desejo que em minha família poderíamos sentir mais amor uns aos outros.	0_____	1_____	2_____	3_____
7. Nós somos tão bem ajustados como qualquer família poderia ser.	0_____	1_____	2_____	3_____
8. Quando eu faço alguma coisa, eu faço o que eu quero sem pensar na família.	0_____	1_____	2_____	3_____
9. Eu acho que a minha família faz críticas demais.	0_____	1_____	2_____	3_____
10. Minha família enfrenta os problemas com firmeza.	0_____	1_____	2_____	3_____
11. Normalmente minha família é uma família alegre.	0_____	1_____	2_____	3_____
12. Eu e minha família nos entendemos completamente.	0_____	1_____	2_____	3_____
13. Nós nos ajudamos a lidar com os nossos problemas quando eles aparecem.	0_____	1_____	2_____	3_____
14. Nós não temos tempo para ouvir uns aos outros.	0_____	1_____	2_____	3_____

	<u>Discorda totalmente</u>	<u>Discorda</u>	<u>Concorda</u>	<u>Concorda totalmente</u>
15. Às vezes parece que não temos respeito suficiente na minha família.	0_____	1_____	2_____	3_____
16. Eu posso conversar de coisas importantes com a minha família.	0_____	1_____	2_____	3_____
17. Nós nos sentimos amados na nossa família.	0_____	1_____	2_____	3_____
18. Às vezes eu desejo que minha família não brigue tanto.	0_____	1_____	2_____	3_____

ANEXO H – Questionário Sociocultural

Entrevista: Projeto CADI

A. Composição da casa

1. Sítio _____ 2. Família _____ 3. Pessoa _____
4. Sexo: masc. _____ fem. _____ 5. Estado civil _____

Pessoa (iniciais)	Idade	Parentesco	Ocupação	TA	A	E
		Chefe de casa				
		Dona de casa				

TA = trabalhando agora? (sim ou não)

A = número de meses em que trabalhou nos últimos 12 meses

E = Entrevistado? (sim ou não)

6. De onde você é? _____

7. [Se não é de Ribeirão] : Há quanto tempo mora aqui? _____

8. Tem família aqui na cidade? _____ Quais:
- a. Pais _____
 - b. Irmãos _____
 - c. Irmãs _____
 - d. Tios/tias _____
 - e. Primos/primas _____
 - f. Outras _____
9. Até que ano você frequentou a escola? (Nota: Marque o grau no parênteses e faça um círculo no número que corresponde a última série frequentada.)
- a. () Nunca frequentou
 - b. () Educação de jovens e adultos/mobral
 - c. () Ensino fundamental 1 2 3 4 5 6 7 8
 - d. () Ensino medio 1 2 3
 - e. () Ensino superior 1 2 3 4 5 6 [Completa? _____]
10. Até que ano seu esposo/sua esposa frequentou escola?
- a. () Nunca frequentou
 - b. () Educação de jovens e adultos/mobral
 - c. () Ensino fundamental 1 2 3 4 5 6 7 8
 - d. () Ensino medio 1 2 3
 - e. () Ensino superior 1 2 3 4 5 6 [Completa? _____]

B. Religião

1. Qual é a sua religião? _____

Agora gostaria de perguntar algumas questões sobre pensamentos religiosos e atividades na igreja.

	<u>Nunca</u>	<u>Raramente</u>	<u>Com alguma frequência</u>	<u>A maior parte do tempo</u>
Com que frequência você:				
2. vai aos cultos religiosos?	0_____	1_____	2_____	3_____

	<u>Nunca</u>	<u>Raramente</u>	<u>Com alguma frequência</u>	<u>A maior parte do tempo</u>
3. sente que a sua fé o ajuda a subir na vida?	0_____	1_____	2_____	3_____
4. sente que a sua fé o ajuda a entender a sua vida?	0_____	1_____	2_____	3_____
5. participa de atividades na sua religião?	0_____	1_____	2_____	3_____
6. sente que a sua fé o ajuda no seu casamento (ou outros relacionamentos)?	0_____	1_____	2_____	3_____
7. tem o hábito de rezar?	0_____	1_____	2_____	3_____

C. Estilo de vida

Agora, eu gostaria de perguntar sobre aspetos do seu estilo de vida. Dos seguintes objetos, quais você possui?

1. máquina de lavar roupas_____
2. carro_____
3. microondas_____
4. acesso à internet_____
5. fogão_____
6. celular_____
7. sofá e poltronas_____
8. mesa e cadeiras_____
9. uma casa própria_____
10. video_____
11. computador_____
12. geladeira_____
13. telefone fixo_____
14. TV_____
15. aparelho de som_____

16. Tem dinheiro suficiente para gastos extras?

Não_____ Sim, mas só um pouco_____ Sim, suficiente_____

17. Tem dinheiro suficiente para a escola dos seus filhos (ou para você mesmo)?

Não_____ Sim_____

Agora quero perguntar sobre atividades de tempo livre. Quantas vezes por mês você pode fazer estas atividades?

	<u>Nunca</u>	<u>Uma a duas vezes/mês</u>	<u>Uma vez por semana</u>	<u>Mais do que uma vez/semana</u>
1. ir ao clube	0_____	1_____	2_____	3_____
2. ouvir música	0_____	1_____	2_____	3_____
3. ir ao shopping	0_____	1_____	2_____	3_____
4. ir à igreja	0_____	1_____	2_____	3_____
5. ir a barzinhos	0_____	1_____	2_____	3_____
6. estudar para se desenvolver pessoalmente	0_____	1_____	2_____	3_____
7. almoçar fora de casa só pelo prazer	0_____	1_____	2_____	3_____
8. passar um tempo só descansando	0_____	1_____	2_____	3_____
9. usar a internet	0_____	1_____	2_____	3_____
10. praticar esportes	0_____	1_____	2_____	3_____
11. ir a festas	0_____	1_____	2_____	3_____
12. assistir TV	0_____	1_____	2_____	3_____
13. ir ao cinema	0_____	1_____	2_____	3_____
14. conversar com amigos só pelo prazer	0_____	1_____	2_____	3_____
15. ler só pelo prazer	0_____	1_____	2_____	3_____
16. ir ao teatro	0_____	1_____	2_____	3_____

D. Suporte social

Vou ler a você alguns problemas que a gente pode encontrar na vida. Aqui tem uma lista de tipos diferentes de pessoas que podem ajudar com estes problemas. Quero saber quem você pensa que seria a pessoa mais importante para ajudar com um problema. Depois, quero saber quem você pensa que seria a Segunda pessoa que poderia ajudar com este problema, e a terceira pessoa. [Depois da terceira]: Me diga agora se você procuraria ou não algumas dessas pessoas. [Ler as opções até agora não selecionadas pelo o sujeito.]

Problema:	Amigos	Família	Um médico ou psicólogo	Uma pessoa religiosa	Um (a) colega de trabalho	Um especialista na área	Uma outra pessoa
1. Problema de desemprego							
2. Precisa de uma carona							
3. Problemas no seu trabalho							
4. Depressão (ou problema similar)							
5. Problemas na família							
6. Problema de doença							
7. Problemas de relacionamentos							
8. Problemas com filhos							
9. Falta de dinheiro							

E. Locus de controle

Agora, gostaria de perguntar sobre as suas opiniões sobre doenças e outras coisas. Por favor, me diga se você concorda ou discorda das seguintes afirmações.

	<u>Discorda totalmente</u>	<u>Discorda</u>	<u>Concorda</u>	<u>Concorda totalmente</u>
1. Pensando em doenças, o que tiver que acontecer, acontecerá.	0_____	1_____	2_____	3_____
2. Algumas vezes eu sinto que estou sendo “empurrado” na vida.	0_____	1_____	2_____	3_____
3. Nada posso fazer para mudar algumas coisas importantes na minha vida.	0_____	1_____	2_____	3_____

	Discorda totalmente	Discorda	Concorda	Concorda totalmente
4. A maior parte das doenças melhora, não importa qual tratamento foi usado.	0_____	1_____	2_____	3_____
5. Quando as pessoas ficam doentes, geralmente é por azar.	0_____	1_____	2_____	3_____
6. Para alguns dos problemas que eu tenho, não têm soluções.	0_____	1_____	2_____	3_____
7. Quando as pessoas ficam doentes, devem pedir ajuda a Deus, ou não melhoram.	0_____	1_____	2_____	3_____
8. Se Deus quer enviar uma doença para você, não há nada que você possa fazer.	0_____	1_____	2_____	3_____
9. Não há nada que eu possa fazer sobre as coisas que me acontecem.	0_____	1_____	2_____	3_____
10. Quando alguém fica doente, nada se pode fazer por ele.	0_____	1_____	2_____	3_____
11. Se você fica doente, é porque você vive sob uma pressão muito grande.	0_____	1_____	2_____	3_____
12. Quando eu tenho um problema, faço coisas para não pensar nele.	0_____	1_____	2_____	3_____
13. Eu sempre me sinto desamparado ao lidar com meus problemas.	0_____	1_____	2_____	3_____
14. As pessoas que têm boa saúde são as pessoas de sorte.	0_____	1_____	2_____	3_____

F. Estresse percebido:

Agora eu tenho um novo grupo de questões sobre algumas coisas que pode acontecer na vida de uma pessoa. Por favor, fale-me sobre quantas vezes você sentiu isso durante o mês passado.

Durante o mês passado, com que frequência:

	Nunca	Uma vez por semana	Dua/três vez. por semana	Quase todo dia
1. Você se sentiu sem controle sobre importantes acontecimentos de sua vida?	0_____	1_____	2_____	3_____

	Nunca	Uma vez por semana	Dua/três vez. por semana	Quase todo dia
2. Você sentiu que estava realmente conseguindo importantes mudanças em sua vida?	0_____	1_____	2_____	3_____
3. Você sentiu com capacidade de controlar sua vida?	0_____	1_____	2_____	3_____
4. Você sentiu confiança em lidar com seus problemas?	0_____	1_____	2_____	3_____
5. Você sentiu que as coisas tomaram o rumo que você pretendia para elas?	0_____	1_____	2_____	3_____
6. Você foi capaz de resolver as coisas que te preocuparam ?	0_____	1_____	2_____	3_____
7. Você sentiu que havia muitos problemas, que você não podia resolver?	0_____	1_____	2_____	3_____
8. Você foi capaz de controlar o modo como você usou seu tempo?	0_____	1_____	2_____	3_____
9. Você se sentiu nervoso, com estafa (cansado, irritado)?	0_____	1_____	2_____	3_____
10. Você se sentiu zangado porque aconteceram coisas que você não pode controlar?	0_____	1_____	2_____	3_____

G. CES-D

Agora eu quero perguntar algumas questões muito similar às outras, mas agora eu vou perguntar mais sobre como você tem se sentido, e quero perguntar só sobre a última semana.

	Raramente (< de 1 dia)	Pouco tempo (1-2 dias)	Um tempo moderado (3-4 dias)	A maior parte do tempo (5-7 dias)
<hr/>				
Durante a última semana:				
1. Senti-me incomodado com coisas que habitualmente não me incomodam.	0_____	1_____	2_____	3_____
2. Não tive vontade de comer, tive pouco apetite.	0_____	1_____	2_____	3_____

	Raramente (< de 1 dia)	Pouco tempo (1-2 dias)	Um tempo moderado (3-4 dias)	A maior parte do tempo (5-7 dias)
3. Senti não conseguir melhorar meu estado de ânimo mesmo com a ajuda de familiares e amigos.	0_____	1_____	2_____	3_____
4. Senti-me, comparando-me às outras pessoas, tendo tanto valor quanto a maioria delas.	0_____	1_____	2_____	3_____
5. Senti dificuldade em me concentrar no que estava fazendo.	0_____	1_____	2_____	3_____
6. Senti-me deprimido.	0_____	1_____	2_____	3_____
7. Senti que tive que fazer esforço para dar conta das minhas tarefas habituais.	0_____	1_____	2_____	3_____
8. Senti-me otimista com relação ao futuro.	0_____	1_____	2_____	3_____
9. Considerei que minha vida tinha sido um fracasso.	0_____	1_____	2_____	3_____
10. Senti-me amedrontado.	0_____	1_____	2_____	3_____
11. Meu sono não foi repousante.	0_____	1_____	2_____	3_____
12. Estive feliz.	0_____	1_____	2_____	3_____
13. Falei menos que habitual.	0_____	1_____	2_____	3_____
14. Senti-me sozinho.	0_____	1_____	2_____	3_____
15. As pessoas não foram amistosas comigo.	0_____	1_____	2_____	3_____
16. Aproveitei minha vida.	0_____	1_____	2_____	3_____
17. Tive crises de choro.	0_____	1_____	2_____	3_____
18. Senti-me triste.	0_____	1_____	2_____	3_____
19. Senti que as pessoas não gostavam de mim.	0_____	1_____	2_____	3_____
20. Não consegui levar adiante				

minhas coisas. 0_____ 1_____ 2_____ 3_____

H. A vida familiar

Agora, gostaria de falar sobre as suas opiniões sobre a sua família. Vou ler a você uma afirmação, e só quero saber se você concorda ou discorda com esta afirmação.

	Discorda totalmente	Discorda	Concorda	Concorda totalmente
1. Na minha família, nós nos sentimos próximos uns dos outros.	0_____	1_____	2_____	3_____
2. Às vezes eu desejo que a minha família seja organizada.	0_____	1_____	2_____	3_____
3. Às vezes, quando eu preciso, não tenho ajuda para resolver os problemas.	0_____	1_____	2_____	3_____
4. As pessoas na minha família são trabalhadoras.	0_____	1_____	2_____	3_____
5. Às vezes evitamos uns aos outros.	0_____	1_____	2_____	3_____
6. Às vezes, eu desejo que em minha família poderíamos sentir mais amor uns aos outros.	0_____	1_____	2_____	3_____
7. Nós somos tão bem ajustados como qualquer família poderia ser.	0_____	1_____	2_____	3_____
8. Quando eu faço alguma coisa, eu faço o que eu quero sem pensar na família.	0_____	1_____	2_____	3_____
9. Eu acho que a minha família faz críticas demais.	0_____	1_____	2_____	3_____
10. Minha família enfrenta os problemas com firmeza.	0_____	1_____	2_____	3_____
11. Normalmente minha família é uma família alegre.	0_____	1_____	2_____	3_____
12. Eu e minha família nos entendemos completamente.	0_____	1_____	2_____	3_____
13. Nós nos ajudamos a lidar com os nossos problemas quando eles aparecem.	0_____	1_____	2_____	3_____
14. Nós não temos tempo para ouvir uns aos outros.	0_____	1_____	2_____	3_____

	<u>Discorda totalmente</u>	<u>Discorda</u>	<u>Concorda</u>	<u>Concorda totalmente</u>
15. Às vezes parece que não temos respeito suficiente na minha família.	0_____	1_____	2_____	3_____
16. Eu posso conversar de coisas importantes com a minha família.	0_____	1_____	2_____	3_____
17. Nós nos sentimos amados na nossa família.	0_____	1_____	2_____	3_____
18. Às vezes eu desejo que minha família não brigue tanto.	0_____	1_____	2_____	3_____

I. Características nacionais

Estamos quase acabando com a entrevista. Aqui, eu quero perguntar sobre características que algumas pessoas pensam que podem descrever o povo brasileiro. Eu quero saber se você concorda ou discorda com estas afirmações.

	<u>Discorda totalmente</u>	<u>Discorda</u>	<u>Concorda</u>	<u>Concorda totalmente</u>
Os brasileiros:				
1. são batalhadores	0_____	1_____	2_____	3_____
2. são humildes	0_____	1_____	2_____	3_____
3. são trabalhadores	0_____	1_____	2_____	3_____
4. têm fé	0_____	1_____	2_____	3_____
5. gostam de levar vantagem	0_____	1_____	2_____	3_____
6. adoram samba e carnaval	0_____	1_____	2_____	3_____
7. aceitam um governo ruim	0_____	1_____	2_____	3_____
8. deixam tudo para a última hora	0_____	1_____	2_____	3_____
9. são hospitaleiros	0_____	1_____	2_____	3_____
10. os ricos não pensam nos pobres	0_____	1_____	2_____	3_____
11. são um povo alegre	0_____	1_____	2_____	3_____
12. são folgados	0_____	1_____	2_____	3_____
13. têm solidariedade	0_____	1_____	2_____	3_____

	<u>Discorda totalmente</u>	<u>Discorda</u>	<u>Concorda</u>	<u>Concorda totalmente</u>
14. gostam de diversão	0_____	1_____	2_____	3_____
15. sempre querem dar um jeitinho	0_____	1_____	2_____	3_____
16. têm bastante corrupção	0_____	1_____	2_____	3_____
17. são honestos	0_____	1_____	2_____	3_____
18. são preguiçosos	0_____	1_____	2_____	3_____

J. Atitudes e opiniões

E agora nós alcançamos o fim da entrevista. Eu só quero perguntar mais um jogo de questões. Tenho um jogo de afirmações aqui sobre aspetos diversos da vida, e quero saber se você concorda ou discorda com estas afirmações.

	<u>Discorda totalmente</u>	<u>Discorda</u>	<u>Concorda</u>	<u>Concorda totalmente</u>
1. Eu tenho vergonha do governo do Brasil.	0_____	1_____	2_____	3_____
2. Poucas vezes, eu deixo tudo para a última hora.	0_____	1_____	2_____	3_____
3. É impossível viver a vida sem o jeitinho brasileiro.	0_____	1_____	2_____	3_____
4. As vezes parece que eu não sou tão alegre quanto outras pessoas.	0_____	1_____	2_____	3_____
5. Eu prefiro me divertir com os meus amigos mais do que fazer coisas sozinho.	0_____	1_____	2_____	3_____
6. Na vida de hoje, é muito difícil receber apoio de outras pessoas.	0_____	1_____	2_____	3_____
7. Pare se viver hoje em dia, é necessário ser muito batalhador.	0_____	1_____	2_____	3_____
8. É muito importante para mim que outras pessoas pensam que eu sou uma pessoa honesta.	0_____	1_____	2_____	3_____
9. Eu gosto de receber bem outras pessoas.	0_____	1_____	2_____	3_____

	<u>Discorda totalmente</u>	<u>Discorda</u>	<u>Concorda</u>	<u>Concorda totalmente</u>
10 Eu gosto muito de estudar só pelo prazer de aprender.	0_____	1_____	2_____	3_____
11. Todo tempo e dinheiro gasto para realizar o carnaval, vale a pena.	0_____	1_____	2_____	3_____
12 Sempre que eu faço um negócio, me preocupo em levar vantagem.	0_____	1_____	2_____	3_____
13. Eu não sou uma pessoa com muita fé.	0_____	1_____	2_____	3_____
14. É muito importante para mim ler os jornais e revistas nacionais para entender o que está acontecendo no mundo.	0_____	1_____	2_____	3_____
15. Parece que é impossível para uma pessoa que é completamente honesta subir na vida.	0_____	1_____	2_____	3_____
16. Muitas pessoas aqui são preguiçosas demais para subir na vida.	0_____	1_____	2_____	3_____
17. Eu penso que para uma pessoa crescer na vida, precisa ser trabalhadora.	0_____	1_____	2_____	3_____
18. Têm muitos pobres no Brasil porque muitas pessoas não querem trabalhar para mudar as suas vidas.	0_____	1_____	2_____	3_____
19. A melhor vida é uma vida em que você pode ganhar mais com o mínimo esforço.	0_____	1_____	2_____	3_____
20. Quando eu alcanço um objetivo, é importante que todos saibam.	0_____	1_____	2_____	3_____

[Se lembra continuar na próxima página.]

K. Renda familiar

1. Renda mensal aproximada do chefe de casa:

0 a 1 salários mínimos ()	5 a 6 salários mínimos ()
1 a 2 salários mínimos ()	6 a 7 salários mínimos ()
2 a 3 salários mínimos ()	7 a 8 salários mínimos ()
3 a 4 salários mínimos ()	8 a 9 salários mínimos ()
4 a 5 salários mínimos ()	mais de 10 salários mínimos ()

2. Renda mensal aproximada da família:

0 a 1 salários mínimos ()	5 a 6 salários mínimos ()
1 a 2 salários mínimos ()	6 a 7 salários mínimos ()
2 a 3 salários mínimos ()	7 a 8 salários mínimos ()
3 a 4 salários mínimos ()	8 a 9 salários mínimos ()
4 a 5 salários mínimos ()	mais de 10 salários mínimos ()

MUITO OBRIGADA! Nós agradecemos muito a sua participação. Posso responder a algumas questões que você tenha? Bom. Na próxima etapa do projeto virá uma nutricionista da equipe que entrará em contato para marcar uma entrevista sobre a sua alimentação. Uma das duas nutricionistas da equipe—Mislene ou Daniela—vai contatar em breve. Outra vez—muito obrigada.

ANEXO J – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

FACULDADE DE MEDICINA DE RIBEIRÃO PRETO
DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

Consentimento Informado para Participar no Projeto CADI

Estamos convidando o(a) senhor(a) para participar de uma pesquisa. Os investigadores principais deste projeto são Dr. William W. Dressler da Universidade de Alabama nos Estados Unidos, e Dr. José Ernesto Dos Santos da Faculdade de Medicina de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo. Nesta pesquisa, estamos tentando descobrir as causas de doenças cardiovasculares aqui em Ribeirão Preto. Nesta pesquisa, estamos perguntando a pessoas como você, em entrevistas, sobre diferentes aspectos da vida, incluindo temas como o trabalho, a vida familiar, a vida cotidiana e outros; entrevistas sobre a alimentação e uma avaliação clínica. Se você concordar em participar, as etapas serão as seguintes:

- Uma entrevistadora vai visitar você para uma entrevista inicial.
- Depois, uma outra entrevistadora vai visitar você duas vezes para obter informações sobre a sua alimentação.
- Finalmente, uma enfermeira vai visitar você para obter informações sobre a sua saúde, incluindo pressão arterial e uma pequena amostra do seu sangue para determinar o nível de colesterol. Para a última entrevista é importante entender que: você não pode comer ou beber qualquer coisa depois das oito horas da noite no dia anterior da entrevista. É um processo muito comum e muito simples, mas às vezes uma pessoa pode sentir um certo desconforto, e, muito raramente, pode haver complicações. Se caso isso ocorra, a enfermeira vai tomar as providências necessárias.
- Se você estiver interessado em participar, é muito importante para você entender que:
 - (1) todos os dados são anônimos, ninguém pode associar as suas respostas a você;
 - (2) sua participação é voluntária e a qualquer momento pode desistir de participar; e,
 - (3) você está livre para não responder as perguntas se você quiser.

Se você tiver outras perguntas, pode contatar Dr. José Ernesto Dos Santos, Hospital das Clínicas, USP (602-2366).

Eu, _____, li e concordo em participar.

Assinatura - Participante

Data

Assinatura – Assistente da Pesquisa